

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E CULTURA - MESTRADO

CAROLINE FOSS LOVISON

**O COTIDIANO NA COLUNA SOCIAL DO PIONEIRO: UMA ANÁLISE CULTURAL
COMPARATIVA ENTRE OS ANOS DE 1970, 1990 E 2020 COM BASE NA
DECONSTRUÇÃO, DE JACQUES DERRIDA**

CAXIAS DO SUL

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

L911c Lovison, Caroline Foss

O cotidiano na coluna social do Pioneiro [recurso eletrônico] : uma análise cultural comparativa entre os anos de 1970,1990 e 2020 com base na desconstrução, de Jacques Derrida / Caroline Foss Lovison. – 2026.

Dados eletrônicos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura, 2026.

Orientação: Verónica Pilar Gomezjurado Zevallos.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Pioneiro (Jornal) - Caxias do Sul (RS) - História. 2. Colunismo social. 3. Sociedades - Caxias do Sul (RS). 4. Jornalismo - Aspectos culturais. 5. Derrida, Jacques, 1930-2004. I. Gomezjurado Zevallos, Verónica Pilar, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 070(816.5)(091)

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Carolina Machado Quadros - CRB 10/2236

**O COTIDIANO NA COLUNA SOCIAL DO PIONEIRO: UMA ANÁLISE
CULTURAL COMPARATIVA ENTRE OS ANOS DE 1970, 1990 E 2020 COM BASE
NA DESCONSTRUÇÃO, DE JACQUES DERRIDA**

Caroline Foss Lovison

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras e Cultura, Área de Concentração: Estudos de Linguagem, Literatura e Cultura. Linha de Pesquisa: Linguagem e Processos Culturais.

Caxias do Sul, 13 de agosto de 2026.

Banca Examinadora:

Dra. Verónica Pilar Gomezjurado Zevallos
Orientadora
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Carina Maria Melchior Niederauer
Universidade de Caxias do Sul

Dr. Marcell Bocchese
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Márcia Rosane Junges
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, o constante e inabalável apoio dos meus pais, Nilva e Laudi, que sempre acreditaram no impacto que uma mulher intelectualmente desenvolvida pode gerar no seu entorno. O carinho de vocês me transformou em um ser humano confiante, fiel aos seus sonhos e, acima de tudo, aos seus valores. Junto a eles, agradeço às minhas irmãs, Aline e Mariane, que foram as primeiras melhores amigas que o Universo teve a generosidade de me dar. Contar com vocês para dividir a vida é um verdadeiro presente.

Presto os mais sinceros agradecimentos ao meu noivo, Rafael, fonte de compreensão e incentivo diários. A sua inteligência me inspira e a sua crença no meu desenvolvimento tornam os dias leves e motivados. Ao citá-lo, não posso deixar de agradecer ao meu filho, Antônio, que, mesmo ainda muito pequeno, já me torna continuamente uma mulher mais feliz e disposta a evoluir profissionalmente e pessoalmente. Agora, ser seu exemplo é o mais genuíno impulso.

Por fim, mas de forma especial, agradeço à minha orientadora, Veronica, que dividiu comigo parte do seu talento e sabedoria para que o desenvolvimento desta dissertação fosse possível. Em paralelo, agradeço, também, aos meus colegas e a toda a equipe de professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura. Finalizo este processo renovada pelo conhecimento.

*A desconstrução é o acontecimento de
uma estrutura que se decompõe a partir
de si mesma.*

Jacques Derrida

RESUMO

Esta pesquisa realiza uma análise comparativa de aspectos culturais inscritos na coluna social do jornal *Pioneiro*, de Caxias do Sul, nas décadas de 1970, 1990 e 2020, tomando como referência os conceitos de escritura e de rastro propostos por Jacques Derrida. O estudo busca investigar de que maneira esses conceitos contribuem para evidenciar as mudanças culturais presentes na coluna social e justificar a mútua influência entre veículo de comunicação e sociedade. A pesquisa é de caráter qualitativo, baseada em revisão bibliográfica e análise documental de nove colunas sociais publicadas no jornal *Pioneiro* nos anos de 1970, 1990 e 2020. A fundamentação teórica aborda questões históricas e elementares do jornalismo e da coluna social, além dos conceitos derridianos de escritura, rastro, *différance* e acontecimento. As análises interpretativas e comparativas permitiram identificar permanências, deslocamentos e transformações culturais ao longo das décadas. Os resultados demonstram que a coluna social constitui um espaço de registro e legitimação de hábitos, valores e formas de sociabilidade. Ao mesmo tempo, observam-se permanências estruturais e editoriais que exemplificam a atuação dos rastros na constituição dos sentidos. Conclui-se que os conceitos de escritura e de rastro possibilitam compreender a coluna social como um espaço de produção, circulação e alteração de sentidos culturais, no qual permanências e mudanças se articulam continuamente, evidenciando a relação recíproca entre jornalismo e sociedade.

Palavras-chave: desconstrução; coluna social; jornalismo; cultura.

ABSTRACT

This research conducts a comparative analysis of cultural aspects inscribed in the social column of the newspaper *Pioneiro*, published in Caxias do Sul, across the 1970s, 1990s, and 2020s, drawing on the concepts of writing and trace proposed by Jacques Derrida. The study seeks to investigate how these concepts contribute to highlighting cultural changes present in the social column and to substantiating the mutual influence between the media and society. The research adopts a qualitative approach, based on a literature review and documentary analysis of nine social columns published in *Pioneiro* in the years 1970, 1990, and 2020. The theoretical framework addresses historical and foundational aspects of journalism and the social column, as well as Derrida concepts of writing, trace, *différance*, and event. The interpretative and comparative analyses made it possible to identify continuities, shifts, and cultural transformations across the decades. The results demonstrate that the social column constitutes a space for the recording and legitimization of habits, values, and forms of sociability. At the same time, structural and editorial continuities can be observed, exemplifying the role of traces in the constitution of meaning. It is concluded that the concepts of writing and trace make it possible to understand the social column as a space for the production, circulation, and transformation of cultural meanings, in which continuities and changes are continuously articulated, revealing the reciprocal relationship between journalism and society.

Keywords: deconstruction; social column; journalism; culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Coluna social – janeiro de 1970.....	52
Figura 2 – Coluna social – junho de 1970.....	57
Figura 3 – Coluna social – dezembro de 1970.....	62
Figura 4 – Coluna social – dezembro de 1970 parte 2.....	66
Figura 5 – Coluna social – janeiro de 1990.....	68
Figura 6 – Coluna social – junho de 1990.....	70
Figura 7 – Coluna social – dezembro de 1990.....	71
Figura 8 – Coluna social – janeiro de 2020.....	78
Figura 9 – Coluna social – janeiro de 2020 parte 2.....	79
Figura 10 – Coluna social – junho de 2020.....	81
Figura 11 – Coluna social – junho de 2020 parte 2.....	82
Figura 12 – Coluna social – dezembro de 2020.....	84
Figura 13 – Coluna social – dezembro de 2020 parte 2.....	85

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A ARTE DE INFORMAR: HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DO JORNALISMO	13
2.1 UMA TRAJETÓRIA FEITA DE PEQUENOS GRANDES INSTANTES	13
2.2 A INFORMAÇÃO: CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE	17
2.3 O MERCADO EDITORIAL E O JORNALISTA	21
2.4 AS COLUNAS SOCIAIS, O JORNAL PIONEIRO E OS COLUNISTAS	26
2.4.1 Jornal Pioneiro.....	30
2.4.2 Colunistas	31
3 A DESCONSTRUÇÃO: ESCRITURA E RASTROS.....	34
3.1 A ESCRITA E A DIFFÉRENCE.....	37
3.2 O RASTRO	41
3.3 O ACONTECIMENTO NA PERSPECTIVA DERRIDIANA.....	45
3.4 LEITURA DESCONSTRUTIVA DAS COLUNAS SOCIAIS.....	48
4 JORNAL EM FOCO: COLUNA SOCIAL ATRAVÉS DAS DÉCADAS	51
4.1 TRADIÇÃO NA DÉCADA DE 1970.....	51
4.2 AS MARCAS E ASSINATURAS DE 1990.....	67
4.3 AS TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS DA COLUNA SOCIAL EM 2020	77
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS	91

1 INTRODUÇÃO

Na medida em que registram acontecimentos, personagens, práticas e valores de uma determinada época, os jornais constituem importantes documentos para a compreensão das transformações sociais e culturais. Mais do que simples veículos de informação, os periódicos participam da produção e da circulação de representações sobre a realidade, contribuindo para a construção de imaginários coletivos e para a atribuição de visibilidade a certos grupos, comportamentos e modos de vida. Nesse contexto, as colunas sociais ocupam uma posição singular, pois evidenciam aspectos da sociabilidade cotidiana, selecionam acontecimentos considerados relevantes e projetam referências culturais que ultrapassam o momento imediato de sua publicação.

Ao mesmo tempo que refletem práticas e valores presentes em uma comunidade, as colunas sociais também participam desses valores, estabelecendo relações entre os agentes sociais, os interesses editoriais e as dinâmicas culturais de seu tempo. Assim, elas podem ser compreendidas como espaços discursivos privilegiados para a observação de permanências, deslocamentos e transformações culturais, especialmente quando analisadas em diferentes períodos históricos. É a partir dessa perspectiva que a presente pesquisa realiza uma análise comparativa de aspectos culturais inscritos na coluna social do jornal *Pioneiro*, de Caxias do Sul, nas décadas de 1970, 1990 e 2020 tomando como referência os conceitos de escritura e de rastro propostos por Jacques Derrida. Por meio desta dissertação, busca-se responder ao problema norteador: de que maneira os conceitos de escritura e de rastro, a partir de Derrida, contribuem para evidenciar as mudanças culturais presentes na coluna social do jornal *Pioneiro* nos anos de 1970, 1990 e 2020 que justifiquem a mútua influência entre veículo de comunicação e sociedade?

A escolha da desconstrução como referencial teórico decorre da possibilidade de compreender os textos jornalísticos não como registros transparentes da realidade, mas como produções discursivas atravessadas por processos de significação, diferenciação e inscrição cultural. A partir de Jacques Derrida, conceitos como escritura, rastro, *différance* e acontecimento permitem problematizar a constituição dos sentidos presentes nas colunas sociais e observar os vestígios que atravessam diferentes períodos históricos. A pesquisa é de caráter qualitativo, baseada em uma revisão bibliográfica e na análise documental de nove colunas sociais do jornal *Pioneiro*, de Caxias do Sul. As obras de Derrida escolhidas são, principalmente: *Gramatologia* (2004), *Escritura e a Diferença* (1995) e *Posições* (2001). A fim

de abordar os mecanismos inerentes ao mercado e à produção do jornalismo, especialmente o especializado e impresso, utilizam-se os autores: Cláudio Abramo, Juarez Bahia, Ciro Marcondes Filho, Luiz Beltrão, Nilson Lage e Nelson Traquina. A bibliografia já existente acerca do surgimento e dos estilos da coluna social atua como complemento à estruturação teórica.

O *corpus* no qual são baseadas as análises interpretativa e comparativa é formado por nove colunas sociais de edições distintas do jornal Pioneiro, publicadas nos seguintes anos: 1970, de 1990 e de 2020. A quantidade de colunas justifica-se pela pretensão de gerar uma análise sólida e coerente, sem tornar a pesquisa exaustiva em razão do volume repetitivo de dados. Alinhando o método qualitativo aos parâmetros interpretativos e comparativos, chega-se à conclusão de que três colunas, de três períodos diferentes do ano (1ª edição de janeiro, 1ª edição de junho e 1ª edição de dezembro), proporcionam uma noção concisa sobre as mudanças editoriais e sociais, bem como uma construção equilibrada na comparação entre as décadas, para exemplificar as transições e ressaltar os padrões que justificam a forte relação entre veículo e sociedade.

A composição do *corpus* foi determinada pela pesquisadora, que optou por partir da década de 1970, levando em conta que esse período proporcionaria um contraste claro com datações seguintes por tratar de anos fortemente marcados pelo conservadorismo político e social da Ditadura Militar (1964-1985). Tendo 1970 como referência, procurou-se estabelecer dois intervalos de 20 anos, especulando-se que marcas culturais se tornam mais perceptíveis dentro de intervalos ampliados. Dessa forma, 1990 soou como uma escolha razoável para compor o segundo período de análise, observando o processo de redemocratização como uma oportunidade para constatar distinções e indícios que apontavam uma sociedade em processo de “abertura” comportamental. O terceiro e último recorte de tempo seria, pela lógica, o ano de 2010. A pesquisadora, porém, procurando trazer a investigação para o contexto atual (dentro das possibilidades), e aproveitando o precedente da pandemia de Covid-19, em 2020, acontecimento que influenciou diversas transições socioculturais, optou por fazer a alteração, delimitando os anos de coleta do *corpus* em 1970, 1990 e 2020. A escolha do material seguiu direcionamentos pessoais e, ao mesmo tempo, considerações que tornam a comparação por meio da diferença possível. As edições das décadas de 1970 e de 1990 foram extraídas da Hemeroteca Digital Brasileira. Já as edições de 2020, por se referirem a outra sistemática de produção, veiculação e arquivamento, foram retiradas do site GZH – Pioneiro Digital, cujas páginas, em pdf, são cópias idênticas do que foi anteriormente publicado no jornal impresso.

Com o propósito de responder à pergunta norteadora, o trabalho orienta-se por meio de alguns objetivos a serem cumpridos, considerando que o objetivo geral é investigar de que maneira os conceitos de escritura e de rastro, a partir de Derrida, contribuem para evidenciar as mudanças culturais presentes na coluna social do jornal Pioneiro nas décadas de 1970, 1990 e 2020, que justifiquem a mútua influência entre veículo de comunicação e sociedade. Os objetivos específicos foram elaborados, assim, para cumprir com o objetivo geral e com a indagação que norteia a realização desta pesquisa. São eles: investigar os conceitos de escritura e de rastro propostos por Jacques Derrida; abordar uma breve história do jornalismo, os critérios de noticiabilidade que orientam o mercado editorial, seu papel social, bem como noções do jornalismo interpretativo; apresentar conceitos sobre a história e o estilo da coluna social presentes no referencial teórico já publicado; realizar uma análise interpretativa da coluna social do jornal Pioneiro nos anos de 1970, 1990 e 2020 a partir dos critérios de noticiabilidade propostos por Nelson Traquina (2013); produzir uma análise comparativa entre as colunas sociais do jornal Pioneiro nos anos de 1970, 1990 e 2020 com base em Derrida; apontar possíveis mudanças culturais para justificar a mútua influência entre veículo de comunicação e sociedade a partir da fundamentação de escritura e rastro proposta por Derrida.

Ao analisar o material produzido por pesquisadores acerca do assunto, constata-se um número considerável de dissertações, teses e artigos, sendo que essas publicações estão divididas, majoritariamente, em duas linhas de pensamento. A primeira diz respeito ao estilo de texto das colunas sociais propriamente dito, à sua constituição a partir dos critérios de noticiabilidade e à relação estabelecida com o mercado, que se apropria de tendências internacionais e de acontecimentos históricos. A segunda linha de pensamento contempla as análises interpretativas direcionadas especificamente a uma coluna ou a um colunista social, utilizando o recorte temporal e conteudista para produzir uma avaliação segmentada.

Após realizar o levantamento dos materiais já publicados sobre a temática de colunas sociais, destaca-se a ausência de estudos que abordem esse tipo de conteúdo na perspectiva da Serra Gaúcha, mais especificamente da cidade de Caxias do Sul. Comumente, os veículos de comunicação analisados pertencem a grandes metrópoles, como São Paulo e Rio de Janeiro, ambientes em que as tendências jornalísticas, advindas dos norte-americanos, chegaram primeiro. É preciso levar em conta, no entanto, que o município de Caxias do Sul comporta fenômenos de migração que atribuem características culturais diversas ao local e que dele derivam produções jornalísticas respeitadas e reconhecidas no mercado. A isso, soma-se o fato de que a pesquisadora é jornalista e está familiarizada com as dinâmicas que envolvem a produção de conteúdo, bem como com o impacto do jornalismo na comunidade.

Dessa forma, busca-se a obtenção de informações socioculturais a partir da análise comparativa e interpretativa da coluna social do jornal *Pioneiro*, de Caxias do Sul, em intervalos de 20 e 30 anos, modelo incomum à grande parte das pesquisas na área. Por isso, a proposta é embasada na demanda observada pela falta de investigação desses fenômenos na Serra Gaúcha aliada ao profundo interesse da pesquisadora sobre o assunto e ao entendimento de que essa análise poderá revelar mensuradores culturais da comunidade local.

A escolha da desconstrução como referência para a realização da presente pesquisa deve-se à articulação desse pensamento com a dinâmica intrínseca ao jornalismo, fornecendo a possibilidade de associar os questionamentos de Derrida à prática de escrita e de buscar conclusões baseadas nas noções de escritura e de rastro. Na década de 1960, Jacques Derrida formalizou os pilares da desconstrução, que propunham reavaliar algumas premissas filosóficas tidas como imutáveis até então. Com isso, o filósofo questionou o princípio de significado estabelecida pelos estudos da linguística clássica. Para ele, o significado já estaria, na realidade, ocupando o lugar de significante ou de “significante do significante” (Zevallos, 2014).

Ao considerar, portanto, a inutilidade que é tentar chegar à ascendência exata de uma concepção, Derrida explica que, na desconstrução, o que ficam são as marcas (os rastros) deixados por alguém ou por alguma interação. Eles podem ser vistos como o resultado da relação entre pessoas ou das pessoas com o meio, com o contexto. Essa troca produz vestígios cuja “originalidade da origem” não existe. Ademais, Derrida argumenta que as escrituras não são fixas e transcendentais em sentido, mas sim suscetíveis a variações, conflitos e mudanças, a depender da interpretação. Por meio desse aspecto, o entendimento nasce da diferenciação: nada é inerente à realidade existencial, mas tudo está aberto à discussão, à análise e à reinvenção. Assim, compreende-se a amplitude que o pensamento de Derrida sobre a escritura alcança, bem como os conteúdos que podem ser trabalhados se for levada em conta a projeção do que ela abrange (Zevallos, 2014).

Além dos apontamentos sobre o pensamento de Derrida, que embasam esta pesquisa, faz-se necessário entender alguns elementos da estrutura do jornalismo – no que diz respeito à técnica de produção de notícia e aos critérios de venda no mercado da comunicação – a fim de associar, futuramente, pontos entre a análise da coluna social do jornal *Pioneiro* e a desconstrução. Um desses pontos é o conceito de rastro, que permeia a produção jornalística, visto que ela é baseada na interação e nas marcas deixadas pelos conteúdos disponibilizados ao público. A coluna social, por sua vez, leva em consideração os acontecimentos tidos como relevantes pelos leitores e pelo colunista que escreve. Essa noção de importância deriva das relações sociais e de como o escritor assimila e propaga a hierarquia dos fatos. No processo,

evidenciam-se os rastros que possibilitam a construção dos critérios no momento de escolher o que é publicado ou não. A fim de explorar os aspectos do jornalismo e compor as análises que responderão ao problema de pesquisa e darão conta dos objetivos, divide-se o conteúdo desta pesquisa em três distintos capítulos.

O primeiro capítulo é dedicado a investigar os conceitos de jornalismo quanto à história, aos critérios de noticiabilidade, ao mercado editorial, ao profissional e às particularidades da coluna social. Além disso, ele contém informações sobre a trajetória do jornal *Pioneiro* e a caracterização dos colunistas que escreveram as colunas sociais do *corpus*. No segundo capítulo, a pesquisa aborda as noções de rastro e de escritura propostas por Jacques Derrida para embasar a análise comparativa no desenvolvimento dos objetivos. Mencionar tais conceitos implica discorrer sobre as ideias de diferença e de acontecimento, a fim de entender o que a desconstrução propõe. No terceiro capítulo, são desenvolvidas análises interpretativas e comparativas das nove colunas sociais escolhidas para a dissertação, seguindo os critérios de noticiabilidade e de desconstrução: notoriedade, proximidade, notabilidade, visualidade, relevância, personificação, formas de apresentação do cotidiano, padrões lexicais, figuras sociais destacadas ou apagadas, relações entre presença e ausência por meio do rastro e marcas de deslocamento cultural¹.

O contexto apresentado potencializa a descoberta de repertório para contribuições acerca da temática sobre as colunas sociais, abrindo possibilidades de associação com pensamentos consolidados, como é o caso da desconstrução, proposta por Derrida. Levando em conta o ineditismo no que diz respeito a esse tema vinculado à região da Serra Gaúcha, a experiência da pesquisadora na área de jornalismo e o referencial bibliográfico disponível, firma-se o desenvolvimento do estudo nos pontos de convergência entre colunas sociais e mudanças de caráter cultural.

¹ “Cultura é o conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social” (Bosi, 1996, p. 10).

2 A ARTE DE INFORMAR: HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DO JORNALISMO

O jornalismo, prática resultante da necessidade humana de interação e de conhecimento, desdobra-se ao longo de centenas de anos, o que acarreta significativas mudanças desde a sua origem até a contemporaneidade, tendo em vista as alterações sociais e históricas que pautaram os rumos seguidos pelos profissionais da notícia. Neste capítulo, apresenta-se uma breve história do jornalismo, o mercado editorial, o profissional jornalista, os critérios de noticiabilidade, a trajetória e a formação do estilo das colunas sociais, o jornal Pioneiro e a sua coluna social e o perfil dos autores das colunas que compõem o *corpus* deste estudo.²

2.1 UMA TRAJETÓRIA FEITA DE PEQUENOS GRANDES INSTANTES

Na visão de Bahia (1990, p. 9), a palavra jornalismo significa “apurar, reunir, selecionar e difundir notícias, ideias, acontecimentos e informações gerais com veracidade, exatidão, clareza, rapidez, de modo a conjugar pensamento em ação”. Para o autor, a prática do jornalismo exerce papel de intermediário na sociedade, ocupando o lugar de arte, técnica e ciência, e não apenas produto em um contexto comercial. Beltrão (1992) aponta que é inerente ao ser humano informar e se manter informado, ao passo que esse processo tem atuação direta na formação dos grupos sociais e influência na tomada de decisão e no crescimento desses agrupamentos. Essa necessidade não é contemporânea. Para entender como o jornalismo chegou aos moldes atuais, é necessário compreender sua história e evolução.

O homem pré-histórico já fazia jornalismo. Ao retratar cenas do seu cotidiano – caça, batalhas, escolha dos chefes, animais ferozes – com regularidade, ele demonstrava a sua necessidade de obter informação, promovendo a vida em sociedade e o bem comum (Beltrão, 1992). Na visão do autor, a evolução divide o jornalismo em três fases:

a) Pré-história do jornalismo

São da China os documentos mais antigos já registrados. Gravados por Yu, o Grande, em 2200 a.C., eles reúnem notícias sobre o dilúvio. No Mármore de Paros – ilha grega – é possível verificar como se deu a fundação de Atenas. Ele foi encontrado no século XVI e levado à Inglaterra. Além disso, há notícias de que os babilônios contavam com historiógrafos que

² Parte deste capítulo é uma extensão da pesquisa desenvolvida no trabalho de conclusão de curso da pesquisadora, apresentado e aprovado em 2022, durante a graduação em jornalismo.

registravam os principais acontecimentos do dia. Voltaire afirmou que a China escrevia jornais há centenas de anos (Beltrão, 1992).

b) A fase histórica

A civilização romana demonstrou devida atenção à informação na construção do seu legado. Durante vários séculos, o Grande Pontífice reunia os fatos de maior relevância em cada ano, escrevia-os em uma tábua branca, denominada Album, e os apresentava nos muros da sua casa. Na proporção em que os interesses e o domínio do Império aumentavam, crescia a quantidade de informações, originando a Acta Pública. César – militar e político romano – foi quem teve a iniciativa de fazer com que as atas do Senado e as ocorrências de interesse público fossem divulgadas diariamente na Acta Diurna, que contava com cópias para alcançar maior número de leitores (Beltrão, 1992). O autor diz que esse princípio de jornal deixou de existir na Idade Média.

A Idade Média foi a idade da palavra falada: os poucos indivíduos que sabiam escrever não tinham como nem a quem fazê-lo. Até o século XI, as notícias difundiam-se pelas cantilenas – “estrofes breves e atuais, meio líricas meio narrativas” (Beltrão, 1992, p. 36). O Renascimento resgatou a informação disseminada em papel (escrita à mão nesse período). Circulavam, majoritariamente, assuntos do interesse de comerciantes e navegadores. Dentre os veículos de comunicação, estavam: os Avvisi venezianos, as New Letters inglesas do século XIII e os Ordinari Zeitungen, da Alemanha. Na época, a censura já proibia e punia os autores que divulgavam notícias críticas mencionando membros do clero, da família real ou do alto escalão do governo, por exemplo.

Na França, de 1409 a 1499, o Journal d’un Bourgeois de Paris noticiava escândalos, narrava anedotas, registrava a chuva e o bom tempo. Foi no reinado de Francisco I que surgiu o primeiro censor, Mellin de Saint Gallais, abade de Reclus, bibliotecário do rei (Beltrão, 1992). A invenção de Gutenberg, criador, no século XV, da prensa que mais assemelha-se à que é conhecida atualmente, auxiliou o jornalismo a ampliar seu alcance. Ela foi o vislumbre daquilo que seria uma produção massiva, alterando profundamente as estruturas políticas, sociais e psicológicas da Europa, pois, com o acesso à informação, o modo como a religião, a ciência e a cultura eram percebidas mudou (Souza, 2007).

Ao passo que os impressos desencadearam um enorme impacto na transmissão da opinião pública e na difusão de conhecimentos, os governantes, reconhecendo a potência das publicações, instauraram uma das piores repressões de que já se tem notícia na história. Assim, em paralelo às perseguições a jornalistas de modo geral, os soberanos passaram a utilizar o

poder da mídia em favor de seus próprios interesses. Um exemplo disso é a iniciativa do imperador Rodolfo II (Sacro Império Romano-Germânico) de criar, em 1597, um conteúdo com notícias sobre o Império Romano Germânico. Na França, existia uma publicação semanal feita por Renaudot (fundador do primeiro jornal da França, em 1631) no governo de Luís XIII com informações que beneficiavam a monarquia. Nesse ritmo, no século XVII, a imprensa estava presente em todas as regiões da chamada Europa civilizada. Em 1638, na Nova Inglaterra, Stephen Daye instalou uma impressora e, em 1644, Milton publicou sua defesa sobre a liberdade de imprimir (Beltrão, 1992).

c) Primórdios do jornalismo brasileiro

Direcionando o foco do texto para o Brasil, Beltrão (1992) discorre brevemente sobre o surgimento do jornalismo em território nacional. Tal criação, de forma oficial, ocorreu muito próxima à Declaração de Independência. Ainda assim, o brasileiro e o português morador do Brasil praticaram jornalismo a seu próprio modo. Seguindo o exemplo de outras nações, as primeiras manifestações de jornalismo no país se deram por meio da sátira verbal, da informação, do pasquim e da folha volante. No início da colonização, a transmissão de notícias se dava nos púlpitos das igrejas, pelos letrados oradores sacros. Posteriormente, os centros de divulgação de notícias eram feiras, reuniões das Câmaras, portos e armazéns.

As notícias oficiais eram transmitidas por bandos, dos quais eram incumbidos comandantes e capitães-mores, com acompanhamento e alguns soldados e tambores. Para o interior, seguiam bandeiras e tropas e, de engenho em engenho, de povoação em povoação, as notícias corriam pela boca dos capitães do mato, dos tropeiros e mascates (Beltrão, 1992, p. 39).

O pasquim assemelhava-se ao que hoje é chamado de editorial, atuava junto à opinião pública e alternava seus conteúdos entre análises justas e outras nem tanto. O “boca do inferno”, como era chamado Gregório de Matos – poeta brasileiro do século XVII – fazia uso das composições poéticas nos panfletos para criticar costumes, justiça, vida pública e privada, clero e pessoas relacionadas ao reino. Ronald de Carvalho considera suas publicações o primeiro jornal brasileiro (Beltrão, 1992).

Partindo de um panorama geral com a interpretação de Beltrão (1992), a presente pesquisa contempla, também, a leitura de outros estudiosos e pesquisadores com o objetivo de formular uma perspectiva ampla, a partir da complementação informativa entre autores, sobre como ocorreu o processo de evolução do jornalismo em contexto mundial e nacional. Para esta pesquisa, é importante verificar a construção do jornalismo no Brasil e no mundo a fim de

compreender o tipo de influência que a informação, por meio da notícia, exerce no cotidiano dos leitores. Portanto, mais do que dedicar espaço do estudo a entender como esse processo ocorreu no Brasil especificamente, fenômenos globais que se concentraram inicialmente na Europa e nos Estados Unidos e, posteriormente, chegaram à América do Sul, adaptando-se à cultura e à sociedade locais, são priorizados. Nesse sentido, em um contexto mundial, Bahia (1990) aponta que o jornalismo segue em uma crescente de evolução ininterrupta desde o século XV. Cada fase implica o movimento de incorporar novas tecnologias ao modo de produzir notícia. No entanto, o autor chama atenção para o fato de que nem sempre o profissional que domina as técnicas é o jornalista que as colocará em prática no futuro. Sobre o conceito de notícia, é pertinente resgatar seu início, que antecede a lógica capitalista, para sinalizar a origem épica e literária da construção noticiosa.

Segundo Marcondes Filho (2001), a pré-história do jornalismo perdurou pelos anos 1631 a 1789 e tinha grande foco nos livros, considerando a economia em processo de desenvolvimento e a força do trabalho artesanal. No período chamado de primeiro jornalismo, de 1789 a 1830, o conteúdo era literário, político e crítico, ainda considerando a economia que passava por problemas e a ação de escritores, políticos e intelectuais na produção da notícia. O segundo jornalismo, de 1830 a 1900, contou com a profissionalização dos jornalistas e o início do que seria uma comunicação massiva – a imprensa de massa. A criação de manchetes e o uso de publicidade estabilizou a economia, que até então era instável.

Ao falar de reprodutibilidade da notícia, é relevante citar Lage (1993), que relaciona a Revolução Industrial com o fim da censura na Europa Ocidental no final do século XIX e com o crescimento do jornalismo. Segundo ele, três foram os fatores que favoreceram esse movimento:

a) O número de pessoas alfabetizadas crescia continuamente, o que fazia com que elas encontrassem certo ‘poder’ na palavra publicada. Assim, esse se tornou um mercado de massa para os jornais.

b) O maquinário tecnológico da Revolução começava a chegar aos jornais. Desse modo, a quantidade de impressões era grande, o custo muito menor e a rede de coleta de informações enorme.

c) Recursos psicológicos eram utilizados para veicular uma expressiva quantidade de publicidade nos jornais e, assim, movimentar a economia, ao passo que os empresários ocupavam a posição de maiores anunciantes dos jornais.

O uso da publicidade nos veículos de comunicação, a influência das relações públicas e da política, além da forte monopolização editorial, configuram a terceira fase do jornalismo, de

1900 a 1960. A quarta fase, a partir de 1960, agregou diversas funções ao jornalista, marcou o uso da informação eletrônica e a velocidade da notícia, ampliou a utilização da tecnologia e da interatividade e valorizou o visual em detrimento da escrita. É possível observar, assim, uma crise na produção impressa (Marcondes Filho, 2001).

No início da sua história, o jornalismo atendia uma parcela privilegiada da sociedade que sabia decifrar os códigos da língua e conseguia acessar os locais onde os produtos (jornais e revistas) eram vendidos. A notícia era utilizada por quem possuía poder econômico e político para limitar o modo como determinada comunidade interpretava os dados. Com a alfabetização e a evolução das tecnologias, um número maior de pessoas passou a ser alcançado pela informação produzida por jornalistas. Técnicas de seleção, captação e disseminação da notícia tornaram-se essenciais para que os veículos de comunicação pudessem ser estruturados no formato de empresas e estabelecessem sua própria ordem na ética produtiva e profissional. Dessa forma, nascia um modo de trabalhar, cuja relação com o mercado era orientada pelas demandas sociais, culturais e econômicas.

2.2 A INFORMAÇÃO: CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE

Bahia (1990) classifica a notícia como referência norteadora para o exercício do jornalismo. Não é só no direcionamento que ela exerce seu poder, a notícia é a matéria-prima do fazer jornalístico e se adapta ao formato proposto pelo veículo de comunicação e à dinâmica do profissional que a desenvolve. As premissas básicas da notícia são interesse, importância, atualidade e veracidade. “Aos requisitos essenciais da notícia podem-se acrescentar outros, como explicação, interpretação, investigação, opinião etc.” (Bahia, 1990, p. 36).

Para Lage (1993), o processo de produção da notícia se dá em três momentos distintos: a seleção dos eventos, a ordenação dos eventos e a nomeação dos eventos. Essa configuração segue os critérios de julgamento da pessoa que escreve a notícia e da instituição à qual ela está vinculada. Todavia, as informações devem ser apresentadas em ordem decrescente de importância. O autor destaca que a perspectiva de quem lê precisa ser a primeira a ser levada em conta, recebendo maior atenção do que a visão do próprio jornalista. A construção e a narrativa do fato são feitas em torno do acontecimento principal, motivo pelo qual o leitor se atém a determinado conteúdo.

Os autores que pesquisam o jornalismo e que são abordados neste estudo definem de maneiras diferentes os critérios relacionados à produção das notícias. Dessa forma, para fins de

análise, o autor utilizado para embasar o tema é Nelson Traquina (2013), por considerar-se que ele especifica de maneira clara, didática e adaptada ao contexto sociocultural brasileiro os critérios de noticiabilidade propostos por Galtung e Ruge, em 1965. É pertinente destacar que os noruegueses Galtung e Ruge foram os primeiros autores a sistematizar academicamente os valores que as editorias levavam em conta no momento de decidir quais fatos se tornariam notícia e a maneira como eles seriam apresentados. Na sequência, todos os critérios reorganizados por Traquina (2013) serão citados, mas a análise interpretativa desta pesquisa irá considerar seis deles (notoriedade, proximidade, notabilidade, visualidade, relevância e personificação) por entender-se que são os que melhor ajudam a esclarecer a possível mútua influência entre veículo de comunicação e sociedade.

a) Valores-notícia de seleção, critérios substantivos: morte – “onde há mortes, há jornalistas” (Traquina, 2013, p. 76); notoriedade – “o nome e a posição da pessoa são importantes como fator de noticiabilidade” (Traquina, 2013, p. 77); proximidade (geográfica e cultural); relevância para o público; novidade; tempo (período em que a notícia está inserida e fator que permite ao jornalista citá-la ou resgatá-la, exemplo: aniversário de morte de um ex-presidente brasileiro); notabilidade – “a qualidade de ser visível, se ser tangível”, pois o “campo jornalístico está mais voltado para a cobertura de acontecimentos, e não de problemáticas” (Traquina, 2013, p. 79-80). Neste ponto, foca-se inclusive no número de pessoas envolvidas, no fator anormal, no insólito, na falha, no excesso e na escassez; o inesperado; o conflito; a infração/o escândalo.

b) Valores-notícia de seleção, critérios contextuais: disponibilidade / facilidade para cobrir o evento; equilíbrio entre a “nova” notícia e o que foi publicado pelo veículo de comunicação recentemente; visualidade (em relação a imagens, fotos ou outros materiais que possam acompanhar a notícia); concorrência; o dia noticioso (quando o acontecimento está marcado para ocorrer).

c) Valores-notícia de construção: simplificação (busca-se objetividade e clareza; ambiguidades são dispensáveis); amplificação, ou seja, impacto; relevância (vinculação da notícia à realidade do leitor); personificação (utilização do fator humano para fazer com que o leitor se conecte com a história e se identifique com as personagens); dramatização (nível de emoção presente em determinada notícia); consonância (inserção da informação em um cenário que o leitor já conhece, que foi notícia anteriormente).

A notícia, para além da produção, circula por redes muito complexas de disseminação em massa (Alsina, 2009). Essas redes estão incorporadas ao cenário local e social do receptor, que ajusta a informação ao seu contexto de forma singular; é a chamada “miscigenação

cultural”. O autor explica que, no final do século XIX e no início do século XX, havia uma constante preocupação sobre o poder da imprensa sobre as massas, em que a mídia – na transição de tradicional para de mídia de grande circulação – mantinha um comportamento passivo perante os veículos de comunicação. Por outro lado, em 1940, esse modelo de recepção direta começou a ser questionado. Ao mesmo tempo, novas pesquisas passaram a considerar as individualidades das pessoas, pressupondo que o comportamento é derivado da personalidade dos indivíduos que compõem determinado grupo social. A partir de então, a mídia sofreu grandes transformações no modo de produzir conteúdo e passou a considerar a audiência como centro (Alsina, 2009). Trazendo para o contexto desta pesquisa, a coluna social é uma manifestação de tal fenômeno. Mais do que apenas receber o jornal e ler a coluna social diariamente, o leitor assume o papel de protagonista, vê o seu cotidiano nos temas retratados, opina e, dessa forma, faz parte do processo de decisão sobre o que é publicado ou não.

Em meio à dinâmica de transformações, está o jornalista, o articulador que seleciona, ordena e nomeia os eventos partindo de seu repertório intelectual e das suas próprias noções em relação ao mundo e às pessoas (Lage, 1993). Ademais, é esse saber que identifica e opera os códigos, os mecanismos e os fluxos de disseminação da notícia. Para Bahia (1971), o jornalismo se apresenta como propósito do profissional que o pratica, ao passo que ele fornece ao público os elementos necessários para a ampliação da visão crítica, da capacidade de opinar e do nível de conhecimento do indivíduo, desenvolvendo a comunicação que, por natureza, já faz parte do ser humano. Sendo assim, o profissional ocupa o centro dos processos que orientam o jornalismo. “À informação é reservada uma relevante missão, reconhecida como inestimável e insubstituível. Seu objetivo maior é o bem comum, quaisquer que sejam os padrões, os estilos de vida, os sistemas políticos” (Bahia, 1971, p. 39). A fim de cumprir esse importante papel social, o jornalismo se adequa às mudanças históricas, culturais e tecnológicas de uma sociedade em movimento, ramificando-se em novos estilos para atender ao seu principal interesse: informar.

Aliado à disseminação da informação, aprimoraram-se as habilidades de interpretação que envolvem o jornalismo. Toda notícia implica o uso da interpretação para o seu desenvolvimento. Entender a força, o contexto, as perspectivas, as pessoas e os fatores ligados aos acontecimentos, associando-os ao texto, produz sentido, primordial a qualquer conteúdo jornalístico. No entanto, quando esse discernimento e essa inteligência para atribuir significado atingem um nível mais elevado, pode-se dizer que um novo gênero jornalístico aparece (Beltrão, 1980). O “Jornalismo Interpretativo é realmente o esforço de determinar o sentido de

um fato através da rede de forças que atuam nele – e não a atitude de valoração desse fato ou de seu sentido, como se faz em jornalismo opinativo” (Beltrão, 1980, p. 48).

A história do jornalismo interpretativo iniciou nos Estados Unidos durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Em 1914, ao receberem notícias da Europa, jornalistas e fotógrafos não sabiam identificar, exatamente, o que significavam as invasões, tensões e conflitos. No entanto, dentro do seu próprio país, as pessoas sofriam as consequências dos acontecimentos correntes no outro continente, como a fragilidade da economia e a dificuldade de exportação. A imprensa, porém, com informações excessivamente concisas e escassas advindas da Guerra, não conseguia relacionar esses fatores com a realidade social (Refkalefsky, 1997).

Quando veio a Segunda Guerra, não houve surpresa. Jornais e revistas haviam desenvolvido a interpretação, correlação e contextualização de fatos para que o público soubesse o que estava se passando. As notícias vindas da Europa eram prontamente dissecadas pelos jornalistas da Time, Newsweek e mesmo do Reader's Digest. O New York Times também havia lançado seu review semanal para aprofundar notícias e informações (Refkalefsky, 1997, p. 3).

Essa tendência de interpretar, entender e, posteriormente, apresentar a informação já associada aos fatos que contribuem para o seu entendimento difundiu-se na prática jornalística de maneira ampla. Hoje, o veículo de comunicação – a exemplo do jornal – não se limita apenas a citar o acontecimento. Ele retoma eventos anteriores que podem contribuir para a compreensão, ilustra a notícia com fotos que também transmitem sua mensagem, esclarece conceitos que podem ser alvo de dúvidas por parte dos leitores e escolhe palavras específicas a depender do seu público, procurando cativá-lo. Essas possibilidades fornecem material para que o leitor entenda a mensagem de forma mais abrangente e interdisciplinar (a partir de associações sociais, culturais, econômicas, políticas...), conferindo ao profissional uma capacidade ainda maior de condicionar a interpretação a determinados sentidos.

Na coluna social, observa-se essa tendência de guiar a maneira como o leitor interpreta o conteúdo das páginas. Seja pela escolha das pessoas e dos eventos retratados, das fotografias ou do estilo da escrita, o ponto é que ela figura como uma combinação entre fatores interpretativos e opinativos. As circunstâncias, em qualquer gênero jornalístico, criam as demandas para que surjam maneiras diferentes de envolver o público na informação. O mecanismo que associa necessidade, compra, venda, tendências e padrão de conteúdo é o mercado. Entender a regulação do mercado jornalístico, como indica o próximo subcapítulo, é primordial para acompanhar fenômenos que contribuem para a formulação das noções sobre notícia e sobre como ela é recebida pelo consumidor.

2.3 O MERCADO EDITORIAL E O JORNALISTA

A premissa básica para entender o mercado do jornalismo é a aceitação de que os conteúdos são, em algum patamar na distribuição, produtos, e que o leitor é o consumidor. Desse modo, o indivíduo não consome somente produtos do jornalismo especificamente, mas de toda a rede industrial do que é compreendido como informação coletiva. Sinteticamente, o jornalismo depende do homem “comum”, que aprecia notícias mais objetivas e cotidianas, e depende também do homem com maior nível de complexidade em seu modo de consumir, que é sofisticado e espera diferenciação no conteúdo que recebe (Bahia, 1971).

Se por um lado o jornalismo depende do consumidor para sobreviver, por outro, segundo a teoria do *mass media*³, a própria imprensa influencia o meio e, assim, acaba exercendo certo poder sobre a dinâmica de mercado. Segundo Wolf (2001), o efeito *mass media* não é homogêneo em qualquer sociedade, mas adapta-se conforme as transformações de um público específico. Portanto, deixa-se de acreditar em uma “relação casual direta entre propaganda de massas e manipulação da audiência para passar a insistir num processo indireto de influência em que as dinâmicas sociais se intersectam com processos comunicativos” (Wolf, 2001, p. 51). Portanto, citar o *mass media* implica dizer que o mercado não está dissociado dos produtos de comunicação, mas, sim, que possui relação direta de causa e efeito com essas produções, acessadas por uma enorme quantidade de pessoas. O potencial de formação de opinião exercida pelo mercado e a capacidade do público de ditar os próximos passos das empresas caracterizam a dinâmica *mass media*.

Assim, é pertinente analisar os aspectos empresariais que envolvem o mercado do jornalismo. Traquina (1999) discorre acerca do papel da política do veículo de comunicação na produção do conteúdo propriamente dito. O dono ou representante do jornal (ou, trazendo para a contemporaneidade, de qualquer outro veículo de comunicação) tem o direito de determinar as normas a serem seguidas e de coordenar o processo de redação. O chamado *publisher* (no Brasil, editor: aquele que toma a decisão final sobre as publicações) dita os padrões que são seguidos pela maioria dos subordinados. No entanto, algumas questões impedem que essa “autoridade” seja unânime: código de ética, percepções mais liberais por parte dos jornalistas

³ Diz respeito a uma rede de conhecimentos que pode ser dividida em duas vertentes: uma que orienta as pesquisas, experimentos, hipóteses e teorias desenvolvidas no meio acadêmico quanto aos mecanismos da comunicação; outra trata da influência e da relação entre meios de comunicação e disseminação de informação para a “massa”, ou seja, grandes públicos (televisão aberta, rádio, jornais, revistas, internet...). Além disso, pode-se considerar como derivados do “*mass media*” os fenômenos culturais que movimentam grandes números de pessoas (Wolf, 1987).

(que fazem uso das normas de ética para justificá-las) e código profissional, que limita grandes interferências.

Levando em conta que a produção jornalística é classificada como produto e que este, por sua vez, está inserido na lógica de mercado, as tendências do jornalismo acompanham tecnologias e comportamentos que se modificam todos os dias. O objetivo da atualidade é descobrir como a audiência reage mediante mudanças ligadas ao jornalismo convergente para desenvolver estratégias voltadas à inovação na área. Nesse contexto, o público assume um papel de destaque e sai da posição de receptor para atuar conjuntamente no desenvolvimento do conteúdo de forma indireta, a partir das interações, das percepções e das tendências comportamentais. O retorno é constante e as exigências ainda maiores. Uma sociedade que abriga transformações urgentes demanda um jornalismo que atenda esse novo modo de pensar e agir, marcado pelo imediatismo e pela necessidade de ser membro ativo do processo.

Constata-se que existem, na composição dos materiais jornalísticos, técnicas essenciais para a produção de notícias e demais conteúdos; influência do mercado e dos aspectos socioculturais no processamento dos dados; integração do consumidor como cocriador do conteúdo; e pressão do meio – partes interessadas em expor seus pontos de vista – na hora de finalizar uma reportagem, uma edição do jornal ou uma matéria de televisão, por exemplo. Em meio a esse emaranhado de acontecimentos, está o jornalista, o profissional que atua como intermediador e executor daquilo que, popularmente, é reconhecido como jornalismo.

Abramo (1989, p. 109) é enfático ao afirmar que “não existe uma ética específica do jornalista: sua ética é a mesma do cidadão”. O autor argumenta que não há nada que o cidadão “comum” não possa fazer que o jornalista faça (pelo menos, não legalmente). Além disso, ele faz uma objeção em relação à chamada ética da empresa, visto que o correto seria os próprios jornalistas se predisporem com maior firmeza em favor de si mesmos e de seus colegas em prol de uma ética cidadã, e não seguirem uma linha de conduta aplicada exclusivamente aos jornalistas ou aos veículos de comunicação. Em paralelo a isso, o autor questiona o posicionamento objetivo e isento que o profissional assume em muitas ocasiões. Seja negando a sua ideologia política ou buscando a neutralidade implícita na objetividade, ele está traindo a sua própria ética humana, visto que não existe ética cidadã e ética profissional separadamente (Abramo, 1989).

Por outro lado, Traquina (1999) divide o que ele chama de “profissionalismo jornalístico” em duas características principais: estabelecimento de padrões e normas de comportamento e determinação do sistema de recompensa profissional. Os padrões de conduta característicos da própria profissão são, em teoria, unanimemente conhecidos pelos

profissionais. Em segundo plano, estão as normas de conduta estabelecidas pelos veículos de comunicação, ou seja, o caminho pelo qual as empresas coordenam os colaboradores. Com uma visão mais utópica acerca do profissional, Beltrão utiliza Soule (1992, p. 147) para esclarecer que, nas sociedades modernas, a função do homem é “aproveitar melhor a vida e ser melhor cidadão”. Nesse contexto, o jornalista seria o intérprete e o orientador, à medida que ele se coloca à frente dos demais para guiar a caminhada imposta por essa ideologia. Beltrão (1992) atribui três características à composição do jornalista como profissional: formação cultural, conhecimentos técnicos e prática do ofício. Tais características ramificam-se em outras cinco habilidades comuns aos bons jornalistas:

a) a curiosidade comunicativa: vai além daquela vigente ao cidadão “comum” ou ao cientista. Para o jornalista, um fato precisa ser investigado, interpretado e analisado de forma intensa, não em prol do próprio profissional, mas tendo em vista o bem social.

b) a fecundidade jornalística: significa aplicar um olhar jornalístico a cada fato. É quase como uma intuição, um senso de situação e uma habilidade extraordinária de reconhecer e provocar o fato. Esse “sexto sentido” precisa estar associado à rapidez e à agilidade, e isso só é possível com uma intensa bagagem cultural para que haja argumentos de associação.

c) a objetividade: para além das “habilidades extras”, o jornalista não deve se perder do seu objeto principal e foco de trabalho, a verdade. Apesar dos paradigmas envolvendo o conceito de “verdade”, o jornalista precisa se apegar aos mecanismos de verificação.

d) a descrição: baseada no pressuposto de que o jornalista tem o direito e a responsabilidade de divulgar qualquer notícia verificada; porém, a descrição vem à tona para salientar o senso de oportunidade, a consciência quanto ao peso social de determinada situação e a orientação de como conduzir os fatos.

e) o senso estético: respeito aos princípios de correção, clareza, unidade, precisão, energia e harmonia (Beltrão, 1992).

Marcondes Filho (2009) indica alguns requisitos primordiais que um bom jornalista deve perseguir para construir uma carreira bem-sucedida na área. Dentre eles, estão as habilidades de redação, a formação filosófico-intelectual e o bom humor para cativar o público. Além disso, é necessário que o profissional seja perspicaz e versátil para acompanhar as mudanças tecnológicas que atingem a profissão e não se tornar mero instrumento no processo de mecanização da notícia. Para isso, o jornalista deve buscar sempre o “fundo” da notícia e não se deixar vencer pela facilidade do supérfluo.

Daí para frente, depende de fatores puramente pessoais: assiduidade, interesse, empenho, atenção e cuidado ao manipular dados, informações, falas de outras pessoas.

Um jornalista é um profissional como qualquer outro, só que tem uma característica que destoa: mexe com um material altamente explosivo e só ele pode mexer com isso. Se a coisa explode, as consequências podem ser calamitosas. Daí chantagear um pouco com esse poder, posando como acima do bem e do mal, o juiz dos juízes. Curiosa situação que exige excessiva cautela e perspicácia, já que um ato em falso pode liquidar a mais promissora carreira (Marcondes Filho, 2009, p 69).

A trajetória do jornalismo é longa e repleta de acontecimentos que contribuem para as muitas formas que existem de praticar o ofício atualmente. Ela é feita por pessoas e se destina também a elas, sendo que, independentemente da abordagem, a suma máxima permanece sendo a de informar. Para isso, faz-se uso de diversos recursos que se aliam aos formatos clássicos (veículos de comunicação tradicionais) e a outros originários da contemporaneidade, criando modelos de produção e de veiculação.

Ao tratar de grandes públicos, é natural que grupos sejam identificados por suas similaridades. No jornalismo, esse processo não é diferente. Com a abrangência que os produtos (impressos, audiovisuais ou sonoros) alcançaram, eles foram, gradativamente, direcionando sua abordagem e temática para grupos sociais específicos, a fim de construir uma relação de fidelidade com determinada parcela da sociedade. Os jornais e revistas, primeiros veículos reconhecidos como tradicionais no jornalismo, iniciaram tal processo com o objetivo de “falar” diretamente para o seu “próprio” leitor. A coluna social do Pioneiro, apesar de estar presente em um jornal de veiculação geral, que inclui conteúdos pouco segmentados, apresenta características que aproximam o colunista e o leitor. Em uma abordagem mais pessoal – citando diretamente episódios da vida cotidiana –, o escritor estabelece seu estilo de escrita e, ao escutar o que o público deseja ler na coluna, interage com fotógrafos e integrantes de seu ciclo social a fim de contar com um material que atenda a demanda. Ao mesmo tempo, o próprio público procura o colunista sugerindo pautas que podem integrar a sua próxima coluna. Dessa forma, até em um veículo de comunicação generalista, o colunista estabelece um diálogo particular com seus leitores, o chamado contrato de leitura (Verón, 2004), que faz com que, em um jornal cheio de possibilidades, a pessoa permaneça fiel a editoriais, jornalistas e colunas específicos.

Tavares (2009) complementa dizendo que a segmentação e, naturalmente, o desenvolvimento do jornalismo especializado, está ligada ao surgimento de diferentes meios de comunicação e à formação de grupos distintos, interessados em abordagens e conteúdos diferenciados. Na visão do autor, isso ocorre em razão da lógica de mercado, que estabelece padrões pouco flexíveis. Tavares (2009) afirma que, historicamente, a mídia – principalmente os produtos impressos, que foram os precursores do jornalismo – esteve habituada a tratar os assuntos como generalidades, visto que os veículos de comunicação precisavam abordar

temáticas de interesse comum ao cidadão. Esse fenômeno, de falar sobre “tudo” para “todos”, ocasionou uma fragmentação, em que o jornalismo falava “genericamente de coisas específicas” (Tavares, 2009, p. 117).

Quando os critérios de noticiabilidade, visibilidade e periodicidade convergiram com outros meios de produção de conteúdo, a autoridade retida até então teve que ser adaptada a um novo conceito de especialização. Portanto, “(...) menos uma questão de conteúdos ou de audiências, a especialização deve ser pensada também como ligada a uma nova metodologia do trabalho jornalístico, fundadora de novos produtos (no sentido de notícias e textos)” (Tavares, 2009, p. 6). Por conseguinte, o jornalismo especializado precisou se adaptar às demandas sociais e aos grupos de consumidores, leitores e espectadores que atendia.

A tendência da segmentação apropriou-se de características inerentes ao ser humano para conceder a sensação de pertencimento, de visibilidade e a criação de uma identidade através do processo que implica “se ver” no conteúdo. A pirâmide da teoria de necessidades de Maslow propõe alguns componentes que constituem as principais demandas de sobrevivência do ser humano. Na base da pirâmide, estão as necessidades de nível baixo, na parte superior, as necessidades de nível alto. Quando um quesito é suprido, o ser humano “movimenta-se” para que o próximo seja sanado até que ele atinja o topo da pirâmide. Essa constituição divide-se da seguinte maneira (da base para o topo): necessidades fisiológicas, de segurança, sociais, de estima e de autorrealização.

O fato de o item “pertencer a um grupo” estar enquadrado em uma das necessidades vitais segundo a teoria de Maslow é relevante à presente pesquisa, pois levanta a hipótese de a coluna social ser justamente uma intermediadora nessa procura pelo pertencimento. No entanto, a ideia de pertencer não é simplista ou óbvia: o homem quer pertencer, mas não pertencer à massa, pois o pertencimento é a própria construção da sua imagem (Benetti, 2013).

Nossos gostos são os indicadores mais consistentes de nossa autodefinição como sujeitos complexos. Não sou apenas o que conheço, mas também aquilo de que gosto [...] Porém, aquilo de que gosto, por mais que me defina na distinção em relação a um “outro”, inevitavelmente me torna parte de algum grupo virtual que partilha dos mesmos gostos ou necessidades. No mundo contemporâneo, encontrarei para cada parte de minha personalidade um agrupamento de “iguais” – e, ainda assim, serei sempre único em minha busca e em minha complexidade. Ser único é (paradoxalmente) um desejo universal, mas ser único é muito diferente de ser excluído (Campbell, 2006, p. 48).

Maffesoli (1998) afirma que os agrupamentos são um resultado do sentimento de pertença aliado a uma ética que regula práticas de comunicação executadas por meio de uma rede. Por isso, o ser humano vive no que o autor chama de “multidão de aldeias”, que interage sem que a identificação seja perdida.

O grupo, para sua segurança, dá forma a seu meio ambiente natural e social e, ao mesmo tempo, força, de facto, outros grupos a se constituírem como tais. Nesse sentido, a delimitação territorial (quero lembrar que é território físico e território simbólico) é estruturalmente fundadora de muitas socialidades. Ao lado da reprodução direta, existe uma reprodução indireta que não depende da vontade dos protagonistas sociais, mas deste efeito de estrutura que é o par “atração-repulsão”. A existência de um grupo fundamentado num forte sentimento de pertença necessita, para sobrevivência de cada um, que outros grupos se criem a partir de uma exigência da mesma natureza (Maffesoli, 1998, 106).

É nessa interação controlada e na pertença querida – elemento da composição do ser humano – que o conteúdo se forma. Os textos das colunas sociais são um reflexo direto dos agrupamentos, e o colunista é o organizador da dinâmica envolvida. Entre a ideia do pertencimento e o jornalismo opinativo, ela desponta: um material segmentado dentro de um veículo que fala sobre generalidades. Ele pode ser pensado como estratégia para criar nichos a partir do cotidiano, pois retrata algumas pessoas específicas (escolhidas) e ecoa em outras que procuram se enxergar através das notas do jornal, que aspiram tal realidade ou que, por afinidades socioculturais, se identificam com os textos. De qualquer forma, a segmentação reside no fato de que, mesmo dentro do jornal, a coluna social ainda cria um senso de exclusividade, alcançando apreciadores fiéis. Essa atmosfera foi criada ao longo de décadas e condicionada às marcas do estilo.

2.4 AS COLUNAS SOCIAIS, O JORNAL PIONEIRO E OS COLUNISTAS

A fim de entender como a produção das colunas sociais desponta no jornalismo brasileiro, é necessário compreender a dinâmica da imprensa do período, assim como o contexto político e social. Souza (2009) esclarece que, após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os veículos de comunicação brasileiros não tinham grande autonomia e ainda dependiam de iniciativas públicas e financiamentos para sobreviver. Além disso, com a deposição do presidente Getúlio Vargas (cujo governo perdurou de 1930 a 1945), a censura sobre os jornais diminuiu e, seguindo uma tendência mundial do pós-guerra, a população experimentava a possibilidade de projetar mudanças para a sua vida, e isso se aplicou, inclusive, à imprensa. Concomitantemente, os jornais não estavam certos sobre o próprio padrão estético e as grandes empresas detentoras da informação distribuíam seu material apenas no eixo Rio de Janeiro - São Paulo. Nesse cenário, Souza (2009) aponta algumas razões para a ascensão da coluna social no Brasil.

Primeiramente, o país Brasil passou por um processo de ‘internacionalização’, em que artistas, membros das altas sociedades europeias, empresários do entretenimento e políticos – advindos de outros países – passaram a circular pelas rodas sociais brasileiras. Assim, os principais jornais começaram a ver a necessidade de investir nas colunas sociais que, até então, baseavam-se em breves notas informando batizados, casamentos, aniversários, dentre outros acontecimentos, de maneira isenta. Quando o jornalista fornecia algum comentário mais arrojado, era apenas através de elogios e descrições rebuscadas. A principal mudança ocorreu no momento em que Manuel Antonio Bernardez Müller, o Maneco, na década de 1940, e a convite do jornal Folha Carioca, inovou no estilo e passou a abordar os temas sociais de maneira literária – no estilo de crônica – para pontuar de forma crítica, sarcástica e inteligente as pessoas retratadas no jornal. Souza (2009) afirma que, nesse momento, nasceu o termo “coluna social” que, até então, firmava-se na figura dos cronistas sociais, mas sem um nome específico para designá-la. Esse seria, portanto, um novo capítulo na trajetória do jornalismo brasileiro.

Maneco, que era filho de diplomatas e possuía um amplo repertório cultural e intelectual, desconstruiu a hierarquia por meio de seus textos. Ele criticava, opinava e exaltava grandes empresários e ‘pessoas comuns’ na mesma proporção. Esse estilo incomodou as elites que estavam acostumadas a um colunismo neutro, mas impulsionou Maneco a trabalhar, posteriormente, no diário Carioca por meio do pseudônimo Jacinto de Thormes⁴. “Seu personagem, Jacinto de Thormes, inaugurava a crônica social com um estilo inconfundível, um misto de ironia, seriedade, esnobismo, fanfarronice e sarcasmo” (Souza, 2009, p.5). Toda essa reinvenção adveio de inspirações que ele coletava em outros países. Talvez a maior delas tenha sido o inventor das chamadas *gossip columns*⁵, Walter Winchell. Ele era um jornalista de origem pobre que atingiu novos padrões de vida por meio do estilo bastante popular criado para falar da vida alheia. Tornou-se, então, um respeitado membro dos círculos mais disputados e figura temida pelas elites.

Até então, as colunas existentes nos Estados Unidos eram muito próximas àquelas intituladas no Brasil como “Sociais”, ou seja, relatos “floridos” (sem atacar ninguém) sobre personagens da alta sociedade, avisos de casamentos, recepções, festas, noivados etc. Também já existiam alguns tipos de “colunas de fofocas”, mas sempre num tom bajulador quanto às pessoas retratadas – os colunistas tinham medo de se indispor com os ricos de então. O que Winchell trouxe de novo? Basicamente, ele modificou coluna sobre sociedade, publicando pequenas notas sobre a vida privada, e acrescentando aqui e ali um ponto de vista debochado e sarcástico sobre pessoas famosas. Além disso, misturou tudo com escândalos típicos da imprensa

⁴ Personagem do escritor Eça de Queiroz no livro “A Cidade e as Serras”.

⁵ Em tradução livre, colunas de fofoca. Nasceram originalmente na década de 1920 e perduram no tempo, sendo que seus afluentes podem ser encontrados nas notas de redes sociais atualmente.

sensacionalista, informações não-oficiais sobre mulheres grávidas, divórcios e especulações, rumores e boatos que divertiam seus leitores (Souza, 2009, p.6).

Por meio de jargões, Jacinto Thormes criou um estilo próprio, o que ajudou a definir as características do gênero crônica social ou coluna social. Ele denominava pessoas como “gente bem”, deixava assuntos inacabados, finalizando-os com a frase “depois eu conto” (sem contá-los, de fato) e, quando queria citar o sobrenome de alguém, dizia: “Fulano, que também é determinado sobrenome” e dava sequência à linha de raciocínio (Souza, 2009). Dessa forma, a coluna social demandava, principalmente, material de “pesquisa”, ou seja, eventos, festas, encontros e movimentações que reunissem grandes números de pessoas e gerassem fatos sobre os quais escrever. No governo de Juscelino Kubitschek (1956 a 1961), com o processo de modernização industrial e tecnológica (e os encontros promovidos a partir disso), a coluna social passou pelo seu momento de maior prestígio (Souza, 2009).

Silva (2010) justifica que a coluna social transita entre os gêneros informativo e opinativo. Antes de tudo, no primeiro contato com uma coluna social, já é possível perceber que se trata de um texto que demandou coleta de dados, pesquisa, seleção, diagramação, tratamento de imagens, espaço em um veículo de comunicação e, por isso, é característico do jornalismo. Ainda assim, as divulgações “são constituídas por notícias instantâneas, breves, descontínuas e móveis” (Silva, 2010, p. 39). Esse ponto permite ao leitor perceber um estilo que difere do restante do jornal, por exemplo, em que as notícias são apresentadas respeitando o lide e a ideia de escrita isenta, bem como o aprofundamento dos pontos de vista. Além disso, os textos das colunas sociais abordam, paralelamente, diferentes áreas da sociedade, como política, economia, cultura, saúde, desde que haja alguma espécie de encontro ou troca – geralmente promovido por um evento social – que torne a veiculação da notícia relevante. “A coluna social se apresenta como o mais subjetivo dos gêneros jornalísticos. O colunista expõe seu pensamento, faz interpretações, emite opiniões, sentimentos e atitudes” (Silva, 2010, p. 40).

Academicamente, a coluna social não é identificada como um gênero do jornalismo. No entanto, por conta de suas construções bastante particulares, não raramente ela ocupa, a depender do autor, o lugar de gênero. Alguns se referem a ela como gênero, outros como estilo; o fato é que sua diferenciação em relação aos demais textos é perceptível. Silva (2010) chama a atenção para o uso de estrangeirismos, figuras de linguagem, metáforas, interjeições, humor, opinião pessoal explícita, criação de novas palavras – a partir de composições lexicais próprias do colunista –, traços claros de oralidade, escrita carregada de adjetivos, expressões de determinada localidade e diagramação que confere identidade visual específica às páginas da coluna a partir de uma associação entre textos curtos e recursos imagéticos.

Quem incorporava todos esses recursos aos seus textos e deixou o nome marcado na história do colunismo social foi Ibrahim Sued, a personificação desse estilo no Rio de Janeiro durante mais de quatro décadas. Enquanto trabalhou no jornal O Globo (de 1954 a 1995), publicou mais de 15 mil colunas e, portanto, é reconhecido por diversas pessoas como o “pai” das colunas sociais no Brasil. Travancas (2001) afirma que, por meio das colunas de Ibrahim Sued, é possível acompanhar representativas mudanças culturais no que diz respeito à política, à economia, à moda, à posição da mulher na sociedade, às elites e à maneira como as desigualdades se davam na prática. Com a criação de personagens e cunhando termos próprios – “bonecas e deslumbradas”, “vagões e locomotivas”, “su”, “ademã”, “kar”, “shangay”, “cavalo não desce escada”, “em sociedade tudo se sabe”, “sorry periferia”, “padres de passeata” – ele criou um texto inconfundível, ou seja, uma marca de estilo que garantiu a sua presença no mercado até o ano de 1995, ocasião de seu falecimento.

Travancas (2001) observa a ausência de limites entre a opinião pessoal e a notícia, além da franqueza como características primordiais de Ibrahim. Ele possuía uma infinidade de contatos, desde embaixadores até donos de estabelecimentos noturnos, e utilizava esses recursos para veicular informações inéditas aprimoradas com uma carga de comentários pessoais acerca do tema. Isso, aliado às suas construções narrativas autênticas, cativava o leitor que tinha a coluna como guia sobre o funcionamento da vida nas altas rodas. Ademais, o seu relacionamento com as elites era o que proporcionava o acesso a acontecimentos exclusivos. Ele tratava de assuntos completamente diferentes com naturalidade e domínio. Expunha problemas de infraestrutura da cidade do Rio de Janeiro, a ineficácia de políticas públicas, sua visão diplomática e festas milionárias da mesma maneira incisiva e particular, destacando, sempre, o olhar da elite em relação a esses acontecimentos. Travancas (2001, p.9) afirma que Ibrahim “é um jornalista atento às necessidades de seu leitor, consciente e ‘orgulhoso’ de seu papel de repórter” e que ele “escreve a sua coluna de um lugar muito particular – da elite – e analisa as notícias sob este prisma”.

Gonçalves (2007) indica que, após o apogeu no colunismo social, na década de 1950, o valor representativo das aparições nesse espaço do jornal foi diminuindo gradativamente. Primeiramente, porque o jornal físico em si perdeu espaço para outros recursos, como a internet, por exemplo. Depois, pelo aumento da mobilidade social. O índice de famílias com a concentração de grandes fortunas ou sobrenomes nacionalmente reconhecidos e respeitados mudou. Hoje, dadas as devidas proporções socioculturais, há mais possibilidades para conquistar tanto bens materiais como fama de modo efêmero e descentralizado. O jornalismo tradicional (rádio, jornal e televisão) deixou de ser a única fonte formadora de opinião massiva.

Agora, mesmo os que possuem recursos para ocupar “cargos” anteriormente disputados nas colunas sociais não acreditam ser de bom tom ou seguro exibir viagens, casamentos, batizados e conquistas pessoais em um veículo de comunicação. Gonçalves (2007) chama a atenção, porém, para o interior do país. Ele afirma que, na contramão do restante do mercado, o colonismo social fora das grandes metrópoles foi o ramo jornalístico que mais cresceu nos últimos anos. Isso porque, culturalmente, valores vistos como ultrapassados ou dispensáveis para o restante do país são levados em conta pelos moradores de cidades menores.

No interior, o deslumbramento e os elogios superlativos dão o tom absoluto das colunas sociais. Há pouca maledicência e não é comum o incentivo ao conflito entre grupos, famílias ou indivíduos notáveis. As instituições tradicionais, sobretudo o casamento, são permanentemente louvadas. Pouco se fala de separações, divórcios, adultérios e coisas desse tipo. No interior ou na capital, mais do que vocacionado para a velha arte de “fazer amigos e influenciar pessoas”, os cronistas da vida mundana são, agora, os administradores de um espaço de circulação de coisas e gentes (Gonçalves, 2007, p.8).

Portanto, o colonista interiorano vive em uma camada metafísica da realidade, transportando o público para a cena retratada. Ele não expõe apenas o que acontece nos círculos disputados da cidade, mas fornece a sensação de distinção e provoca no leitor, mesmo que inconscientemente, o desejo de, em algum momento, fazer parte daquelas ocasiões. Tais pontos destacados sobre as colunas sociais vêm a calhar com a presente pesquisa, que tem como *corpus*, justamente, o jornal Pioneiro, de Caxias do Sul, no interior do Rio Grande do Sul. Com décadas de história, ele é uma poderosa ferramenta de comunicação perpetuada através do tempo e impulsionada pelo respeito e pela fidelidade da Serra Gaúcha.

2.4.1 Jornal Pioneiro

O jornal Pioneiro teve origem na política. Isso porque seu nascimento é datado de 04 de novembro de 1948, ano em que um grupo de pessoas que compunha o Partido Republicano Progressista (PRP) contou com o apoio de empresários locais e fundou o jornal. Da criação até 1975, o jornal foi semanal, passando a publicar edições diárias a partir de 1981. Nos seis anos de transição, o jornal publicou edições bissetanais, distribuídas nas quartas-feiras e nos sábados.

O jornal Pioneiro sempre esteve focado em informar a população acerca de assuntos que os jornalistas e os editores julgassem interessantes para a população da Serra Gaúcha. Atualmente, ele é vendido em 64 municípios localizados no Nordeste do estado, compreendendo, portanto, não somente a Serra, mas também seus arredores. O crescimento

econômico e industrial, as mudanças políticas, os interesses culturais da população e os acontecimentos marcantes de uma sociedade estiveram, ao longo desses 77 anos (até 2025), presentes nas páginas do jornal caxiense. Em 1993, ocorreu uma mudança que impactou significativamente a qualidade e a estrutura desse veículo de comunicação. O Pioneiro foi adquirido pelo grupo RBS e, logo no início, passou por uma mudança gráfica que transformou a identidade visual das páginas, integrou cor ao layout (algo inédito até então) e lançou o caderno Sete Dias, alusão aos acontecimentos cotidianos vistos como mais relevantes para a população. “O Pioneiro inspira-se na comunidade serrana para progredir, modernizar-se e continuar prestando um serviço qualificado e compatível com a grandeza da região em que está inserido” (Sirotsky, 2003, p. 2).

A pesquisadora entrou em contato com integrantes do jornal Pioneiro em três diferentes ocasiões a fim de obter informações sobre a pesquisa de perfil de leitor. Em todas as vezes, o retorno pontuou que tais dados são confidenciais e não compartilhados com membros não vinculados profissionalmente ao veículo.

2.4.2 Colunistas

Desde a fundação, o jornal Pioneiro sempre contou com páginas destinadas à coluna social, sendo que diversos autores ocuparam essa posição ao longo dos anos. Isso, por si só, indica a importância do conteúdo e a bem-sucedida relação entre o leitor e as abordagens apresentadas ao longo das décadas. Ela foi reestruturada, modificada, ganhou cor e fotos, mas o estilo permaneceu presente, refletindo as transformações de uma comunidade que mudou e continuou lendo a coluna social Pioneiro. Para além de jornalistas, os profissionais eram e são pessoas que circulavam/circulam pelos ambientes onde os fatos acontecem. Na sequência, é possível visualizar uma breve biografia dos colunistas que escreveram as colunas contidas no *corpus* desta pesquisa. Tal ponto faz-se necessário para compreender o perfil das pessoas que compunham os textos e o seu papel perante a sociedade no que diz respeito à formação e à influência social.

a) Margot Sauer

Margot Sauer foi jornalista, radialista e funcionária do Fórum em Caxias do Sul. Durante a sua trajetória, comandou a coluna social do jornal Pioneiro e inovou nos moldes do jornalismo ao levar suas notas para a TV Caxias. Além disso, era uma das poucas mulheres presentes no

universo ainda bastante masculinizado do jornalismo. Em seus textos, destacava aniversários, casamentos, batizados e eventos de modo geral, sendo conhecida pelo seu modo democrático e acessível de expor as informações, tendo em vista que o público podia entrar em contato e enviar possíveis publicações para que ela atendesse. Em 2022, durante a comemoração dos 132 anos de Caxias do Sul, Margot Sauer teve uma árvore plantada em seu nome pelas suas contribuições na área da comunicação. Em 1985, recebeu o título de Cidadã Caxiense pela Câmara de Vereadores e faleceu em 1995 (Prefeitura de Caxias do Sul, 2022).

b) Werony dos Santos Sartori

Werony dos Santos Sartori conciliou, ao longo da sua vida, o trabalho junto a diversas entidades beneficentes de Caxias do Sul e as contribuições para as colunas sociais. Iniciou sua trajetória como colunista em 1958. Tudo começou por conta do cargo na área da cultura que ela ocupava dentro Lions Clube Caxias⁶. Werony teve forte participação na organização de eventos promovidos, por exemplo, pelo Clube Juvenil e o Recreio da Juventude, associando essas atividades à escrita das notas sociais dispostas em diversos veículos de comunicação, incluindo a Rádio Caxias, o jornal Pioneiro e a Cia Jornalística Caldas Júnior (Porto Alegre). Ela chegou a cobrir, inclusive, as notícias litorâneas durante o período de veraneio na década de 1960. Presença influente entre os empresários e as instituições da região, Werony atuou no Pioneiro até 1996 e faleceu em 2019 (Pioneiro, 2019).

c) Paulo Gargioni

Paulo Gargioni iniciou sua carreira como jornalista em 1966, na Caxias Magazine, e passou por diversos veículos ao longo dos 50 anos de profissão, como o Pioneiro, a Folha de Caxias, o Correio do Povo, a Folha da Tarde, o Jornal do Comércio, o Correio Riograndense, a Folha de Hoje, a Gazeta de Caxias, a Rádio Difusora e a TV Caxias. Nascido em Vacaria, adotou Caxias do Sul como sua residência e deixou uma marca não apenas no jornalismo, mas especificamente no colunismo social da Serra Gaúcha, área em que iniciou sua trajetória aos 25 anos. Em 1991, recebeu o título de Cidadão Caxiense e, em 2016, três anos antes do seu falecimento, foi homenageado com uma placa do poder legislativo municipal pela sua trajetória

⁶ Clube de voluntariado vinculado ao Lions Internacional. A instituição de alcance mundial possui 1,4 milhão de associados e cerca de 50 mil clubes. Surgiu em 1917 com a junção de empresários estadunidenses comandados por Melvin Jones com o objetivo de auxiliar na resolução de problemas sociais causados, acima de tudo, pela Primeira Guerra Mundial. Hoje, o Brasil é um importante membro dessa associação, sendo que todos os estados contam com a presença do Lions. Os clubes tornaram-se, também, ricos espaços de convivência social (Lions Internacional, 2025).

de meio século desenvolvendo colunas sociais. A ocasião foi marcada, ainda, por um jantar beneficente no clube Recreio da Juventude. Paulo Gargioni morreu em 2019, aos 79 anos (Pioneiro, 2019).

d) João Pulita

João Pulita foi apontado, em 2018, como membro mais antigo da equipe do Pioneiro. Atualmente, soma 37 anos atuando no jornal e carrega o feito de ter sido o primeiro colunista do Brasil a publicar fotos coloridas. Natural de Bento Gonçalves, ele se mudou para Caxias do Sul ainda quando criança e sempre esteve ligado às artes, integrando o grupo de teatro Oficina Um, da Universidade de Caxias do Sul, onde concluiu sua formação de licenciatura em letras. Além disso, ele trabalhou como *merchand*⁷ em uma galeria de arte. Convidado por duas editoras do Pioneiro, ele passou a escrever, em 1987, a coluna “Outras palavras” destinada, primordialmente, a um público jovem e interessado no meio cultural. Após o impacto positivo de seu trabalho entre os leitores, passou a publicar diariamente em 1993, quando o Pioneiro foi adquirido pelo Grupo RBS. Hoje, ele permanece à frente da coluna social no jornal Pioneiro. A pesquisa contactou o jornalista para marcar uma entrevista, a fim de ampliar o alcance metodológico. No entanto, dado o prazo previamente estabelecido para a conclusão da análise e a incompatibilidade de agenda com o profissional, não foi possível dar sequência à intervenção.

Como foi possível observar até aqui, a história da coluna social é um encadeamento de fatores históricos aliados a expressões autênticas de escrita e a decisões editoriais. Ela é, principalmente, uma manifestação da linguagem e das suas diferentes formas de explicar o mundo. A desconstrução, de Jacques Derrida, vem a ser uma dessas formas e orienta a presente pesquisa. Assim, o capítulo seguinte é destinado a explorá-la para compreender como ela pode estar relacionada à elaboração da coluna social do jornal Pioneiro no período delimitado.

⁷ Profissional, geralmente vinculado a uma galeria, que dedica o seu trabalho à comercialização de obras de arte, intermediando, também, aspectos da divulgação e do relacionamento entre cliente e artista (Dicionário Online de Português, 2025).

3 A DESCONSTRUÇÃO: ESCRITURA E RASTROS

Este capítulo apresenta uma base conceitual acerca da desconstrução em Jacques Derrida com foco nos conceitos de rastro, escritura, *différance* e acontecimento. A partir dos conteúdos nele relacionados, será possível analisar, no próximo capítulo, o *corpus* selecionado e determinado em nove colunas sociais advindas dos anos de 1970, 1990 e 2020. As ideias citadas ocupam lugar fundamental no entendimento sobre como os textos jornalísticos se articulam com os jogos de sentido, a inscrição, a memória e o deslocamento cultural. No jornalismo, os textos são construídos a partir de conhecimentos obtidos coletivamente. Isso justifica a errônea noção de imparcialidade muitas vezes atribuída aos jornalistas que, em um cenário utópico, deveriam escrever como um ser inanimado, um tradutor de informações sem qualquer conexão intelectual. Sabe-se que, na realidade, o sentido da escrita forma-se pela junção de conhecimentos prévios, do contexto, da individualidade e da intencionalidade aplicada na escolha das palavras e em qualquer outra estrutura gramatical ou estilística. Dito isso, começa-se a explorar os questionamentos que orientam esta pesquisa, cuja escolha, baseada na desconstrução de Jacques Derrida associa-se com a ideia de que o engessamento da definição de escritura não traduz a complexidade da sua formação. Naturalmente, na escrita jornalística, tamanha subjetividade não pode ser analisada de modo arbitrariamente deslocado.

Primeiramente, é relevante destacar que a desconstrução não é uma teoria ou um método de análise que busca impor conceitos. Ela pode ser vista como um conjunto de comportamentos perante uma leitura atenta nas suas mais distintas manifestações. Essa postura busca questionar pressupostos vistos como irrefutáveis pela filosofia clássica, volta o olhar para hierarquias estabelecidas e, com esse cenário, indaga a legitimidade na formação tradicional do sentido. Derrida prima pela observação sutil, evidenciando tensões e paradoxos da significação, que não desempenha um papel único e específico, mas é uma estrutura complexa, pois remete a diferentes conceitos. Dessa forma, para iniciar o processo de descoberta, é preciso abordar a relação da desconstrução com a linguagem (Derrida, 2001). Nesse ponto, é importante ressaltar as próprias dúvidas de Derrida a respeito da palavra desconstrução (1987). Ele aponta que, ao procurar uma palavra adequada aos seus estudos, encontrou desconstrução dentro das inúmeras definições propostas pela gramática francesa. Ele refuta, porém, a ideia de desmembrar, desconfigurar ou descaracterizar o objetivo na busca pelo elemento ‘puro’ ou pela origem abordada na filosofia tradicional, a qual ele questiona. À primeira vista, os conceitos associados à desconstrução fazem relações que se assemelham a uma lógica estruturalista. Ele explica, porém, que a desconstrução também é antiestruturalista e não pode ser definida por uma frase

ou em uma ideia da linguística, pois não se refere a um método a ser aplicado sobre determinado texto, sujeito ou situação. A desconstrução ocorre no interior da língua, na estrutura propriamente dita e não no resultado obtido por meio dos filtros da linguagem ocidental. Isso não impede, entretanto, que a desconstrução abarque paradoxos, contradições e efeitos do desconstruir. Dessa forma, não é justo definir a desconstrução, porque qualquer explicação em palavras não será suficiente para contemplar sua amplitude: “O que é a desconstrução? É tudo! O que é a desconstrução? É nada!” (Derrida, 1987, p. 27). Derrida (1987) reconhece, assim, que não existe termo perfeito e tampouco a desconstrução é uma palavra ideal.

Em seus estudos, Derrida desenvolve uma incisiva crítica ao que ele denomina de ‘metafísica da presença’ e ao logocentrismo⁸, isto é, à ideia de que o valor de algo reside na presença. Assim, ele questiona a existência de um sentido ou de uma presença original, de um espaço onde a palavra nasce pela primeira vez. Na visão do autor, o sistema cultural sobre o qual essas bases foram constituídas leva o indivíduo a pensar que existe um conceito único, transcendental e invariável que funciona como metáfora explicativa para o surgimento de sentidos complementares. Conforme o autor, a filosofia tradicional cresceu em torno da ideia de presença, como se o ‘sentido original’ fosse o próprio significado. Dessa forma, em diferentes aspectos dos saberes humanos – incluindo história e linguagem – valeu-se da ideia de origem: um local ou um pensamento autêntico onde tudo começou. Derrida (2004) questiona o pressuposto que coloca o pensamento e a racionalidade como centro de qualquer explicação, revendo a lógica que os determina como verdadeiros em essência, e não como formações secundárias. Para o filósofo, a origem na concepção ocidental pode ser reanalisada, redefinida, vista por outro aspecto ou colocada à prova por meio das estruturas da linguagem. Assim, não haveria presença primária anterior à escritura, pois ela abarcaria movimentos mais amplos que não a ‘prendem’ ao papel de mera representação gráfica do pensamento-som. Questionando o que era apresentado até então – a fala como lugar de excelência na materialização da lógica –, Derrida (2004) argumenta que o próprio sentido é algo sempre incompleto. Dessa forma, o significado associado à origem seria um significante, derivado do jogo das ausências, presenças e diferenças. A partir disso, observa-se o sentido como deslocamento linguístico, e não como instituição absoluta, atravessado pela movimentação inerente à origem da origem (Derrida, 2004).

⁸ Metafísica da escritura fonética. Derrida faz uma forte crítica à tradição filosófica ocidental que aponta a fala (*phoné*) como resultado mais próximo do ‘real’ na ‘tradução’ do pensamento. A escrita seria, assim, a representação da fala e do pensamento. “A época do logos, portanto, rebaixa a escritura, pensada como mediação de mediação e queda da exterioridade do sentido” (Derrida, 2004, p.15).

Derrida sinaliza a tendência da linguística tradicional de valorizar a fala (*phoné*) em detrimento da escrita. Isso porque a fala seria vista como uma manifestação consciente do pensamento e a escrita, por sua vez, mera representação do pensamento-som. O filósofo questiona a hierarquia tradicional que associa a fala ao sentido pleno. Na sua visão, é pela escritura – na leitura derridiana – que são percebidas as diferenças, as contradições estruturais e as oposições que enaltecem conceitos ou geram apagamento. Isso não significa dizer que a escritura não-fonética é superior à fala e nem que a *phoné* possui uma carga de sentido estabelecida pela presença, mas que as ideias ocidentais da filosofia estabeleceram uma hierarquia que não exatamente corresponde à estrutura da linguagem. Dessa forma, a escritura não-fonética “descreve relações e não denominações. O nome e a palavra, estas unidades do sopro e do conceito, apagam-se na escritura pura” (Derrida, 2004, p.32). Isso porque a escritura em Derrida (2004) não está vinculada estritamente à grafia ou à fala como representação do pensamento. Ela é mais ampla, diz respeito às estruturas da linguagem e não é definida por períodos anteriores ou posteriores à lógica logocêntrica. A escritura relaciona rastro, diferença e não-origem em uma proposição de arquiescritura, ou seja, cumpre parte fundamental na linguagem, mas não fica ‘presa’ a conceitos predeterminados (Derrida, 2004). Dessa forma, as palavras não são colocadas no lugar de representação, mas, sim, de elementos cujas características atribuem-lhes um campo de estudo particular. Derrida (2001) especula a criação de uma falsa sensação de domínio no indivíduo, como se, ao escolher as palavras, ele estivesse produzindo um discurso puramente seu e advindo do pensamento. Na realidade, ele está manifestando composições advindas de presenças anteriores. Ele argumenta que “[...] nessa confusão, o significante parece se apagar ou se tornar transparente, para deixar o conceito se apresentar ele próprio, como aquilo que é, não remetendo nada mais do que à sua presença” (Derrida, 2001, p. 28).

Na desconstrução derridiana, a compreensão de escritura sinaliza a não possibilidade de chegar à origem plena dos conceitos, porque todo termo é o resultado de outros significantes utilizados para descrevê-lo ou até mesmo de influências conceituais anteriores obtidas na diferença e na antecipação. Sua indagação fundamenta-se na ideia de que o significado nunca é fixo ou originário, mas muda a partir da diferenciação, das relações estruturais e da temporalização. A escritura seria, então, o “significante do significante” (Zevallos, 2014). Portanto, se a palavra não possui, de fato, um significado invariável que represente sua constituição primária, mas, sim, um compilado de saberes anteriores, os processos de aproximação resultam no que Derrida chama de rastros, que constituem a própria possibilidade da significação, isto é, marcas de diferenças que atuam no funcionamento da linguagem.

Derrida (2004) pondera sobre percepções intuitivas, que não estão necessariamente dependentes do significado no âmbito do sentido, dada a sua ampla definição. É sempre importante destacar, porém, que ele questiona veementemente a ideia de componentes metafísicos absolutos, ou seja, presenças perenes que possuem uma origem de existência. Na visão dele, essa ideia apresenta falha, pois toda e qualquer manifestação de presença deriva de uma ausência ou de uma falta que conjuga o sentido. Nesse cenário, a *différance* explicita o funcionamento do processo de significação por meio da diferença e do adiamento. Derrida (2004) utiliza o termo *différance* para indicar que o sentido não se produz por uma presença imediata do significado, ou seja, um signo não produz determinado sentido apenas pelo fato de existir, pois isso não garante uma posição fixa. O mais adequado seria considerar que o sentido ocorre pela relação diferencial entre os signos e pelo constante adiamento da sua determinação definitiva (o sentido nunca está pronto ou finalizado). Assim, um signo só pode significar porque se distingue de outros signos e porque remete continuamente a novas significações. A *différance* não designa um conceito estável ou uma origem, mas o movimento que torna possível a própria significação. Por isso, nenhum significado se apresenta de forma plena e definitiva, permanecendo sempre aberto a novas relações, interpretações e deslocamentos.

Para o adequado desenvolvimento da presente pesquisa, é prudente considerar a escritura na sua devida abrangência, pois restringi-la à representação do pensamento-som seria limitar a prática da leitura e da interpretação. Na visão meramente funcional dela, as complexidades que são inerentes ao processo de construção do texto não são levadas em conta, pois a inscrição ocupa lugar secundário. Todavia, quando se trata de jornalismo e, especificamente, de colunas sociais, entende-se que a palavra escrita não é representativa, e sim agente transformador do entorno e criadora sociocultural. Ter a possibilidade de identificar as oposições presentes no discurso das colunas sociais – belo e feio, inusitado e banal, elitizado e comum – possibilita articular o conteúdo com a análise das hierarquias conceituais frequentemente examinadas pela desconstrução.

3.1 A ESCRITA E A DIFFÉRANCE

A fim de que a análise do *corpus* seja possível, é necessário explorar o princípio de escritura tal como ela é vista na lógica derridiana. Derrida (2004) não se refere à escritura pensando única e exclusivamente nas noções de escrita gráfica ou fonética. Ele aponta, inclusive, que “não há signo linguístico antes da escritura” (Derrida, 2004, p.17), ponderando

que a escritura direciona para algo maior, para mecanismos intuitivos, inconscientes e amplos que não abarcam uma origem, pois são derivados de outros resultados e podem ser expressados na grafia ou na fala, mas não só nelas. A *écriture* indicada pelo filósofo difere-se da escrita grafocêntrica, ao passo que compreende todo o aparato de recursos de linguagem, isto é, os mecanismos que estão relacionados ao ato de comunicar e ainda vão além.

[...] não apenas os gestos físicos da inscrição literal, pictográfica ou ideográfica, mas também a totalidade do que a possibilita; e a seguir, além da face significante, até mesmo a face significada; e, a partir daí, tudo que se pode dar lugar a uma inscrição em geral, literal ou não, e mesmo que o que ela distribui no espaço não pertença à ordem da voz: cinematografia, coreografia, sem dúvida, mas também, “escritura” pictural, musical, escultural, etc. (Derrida, 2004, p. 10-11).

A própria escritura estaria, portanto, à mercê do “jogo das remessas significantes” (Derrida, 2004, p. 8), fator esse que impede a sua definição em uma explicação objetiva. Derrida (2004) explica que, para suprir uma demanda que buscava limitar e, como consequência, dominar um objeto de estudo, a forma de ler e explicar o mundo ficou restrita às manifestações fonéticas da língua, sendo a escrita sua versão secundária. Isso implicou no surgimento de relações que se baseiam na ideia de verdade por meio da presença absoluta e da separação, delimitando um tempo histórico anterior ao surgimento da escrita (gráfica) e um posterior. A escritura, segundo Derrida (2004), porém, não atende a essa expectativa porque não há início quando se trata de um pressuposto que é anterior à criação de signos e símbolos. Ela é, assim, não classificatória, não excludente e sem ponto de partida fixo.

Seguindo esse modo de pensar, toda produção discursiva, que inclui as colunas sociais, não está restrita à simples representação gráfica nas páginas do jornal, tampouco espera-se que aquele texto seja resultado unicamente do pensamento-som do jornalista que o criou. Para que uma coluna social seja composta, é necessário, primeiramente, selecionar acontecimentos, pessoas e relações que são transformados em signos inscritos. Essa lógica, todavia, ‘não nasce na cabeça do colunista’, e sim com um aglomerado de saberes anteriores – tão antigos que habitam o inconsciente – e o fazem propor determinado arranjo que gera sentido pela elaboração de identidades e pela materialização do cotidiano. Isso implica dizer, ademais, que o sentido produzido pelas colunas sociais não é estático e comum a todos que a leem. Assim como pensou Derrida (2004), o sentido nasce na diferenciação e no adiamento.

Na prática, o sentido ocorre pela existência de um outro que cria a oposição e, assim, diferencia, mas não só por isso. Pode-se citar, por exemplo, a escolha de fotos em destaque com legendas chamativas em detrimento de pequenas notas de rodapé. Cria-se a noção de destaque pela comparação com as notícias que são retratadas de maneira mais discreta. Da mesma forma,

é possível perceber tal questão a partir da escolha de quais pessoas integram as páginas da coluna social. A importância é atribuída àquelas que aparecem porque existem tantas outras – que igualmente foram a eventos, se voluntariaram em ações sociais e mantiveram contatos jornalísticos – que não foram retratadas. A exclusão, a presença, a ausência, a relevância e a ascensão ocorrem dentro de um contexto específico baseadas na ideia de que há um oposto contrastante. Se essas mesmas pessoas fossem divulgadas em páginas aleatórias de um livro de receitas, o sentimento seria de estranhamento e o sentido produzido apontaria para outra direção. Concomitantemente, não é correto abordar esse tema de forma excessivamente objetiva. Para Derrida (2004), as redes de diferenciação são muito mais amplas, remetendo aos diversos elementos que estruturam a linguagem e a modificam no espaçamento, no rastro e na temporalização. Assim, não é possível afirmar que o sentido nasça exclusivamente da oposição, porque ele advém de cadeias complexas cujos signos estão sempre associados a outros anteriores.

Considerando que o sentido está sempre suscetível à busca por influências complementares (Derrida, 2004), leva-se em conta a questão da nomeação, do silenciamento, da ênfase e da repetição nas colunas sociais para justificar uma presença que nunca é plena. Como destacado anteriormente, o foco em alguém simboliza a ausência de tantos outros ‘alguéns’ que não atenderam os critérios do veículo ou do jornalista para estarem presentes no material disposto nas páginas do jornal. Suas presenças, porém, residem na ausência, na sensação implícita de que indivíduos existem para além da publicação e influenciam o conteúdo proposto na criação de uma atmosfera cultural cuja medida é o enaltecimento. Ignora-se, muitas vezes, que nenhum termo é plenamente presente e, por isso, descreve valores, heranças comportamentais de um tempo, questões políticas e divergências culturais mesmo não apresentando elementos gráficos disso. Nomear ou ignorar alguém não fala apenas sobre quem escreve. Derrida (1995), a partir do ensaio de Artaud, menciona a “palavra soprada” para reinterpretá-la na lógica da desconstrução, fazendo uma crítica à ideia da presença plena. Justifica-se que o sujeito não domina a linguagem a ponto de controlá-la. Linguagem e indivíduo funcionam em fluidez conjunta e, justamente por isso, é inviável classificar uma presença como plena e uma ausência como permanente. Derrida (1995, p. 117-118) indica a palavra soprada como “força de um vazio, turbilhão do sopro de um soprador que aspira para ele e me furta aquilo mesmo que deixa vir para mim e que eu julguei poder dizer em meu nome”. Dessa forma, o autor afirma que as palavras não podem ser dominadas, pois, a partir do momento em que o indivíduo pensa nela, ela já não está presente, é “roubada” pela ausência. Uma dualidade: a pessoa tem a sensação de possuir a palavra e, em um instante, ela desaparece

deixando, nas entrelinhas, vestígios de que passou por ali. Cita-se, como exemplo prático, o fato de alguém não conseguir dizer, de modo espontâneo, duas vezes exatamente a mesma frase. As palavras passam e deixam as marcas da sua transitoriedade (Derrida, 1995).

A compreensão desse entrelaçamento de sentidos ocorre por meio da temporalização ou adiamento em associação com a distinção. Ao questionar a primariedade da fala em relação à escrita, Derrida (1991) indica que certas diferenças são imperceptíveis ao som e, portanto, só seriam percebidas na escritura dissociada da ideia de representação do pensamento. A escritura abarca a compreensão pela diferença sem classificá-la como ausência ou presença. Ora uma presença torna-se ausência e é notada pela projeção do futuro, ora uma ausência remete a uma presença por indicar algo necessário para certo cenário. Isso quer dizer que a diferença não simboliza o ato de notar uma presença, mas é uma forma de observar como o tempo relaciona oposições e perpassa os limites entre passado, presente e futuro, pois a definição deles mesmos não existe quando se desconsidera a presença plena. Essa dinâmica é orientada pelo que Derrida (1991) chamou de a ‘regra do jogo’ que, no contexto das colunas sociais, seria a edição, o cenário de leitura, a atmosfera em que o conteúdo é interpretado, a década em que é consumido.

Seguindo essa lógica, o valor da foto de uma debutante, por exemplo, na coluna social só se dá porque a cidade (ou região) de circulação do jornal tem um conhecimento prévio sobre essas festas e o que elas implicam (dinheiro, investimento, visibilidade). Logo, a ideia do que isso representou e representa através das décadas (ausências e presenças atravessadas pela temporalização) estabelece uma relação de diferença com quem não apareceu na coluna: o jogo favorece a sensação de exclusão que dá sentido para o conteúdo. “Diferir, nesse sentido, é temporizar, é recorrer, consciente ou inconscientemente, à mediação temporal e temporizada de um desvio que suspende a consumação e a satisfação do ‘desejo’ ou da ‘vontade’” (Derrida, 1991, p.39).

Derrida (2001) argumenta, portanto, que para questionar a visão estruturalista da língua, é preciso, mais uma vez, repensar a noção de escritura através da *différance*. Ela diz respeito ao entrelaçamento das ausências, das comparações e da temporalização para justificar que nenhum termo é autônomo e individual, com significado próprio e imutável. Eles são conectados a ausências que anteriormente foram presenças e que podem ser percebidas por esse jogo da diferença. Na visão do filósofo, nenhum elemento “está, jamais, em qualquer lugar, simplesmente presente ou simplesmente ausente” (Derrida, 2001, p.32). Seguindo essa linha de pensamento, a formação do próprio texto jornalístico, das matérias jornalísticas e das colunas sociais não nasceria originalmente da inspiração do autor de modo isolado. O “novo” texto é uma releitura do que foi deixado por outros textos, das presenças, das ausências e das faltas

advindas de escrituras anteriores e entendidas pelo que Derrida chamou de espaçamento, ou seja, o período necessário para que ocorram as compreensões quanto ao que é contrário e, ao mesmo tempo, complementar e indestrutivelmente conectado. O “[...] espaçamento é temporização, desvio, retardo, pelo qual a intuição, a percepção, a consumação, [...] a relação com o presente, a referência a uma realidade presente, a um ente, são sempre diferidos” (Derrida, 2001, p.35).

Da mesma forma, nas colunas sociais, pode-se pensar na análise pela *différance* ao distinguir os tempos históricos, como é o caso da presente pesquisa, que irá comparar os conteúdos de edições de 1970, 1990 e 2020. Um encontro político – de um município com o governo federal – não tem o mesmo nível de transparência e nem possui a mesma significância se ocorrer no período da Ditadura Militar ou nos anos de redemocratização. Quem lê os textos das colunas sociais da década de 1970 só pode pensar que a sociedade era restrita e conservadora demais porque tem as de 1990 e 2020 para comparar, colocando em oposição o contexto social, cultural e político. Nesse caso, o eventual ganho de liberdade é notado porque existem temporização (formação do sentido a partir de um outro complementar) e espaçamento (distinção) (Derrida, 1991).

Portanto, o texto jornalístico, especialmente no caso das colunas sociais, não se refere ao que acontece em um tempo específico por tratar de notícias do cotidiano. Essas mesmas notícias, pela diferença, permitem mensurar evoluções, transformações, influências e, na prática, pequenas intervenções na formação cultural de uma determinada população por meio da comparação entre as décadas. É justamente nisso que irão se basear os estudos de interpretação e análise com as edições que compõem o *corpus*.

3.2 O RASTRO

As interpretações sobre escritura e *différance* tornam-se possíveis a partir de vestígios, isto é, marcas estruturais de diferença que relacionam signos a outros signos. A isso Derrida concedeu o nome de rastro. As percepções sociais constituem-se na dinâmica entre presença e não presença, ou seja, no “jogo” de diferenças do qual o rastro é um dos elementos. Como exemplo, pode-se citar eventos de entidades prestigiadas na comunidade que são continuamente mencionados nas colunas sociais. As diretorias e os integrantes dessas instituições mudam e os formatos dos eventos atendem a novas demandas; ainda assim, determinados sentidos permanecem reconhecíveis porque a significação não se produz de forma isolada ou originária,

mas por meio de relações diferenciais que remetem a inscrições anteriores. Nesse cenário, o rastro é, segundo Derrida (2004), a marca da ausência de uma presença e integra o próprio processo de produção do sentido. O signo, por si só, não constitui uma unidade autossuficiente de significação, pois só pode ser compreendido na relação com outros signos. Assim, as marcas deixadas por inscrições anteriores permanecem atuando na significação, fazendo com que cada signo remeta continuamente a outros signos e a outros rastros.

Derrida (2004) embasa seu pensamento no fato de que o rastro associa a falta, a presença, a não presença e a diferença para propor que nada possui sentido fixo ou irredutível, e sim que os processos de escritura – como as colunas sociais, por exemplo – estão sempre à mercê da influência de outros contextos, pensamentos, símbolos, intenções e discursos. O filósofo francês afirma que “o rastro é não apenas a ausência de uma presença, não é a substituição de uma presença que teria sido simplesmente ausente. [...] O rastro é a marca da ausência de uma presença, sempre já ausente” (Derrida, 2004, p. 80). Essa associação é possível com o jogo, ou seja, a dinâmica de substituir elementos de forma infinita, o que só é viável porque essas possibilidades ocorrem dentro de um cenário específico que não tem, porém, uma origem. Na lógica do jogo comumente compreendido, seria como se houvesse em um quadro ou tabuleiro preexistente incontáveis combinações. As peças são finitas, as possibilidades não. Ademais, não há uma fundamentação inicial para esse movimento, pois ele seria respaldado pela dinâmica entre ausências, presenças e faltas (Derrida, 2004, p. 421).

Por outro lado, Derrida questiona o argumento da suplementariedade previamente apresentado por Rousseau, que coloca a escrita em um papel de suplemento da fala. Derrida (2004) justifica que o suplemento não é um simples acréscimo secundário a uma presença plena, pois ele revela a falta constitutiva do suposto originário. Dessa forma, se a fala fosse autossuficiente, não precisaria de um suplemento. Da mesma forma, não há como a escritura complementar algo porque, para isso, seria necessário considerar uma presença unânime e universal, o que, pelos argumentos apresentados anteriormente, não é possível. A suplementariedade revela, assim, uma falta, uma ausência deixada por uma presença que se tornou marca. Essa marca sempre faz referência a um signo anterior que, em algum momento, esteve presente. Portanto, aborda-se, novamente, a ideia de que não há presença absoluta, mas sim ausências que se constituem e resgatam memórias. Essas memórias nunca se apresentam de maneira integral, porque são resquícios que se atravessam na formação do sentido: “A privação da presença é a condição da experiência, isto é, da presença” (Derrida, 2004, p. 203).

Assim, partindo do pressuposto de que não existe presença absoluta e, portanto, a fala não está no centro do processo comunicacional, compreende-se a escritura como a ação anterior

à fala que, mesmo assim, não remete a um ponto original. O que é compreendido no estruturalismo como origem seria, na realidade, marcas deixadas por presenças anteriores que nunca desaparecem, mas também não representam uma presença pura. Portanto, se o conceito ocidental de significado indica, na verdade, o significante ou ‘o significante do significante’, o rastro é a ‘não-origem’ dessa significância ou, melhor, a origem da origem. Nessa dinâmica, não se pode desconsiderar, porém, a diferença, que torna possível perceber o rastro como maior negação da presença absoluta. A permanência de algo não exatamente palpável, mas que pode ser percebido, faz alusão ao signo anterior e anuncia os deslocamentos. O ‘pó’ resultante da relação entre inscrição e diferença contamina o ‘presente’ e indica a inexistência de um ponto original, pois todos esses outros cenários foram construídos pela referência aos signos anteriores.

O rastro é verdadeiramente a origem absoluta do sentido em geral. O que vem afirmar mais uma vez que não há origem absoluta do sentido em geral. O rastro é a diferença que abre o aparecer e a significação. Articulando o vivo sobre o não-vivo em geral, origem da repetição, origem de toda a idealidade, ele não é mais ideal que real, não mais inteligível que sensível, não mais uma significação transparente que uma energia opaca e nenhum conceito da metafísica pode descrevê-lo (Derrida, 2004, 79-80).

No trecho acima, as noções de rastro e de não linearidade do tempo são tratadas de modo paradoxal, contra a lógica da metafísica tradicional, entre indícios que reconhecem e negam a origem. Dessa forma, a origem de um conceito não é substituída pela origem de outro, pois o absolutismo nesses termos não existe. A ‘origem’, na sua complexidade, é atravessada pela diferença e Derrida (2004) faz uso justamente do jogo de contradições para exemplificar isso. Derrida (2004) aborda a inexistência de um tempo essencialmente presente, pois ele é conhecido pelos rastros e pela memória advindos do ‘passado’. O passado, por si só, inclusive não seria uma unidade definitiva, pois um dia foi presente e um dia será futuro (na lógica cronológica). É importante destacar que o tempo não ‘nasce’ em determinado acontecimento e é pautado por ele, mas resume-se a diferentes combinações de rastros.

O rastro não deve ser compreendido como um simples resíduo deixado após a produção do sentido. Ele participa da própria constituição da significação, uma vez que cada signo remete a outros signos por meio de marcas diferenciais que impedem a presença plena do significado. Nesse contexto, Derrida discute a questão do resto, isto é, daquilo que permanece sem jamais se apresentar como uma origem ou uma presença integralmente recuperável. O que “resta” apresenta-se no paradoxo e na impossibilidade de expressar a “última palavra” (Derrida, 2004, p. 65), sem o encerramento definitivo do sentido. Cada manifestação da linguagem é atravessada por rastros e, por sua vez, deixa marcas que poderão atuar em novas produções de

sentido. Derrida (2004) indica que o sentido não pode ser fechado ou reduzido a uma palavra ou frase conclusiva, pois permanece aberto às remissões e diferenças que o constituem. Nesse horizonte, a ‘restância’ não corresponde a um resultado accidental ou descartável obtido ao final de uma operação linguística, mas à permanência de marcas que continuam produzindo efeitos de significação sem se converterem em presença plena. Como afirma Derrida (2004, p. 347), “os efeitos do resto terão assim efeitos de presença – diferentemente aqui ou ali, de maneira muito irregular, segundo os contextos e os sujeitos a eles relacionados”.

Nas colunas sociais, o tempo da mesma forma não é uma unidade linear fixa, apesar de parecer, à primeira vista, que elas demandam uma cronologia tradicional. Dias, meses e anos pautam os parâmetros formais e mercadológicos do jornal, a fim de organizá-lo em um contexto editorial. O conteúdo, entretanto, não ‘nasce’ em uma manhã de quarta-feira porque aquele é o tempo dito como presente. A decisão de incluir, na coluna de uma quarta-feira comum, o aniversário de uma personalidade que o colunista acredita ser relevante, a inauguração de uma loja específica e a festa que alguém organizou para comemorar o próprio aniversário é orientada por contatos, influências e acordos implícitos. Tudo isso pode ser resumido em uma palavra: cultura. A cultura, dessa forma, não é um conceito lançado ao acaso, mas, sim, uma construção. Ela se baseia nas partículas deixadas (tradição, forma, norma, regra) e nas combinações que se redefinem a partir disso: atualizações das crenças, transformação de valores, exploração da linguagem.

Para entender o rastro, é necessário pensá-lo de maneira encadeada (em rede), de modo que, em associação com outros rastros, ele integra um movimento contínuo de remissões e significações sem origem plena e sem encerramento definitivo. Além disso, o rastro – como marca da *différance* e constatado na escritura – não está restrito às formas textuais de representação no sentido escrito. Para Derrida (1991, p. 43), o fenômeno “extra-texto” não caracteriza a escritura, pois essa separação entre os elementos que, em tese, formam o texto e os componentes ‘externos’ a ele é justamente questionada pelo filósofo. As noções de texto e de escritura em Derrida são mais amplas, envolvendo a própria dinâmica da diferença, do rastro e do signo, não se restringindo às manifestações gráficas e fonéticas da linguagem. Nesse jogo entre a *différance* e os rastros, ressalta-se, mais uma vez, que o que é comumente compreendido como ‘significado’ corresponde, nesse contexto, à significação ou a uma sequência de significações possíveis produzidas pela diferenciação. Esse processo ocorre porque cada signo remete a outros signos, retomando marcas anteriores que permanecem atuando na constituição do sentido. A escrita fonética, portanto, não poderia ocupar um lugar central na linguagem, pois

a crítica derridiana ao fonocentrismo questiona justamente a associação tradicional entre a voz, a presença e a suposta origem plena do significado (Derrida, 1991).

No *corpus*, composto por três diferentes períodos ‘históricos’, as contaminações pelo ‘passado’ que foi, em dado momento, ‘presente’, são formadoras do próprio conteúdo apresentado através dos textos (e entende-se texto como escrita, imagem, escolha das pautas, diagramação da página). Tais pontos serão percebidos pela evidenciação dentro dos critérios estabelecidos, das hierarquias implícitas, das oposições conceituais, das exclusões e dos efeitos de sentido produzidos por escolhas do discurso. Assim, para interpretá-lo com o objetivo de compreender as mudanças e as permanências que o atravessam, é preciso levar em consideração as diferenças e, conseqüentemente, os rastros que dão forma aos acontecimentos. O tempo não é linear apenas porque a cultura reinterpreta o passado, mas porque a própria presença temporal já é internamente diferida. Como foi possível observar, a diferença para Derrida ocorre a partir de um espaço de tempo mínimo em que se possa notar mudanças por meio da comparação. Essa comparação nunca é entre duas presenças plenas, e sim pelos rastros deixados por elas. Os rastros compõem a forma de ler e interagir com o que a sociedade denomina “presente”. Para desenvolver uma análise sob a visão derridiana, é necessário ter em mente que o ser humano – empoderado pela língua – não é dotado de um poder divino capaz de criar ou destruir a realidade integralmente. As sociedades estão sujeitas aos resultados dos que vieram antes delas e são capazes, nesse contexto, de deslocar, transformar, acrescentar, retirar, ignorar ou enaltecer as marcas intrínsecas às ausências e às presenças através da sua própria leitura do mundo.

3.3 O ACONTECIMENTO NA PERSPECTIVA DERRIDIANA

Para que uma coluna social seja perpetuada ao longo das décadas – no *corpus*, serão analisados períodos compreendidos em um intervalo de 50 anos –, ela, inevitavelmente, seguirá padrões, sejam eles do veículo de comunicação, do mercado editorial, da gramática, do comportamento ou das normas que regulam a vida social. Entretanto, a elaboração de uma coluna social não se resume à reprodução automática dessas regras. A seleção dos acontecimentos, das pessoas e das imagens que serão destacadas envolve escolhas editoriais que podem ser pensadas a partir da noção derridiana de decisão. Derrida (2007) questiona que seguir normas e deveres coloca o sujeito em um lugar de legalidade no que diz respeito ao campo jurídico, mas, se ele cumpre deveres impostos e somente isso, não se pode dizer que há decisão, pois a decisão chegou “pré-formulada”. O autor utiliza a figura do juiz para discorrer

sobre o indivíduo que analisa, pondera e opta por determinado caminho. Assim, para que a decisão efetivamente ocorra, é necessário que haja interpretação diante de uma situação que não possa ser resolvida apenas pela aplicação mecânica de uma regra.

O novo frescor, o caráter inicial desse julgamento inaugural pode repetir algo, ou melhor, deve ser conforme a uma lei preexistente, mas a interpretação reinstauradora, re-inventiva e livremente decisória do juiz responsável requer que sua ‘justiça’ não consista apenas na conformidade, na atividade conservadora e reprodutora do julgamento (Derrida, 2007, p.44).

A decisão – que se caracteriza realmente como decisão e não é somente uma análise baseada em dados estatísticos – não está livre da injustiça nem condicionada a ela. O ato de decidir passa por um momento de indecidibilidade, quando a regra não é suficiente para determinar integralmente a escolha. A decisão não é indiscutivelmente correta, pois não existem valores plenos e presentes que garantam justiça na totalidade para todas as pessoas. O que existe, porém, é o filtro das normas que regulam a vida em sociedade (Derrida, 2007). Cabe ressaltar que a decisão em Derrida não é um processo unicamente advindo da subjetividade do indivíduo, mas uma questão estrutural que passa pela regra, exige interpretação e enfrenta um momento de indecidibilidade.

As regras, normas e leis são estudadas, compreendidas e visualizadas em conjunto para facilitar a tomada de decisão e, ainda assim, o sujeito paralisa mediante a possibilidade da injustiça – pois os fatos não são irrefutáveis o suficiente para que os caminhos levem apenas a uma decisão, visto que não existe argumento pleno –, e a encruzilhada da decisão se apresenta exigindo que uma escolha seja feita, mas sem promessa de que tal princípio de equidade será plenamente cumprido. A decisão nunca é pura e absoluta. Ela é atravessada por saberes anteriores, interpretações acumuladas e experiências já sedimentadas socialmente. Há, ainda, o momento de urgência, em que o sujeito que toma a decisão não possui tempo hábil para analisar detalhadamente todo o conhecimento disponível. Nesse cenário, ele precisa decidir mesmo sem a garantia de que domina integralmente os elementos envolvidos na escolha (Derrida, 2007).

Se “o signo nasce ao mesmo tempo que a imaginação e a memória, no momento em que é requerido pela ausência do objeto na percepção presente” (Derrida, 1991, p. 354), pressupõe-se, dessa forma, que ele se refaz através dos rastros. Esses rastros, porém, não podem ser reduzidos a um contexto fechado ou a uma situação comunicacional rigidamente delimitada. Derrida (1991) questiona veementemente a ideia de que o contexto determina de maneira definitiva a produção de sentido. Sendo a escritura uma marca que permanece e pode ser reiterada em diferentes situações, os leitores a interpretam e produzem diversos efeitos de sentido. Assim, a tentativa de estabelecer uma origem única para a mensagem mostra-se

insuficiente, uma vez que cada leitura é atravessada por experiências, contextos e rastros distintos. Nas colunas sociais, o contexto influencia a forma como os leitores leem determinada edição, pois, ao abrir o jornal naquela página, espera-se encontrar textos curtos, grande quantidade de imagens, notícias que produzam reconhecimento social e referências ao cotidiano local. Tais fatores não impedem, porém, que um mesmo conteúdo produza interpretações distintas. O contexto não fecha o sentido; ele permanece aberto a deslocamentos, reinterpretações e novas associações. Os atos de lembrar, apagar, modificar e deslocar signos participam daquilo que Derrida (1991) denomina iterabilidade.

Essa ruptura de sentido, aquilo que o aparato intelectual não prevê, que não pode ser plenamente antecipado e que irrompe como singularidade não programável, é o acontecimento. Para Derrida (1991), um acontecimento não corresponde simplesmente à ocorrência de um fato ou à movimentação de algo ou alguém. O acontecimento designa aquilo que excede as expectativas e os esquemas prévios de interpretação, produzindo deslocamentos no campo da significação. Sua singularidade, contudo, não se encontra fora da linguagem ou da história, mas se constitui em relação aos rastros e às estruturas que tornam possível seu reconhecimento. A repetição e a transformação, portanto, não se excluem: é justamente na tensão entre ambas que novos encadeamentos de sentido podem emergir. O acontecimento como singularidade está intimamente relacionado à noção de assinatura proposta por Derrida (1991).

Por definição uma assinatura escrita implica a não-presença atual ou empírica do signatário, mas, dir-se-á, marca também e detém o seu ter-estado presente num agora passado, que permanecera, um agora futuro portanto num agora em geral, na forma transcendental da permanência. Esta permanência geral está, de algum modo inscrita, pregada na pontualidade, presente, sempre evidente e sempre singular, da forma de assinatura. É essa a originalidade enigmática de qualquer rubrica. Para que a ligação à fonte se produza, é necessário portanto que se retenha a singularidade absoluta de um acontecimento de assinatura e de uma forma de assinatura: a reprodutibilidade pura de um acontecimento puro (Derrida, 1991, p. 371).

A assinatura não é apenas o ato de adicionar o próprio nome ao final de um texto. Em Derrida (1991), ela funciona como exemplo da iterabilidade, pois uma assinatura só pode ser reconhecida porque é repetível e continua operando mesmo na ausência do signatário. Por isso, a assinatura não garante a presença do autor, mas evidencia a possibilidade de uma marca ser reiterada e reconhecida em diferentes contextos. Essa tensão entre singularidade e repetição permite compreender como determinados traços discursivos permanecem identificáveis sem que o sentido seja fixo ou encerrado em um único contexto de produção.

Nas colunas sociais, será possível observar tanto deslocamentos discursivos quanto marcas reiteradas de reconhecimento social, tendo em vista que elas representam práticas cotidianas e projetam tensões entre presença e ausência, repetição e mudança. Por meio desses

conceitos, torna-se viável identificar acontecimentos textuais, discursivos e culturais nas colunas das diferentes décadas, evidenciando descontinuidades e ressignificações. A passagem das décadas permitirá observar como transformações históricas influenciam a função da coluna social e suas formas de apresentação, revelando mudanças nos modos de vida social, nas interações urbanas e nos próprios recursos da linguagem.

3.4 LEITURA DESCONSTRUTIVA DAS COLUNAS SOCIAIS

A partir do rastro, da escritura e do acontecimento, os discursos das colunas são permeados, em toda a sua extensão por traços da *différance*, considerando que a desconstrução não é um método aplicado sobre o texto, mas uma leitura que evidencia relações inerentes à escritura. Isso não significa negar a cronologia do texto, mas reconhecer que a produção de sentido não se reduz ao momento histórico imediato de sua enunciação. Em vista disso, a expressão de uma coluna social não fala apenas sobre o tempo em que o colunista escreve, em um dia, mês e ano específicos. A *différance* esclarece o funcionamento da significação por meio da diferença e do adiamento, fazendo com que o sentido seja continuamente produzido nas relações entre os signos. A composição do conteúdo como um todo é carregada de elementos anteriores, resquícios de memórias que integram a cultura, comportamentos, sociedade e escrituras de um período, permanecendo como marcas que influenciam futuras colunas sociais. O processo de formular uma coluna é, ao contrário do que se entende comumente, coletivo e não exclusivo do colunista. Além de lidar com presenças nunca plenas, atravessadas por ausências e diferenças, lida-se com a influência que a sociedade exerce sobre esses conteúdos, tendo em vista que ela constitui uma das condições de produção dos textos jornalísticos.

Abordam-se, portanto, algumas noções primordiais para observar tais questões. Nas nomeações, no ato de esquecer ou enaltecer alguém, legitimam-se determinadas camadas sociais e comunica-se implicitamente ao público que alguns aparecem mais do que outros porque são considerados merecedores de visibilidade. Esse merecimento não nasce simplesmente da opinião individual, mas é formulado por padrões de comportamento, valores culturais e formas de reconhecimento social. O colunista é influenciado por marcas (rastros) que consolidaram tradições e formas de valorização social. Na desconstrução, a questão que permeia os textos jornalísticos não é apenas cultural nem resultado de uma formação subjetiva isolada. Ela pode ser compreendida por meio do discurso.

É preciso considerar, ainda, que padrões de comportamento e de imagem mudam através das décadas. No entanto, conforme a presente pesquisa exemplificará no capítulo seguinte, a estrutura geral de coleta de dados e exposição dos fatos mantém certas regularidades. Isso ocorre porque a coluna social carrega rastros de suas configurações anteriores e vai se readaptando ao longo do tempo sem romper integralmente com aquilo que a constitui. Especialmente nas colunas sociais do jornal *Pioneiro*, estabelecem-se relações entre passado, memória e transformações no modo de vida regional, bem como tensões entre permanência e ruptura do discurso social. Isso pode ser percebido, por exemplo, na linguagem utilizada para citar acontecimentos (nascimentos, casamentos, festas) em diferentes períodos ou no tipo de fotografia que ilustrava e continua ilustrando determinadas notas. Essas percepções, mesmo atravessadas por cargas simbólicas anteriores, refletem uma sociedade em transformação. Ademais, demonstram tentativas de incorporar tendências correntes para permanecer relevantes e continuar despertando interesse junto ao público leitor.

A análise do próximo capítulo interpretará comparativamente as colunas sociais do *corpus* segundo os seguintes critérios de noticiabilidade (notoriedade, proximidade, notabilidade, visualidade, relevância e personificação) (Traquina, 2013) e de leitura desconstrutiva: formas de apresentação do cotidiano (abordagens que o colunista utiliza para informar o cotidiano e despertar interesse do público); padrões lexicais (escolha das palavras, estilo de escrita e construção textual); figuras sociais destacadas ou apagadas (a fim de observar quais grupos e práticas recebem maior visibilidade); relações entre presença e ausência por meio do rastro (demonstrando como a coluna social não surge de forma originária, mas se constitui a partir de inscrições anteriores); e marcas de deslocamento cultural (indicativos dos traços culturais que permanecem, se transformam ou emergem nas diferentes décadas analisadas).

A partir desses critérios, serão mencionados: hierarquias implícitas (observação de como, mesmo sem informar de maneira explícita, as pessoas são citadas conforme posições de maior ou menor prestígio social); oposições conceituais (destaque para distinções que produzem sentido por meio de relações diferenciais, tais como bonito e feio, rico e pobre, sofisticado e brega, importante e banal); exclusões (as ausências também participam da produção de sentido; por isso, pessoas e acontecimentos deixados de fora, mas cuja presença é percebida pelos rastros, integrarão a análise); efeitos de sentido produzidos por escolhas discursivas (palavras, frases, pautas e imagens não são elementos neutros. Elas revelam valores do veículo e dos contextos em que a coluna é produzida e lida).

Buscando viabilizar uma análise segundo os critérios acima apresentados, é necessário que haja material que permita mobilizar as noções de temporalização e espaçamento (Derrida, 2004). Tendo isso em vista, entendeu-se que as décadas de 1970, 1990 e 2020 cumprem esse propósito, uma vez que estabelecem um intervalo de tempo suficiente para que determinadas diferenças possam ser observadas. Ao mesmo tempo, mudanças culturais, políticas, econômicas e comportamentais tornam-se mais perceptíveis a partir das transformações discursivas identificadas no *corpus*. O recorte temporal funciona, assim, como uma estratégia metodológica de comparação histórica.

Dessa forma, considerar que a escritura diz respeito a um campo muito mais amplo do que a própria escrita fonética impulsiona a pesquisa a analisar aquilo que não está explicitamente formulado no texto gráfico, mas que permanece inscrito por meio dos rastros e do querer-dizer, entendido não como mera intenção psicológica do autor, mas como intenção de significação que nunca controla plenamente os efeitos produzidos pela escritura. A interpretação do texto propriamente dito (imagens, palavras, diagramação e design) e dos deslocamentos que configuram transformações culturais ao longo das décadas torna-se possível por meio das relações diferenciais que estruturam a significação. A *différance*, por sua vez, opera na dinâmica entre diferenças, remissões e adiamentos, fazendo com que os sentidos permaneçam abertos a novas interpretações. Os rastros atuam nesse processo como marcas que remetem a inscrições anteriores e continuam influenciando a produção de sentido. Sendo o acontecimento aquilo que excede expectativas previamente estabelecidas e se apresenta como singularidade não plenamente antecipável, ele pode evidenciar deslocamentos sociais, transformações no cotidiano e novas formas de apresentação das colunas sociais.

Levando em conta a abrangência do *corpus*, bem como o aparato teórico apresentado ao longo deste capítulo, reafirma-se que a pesquisa dispõe de bases conceituais adequadas para a realização de uma leitura desconstrutiva das colunas sociais do jornal Pioneiro nas décadas de 1970, 1990 e 2020. As interpretações e análises decorrentes dessa abordagem irão compor o quarto capítulo.

4 JORNAL EM FOCO: COLUNA SOCIAL ATRAVÉS DAS DÉCADAS

O presente capítulo desenvolverá duas análises articuladas. As colunas sociais serão examinadas com base em critérios de noticiabilidade, propostos por Traquina (2013), e a partir de parâmetros orientados pela desconstrução e selecionados em função de sua pertinência em relação ao *corpus* e aos objetivos da pesquisa. Busca-se, assim, realizar um recorte analítico que privilegie os aspectos mais relevantes para a compreensão do material investigado. Os critérios de noticiabilidade mobilizados, como mencionado anteriormente, são: notoriedade, proximidade, notabilidade, visualidade, relevância e personificação. No que tange à desconstrução derridiana, especialmente à escritura, ao rastro, à *différance* e ao acontecimento, consideram-se os critérios: formas de apresentação do cotidiano, padrões lexicais, figuras sociais destacadas ou apagadas, relações entre presença e ausência por meio do rastro e marcas de deslocamento cultural. A análise buscará evidenciar hierarquias implícitas, oposições conceituais, exclusões e efeitos de sentido produzidos pelas escolhas discursivas presentes nas colunas sociais. A articulação entre os critérios jornalísticos e a perspectiva desconstrutiva procura tornar mais evidente a relação entre textos, produções de sentido, permanências e transformações culturais ao longo das décadas analisadas.⁹

O *corpus* selecionado é composto por nove colunas sociais, sendo três de cada década investigada (1970, 1990 e 2020). As edições analisadas correspondem sempre às primeiras colunas publicadas nos meses de janeiro, junho e dezembro de cada período considerado. Todo o material foi obtido junto à Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional e ao site do GZH – Pioneiro Digital.

4.1 TRADIÇÃO NA DÉCADA DE 1970

Neste subcapítulo, a análise ocorrerá segundo uma ordem cronológica, isto é, começará pela coluna social de janeiro de 1970 e finalizará pela coluna de dezembro de 1970. Partindo dos critérios de noticiabilidade selecionados e das noções obtidas pelo estudo da desconstrução de Derrida, observa-se a edição de janeiro de 1970.

⁹ Nesta pesquisa, o estilo de cada colunista apresentado é entendido como resultado – dentre outros fenômenos – de alterações socioculturais. Por isso, no decorrer da análise, não haverá uma distinção clara entre mudanças culturais genuínas (espontâneas) e características particulares da escrita (assinatura), pois compreende-se que, na presente proposta, os dois aspectos não podem ser dissociados.

Figura 1: Coluna social – janeiro de 1970

Página 8 CAXIAS DO SUL, 10 de Janeiro de 1970 «PIONEIRO»

MARGOT apresenta: SOCIEDADE

Em ótimas campanhas nasceu o «Lar Pe. J. Schiavo»

Muitas e muitas vezes, os amigos leitores em edições passadas encontravam convites, e apêlos, para que o LAR PADRE JOÃO SCHIAVO, se tornasse realidade. Pois, bem o coração do caxiense é generoso, e as pessoas que vêm trabalhando por este estabelecimento, merecem o máximo de respeito, em matéria de promover, e bem aproveitar cooperações. Irmã Antoniene e um grupo de amigas, de um sonho, conseguiram, dar à Caxias, este lar onde tantas e tantas crianças, no dia são atendidas, com o máximo de zelo e cuidados, enquanto, seus papais e mães trabalham fora. Tudo é atendido com muita psicologia, e a vantagem é das crianças, que serão o Brasil de amanhã. Um lar, onde tudo funciona com classe. E donde nasceu esta realidade, graças à sua cooperação amigo leitor, graças a cooperação do seus amigos, e porque também não dizer de nossas autoridades. Por isso nesta primeira edição do ano de 1970, em PIONEIRO, a seguir faremos uma espécie de prestação de contas, se bem que sucinta, do que vem acontecendo no LAR PADRE JOÃO SCHIAVO.

O QUE EXISTE DE CONCRETO

O LAR PADRE JOÃO SCHIAVO, de recente fundação, funciona normalmente, no transcorrer do ano de 1969, com uma CRECHE, atingindo a matrícula de 52 crianças; funcionou uma ESCOLINHA DE ARTES, de julho a dezembro, ministradas pelas dedicadas professoras — ROSANE LOPES e ANA MARIA ALBERTI, teve um CURSO DE COSTURA, de agosto a dezembro ministrada pela atualizada professora EMILITA LORENZETTI.

No Lar, funcionou também um gabinete dentário, atendido pelo dr. RANULFO MARCHIORO, assistindo os alunos também da Escola São Vicente e Escola São João Bosco.

O SONHO DO GABINETE MEDICO

O LAR PADRE JOÃO SCHIAVO, possui toda a aparelhagem de um GABINETE MEDICO, porém no último ano, não conseguiram dispor de um profissional, dando o grande volume de serviços em nossa cidade, no entanto, neste ano, o atendimento funcionará, com ótimos trabalhos, pois as esperanças e promessas são bastantes neste sentido.

AS IRMÃS MURIALDINAS COMUNICAM

As Irmãs Murialdinas de São José, têm o grato prazer de comunicar ao povo caxiense, que para este ano, funcionarão no «LAR PADRE JOÃO SCHIAVO», uma Escola de Educação Familiar, com os cursos de corte e costura, arte culinária, bordado à mão, e a máquina, e etiquetas sociais, e mais noções de prática de enfermagem, entre tudo quanto é necessário para atender um lar, nas condições atuais.

O referido estabelecimento possui condução própria para o transporte das crianças, que lá frequentarem, para isso torna-se necessário que os pais ou responsáveis, entrem em contato com a direção deste estabelecimento.

Com grande alegria que relatamos tudo isso para vocês, porque afinal, a imprensa e nossos leitores, sempre foram inúmeras colaborações em auxiliar o «LAR PADRE JOÃO SCHIAVO».

CASAMENTO DIA 17

Dia 17 do corrente, casarão na Igreja de São Pe-
lertino, os noivos NADIR TREGANCIN e a LÉDA TURELLA, filhos dos casais — Santos e Nadir Tregancin e de Guilherme e Rosa Turella. O casamento religioso irá realizar-se às 18,00 horas daquele dia. Os noivos após terão a satisfação de receber os seus convidados com um banquete, no Restaurante Avenida. Aos noivos os nossos mais sinceros parabéns.

ANIVERSARIUO O VICE-PREFEITO

A data de 7 do corrente, assinalou a passagem de mais um ano de vida, de nosso dedicado Vice-Prefeito Municipal, o jornalista e advogado Manoel de Castro Serafini Filho, e atualmente à tática, do Departamento Municipal de Turismo. No dia de sua rasgada de aniversário, foi alvo de significativas homenagens de parte da sociedade local, e de seus familiares. A todas estas homenagens, juntamos os parabéns dos amigos de «Pioneer».

FANDANGO NO CTG PAIXÃO CORTES

Na noite de hoje, estarão iluminados os salões de festas do CTG Paixão Cortes, porque um animadíssimo fandango, vai acontecer, a partir das 22,30 horas. O baile de hoje mais será animado pela dupla Nelson e Jureir, os quais com seu ótimo repertório, em muito irão divertir os associados presentes. Ao Lo Sota-Capataz — Zanilda Barbosa do Nascimento, somos muito grates, pela lembrança do convite e lá diremos presente logo mais. Obrigada.

PAULO GILBERTO GRAZZIOTIN e NASIA VILLARINO GRAZZIOTIN

participam aos parentes e amigos o nascimento de seu primogênito

EVANDRO CARLOS

ocorrido dia 5 de maio em curso, em Nova Prata
Caxias do Sul, 10 de janeiro de 1970

UM ORGULHO ESTA EQUIPE DE TEATRO

Todo mundo gosta de teatro, de show, de música, mas muitos desconhecem o trabalho e o sacrifício que isto causa. E preciso muita dedicação para fazer um bom teatro, e prova de esforço e dedicação, é exatamente o GRUPO TEATRAL RIBEIRO CANCELA. Foi fundado para o orgulho de todos nós, no distante ano de 1956, mais precisamente, no dia 15 de março.

A SUA DIRETORIA

No comando desta entidade que se dedica ao bom teatro, temos como Diretor Artístico e Presidente — o sr. Amante João Francisco, Vice-Presidente Valdir Fassoli — Secretários: Nelson Porto e o Juarez dos Santos (o primeiro nosso colega de Pioneer), como tesoureiro — Antônio Venturini.

O ATUAL ELENCO

Compõem atualmente o GRUPO DE TEATRO RIBEIRO CANCELA, os componentes da diretoria, supra aludidos e mais João e Neide Lopes — Ediva de Abreu, Abigail Francisco — Dulce Venturini — Manoel Lopes — João Gomes — Rivaldi Francisco — Valquíria Gomes, e Valdir Guedes de Freitas. Conjuntos Musicais ligados ao grupo: Os Milionários, Grupo XX e Electra 5.

Todas as apresentações desde a primeira, foram levadas a efeito em benefício de entidades de CARIDADE. Nenhuma integrante do grupo recebe remuneração.

Da autoria de Amante João Francisco (entimamente registrada), foram encenadas 12 peças, desde a mais trágica até o show mais risos e cômico, num total de 119 apresentações, a peça mais encenada foi «Lágrimas e Risos», representada 56 vezes. Da autoria de J. Vieira Pontes, «Honra ultrajada», por 13 vezes, e a autoria de Cesar Lacerda, «Suplicio de Uma Mulher» com 15 apresentações, num total portanto, de 147 apresentações.

AS APRESENTAÇÕES

As peças de teatro apresentadas super enumeradas, tiveram como local de encontro, os cinemas da cidade, os distritos, clubes, salões paroquiais de igrejas e baúres, em quase trinta cidades de nosso município. Obtendo sempre os maiores aplausos e sucessos. Porque a equipe vai bem mesmo. E tudo a custa e sacrifício de cada um, porque tanto o elemento masculino como feminino, apreciam o teatro.

META PARA 1970

Os planos para 1970 e continuar lutando pelo teatro amador da nossa cidade, conseguir uma casa, onde possam fazer os seus ensaios, pois atualmente os ensaios são feitos nas residências dos componentes do grupo, e encenar novas peças, e aos poucos entrar no campo de um grande teatro, porque se Caxias não pode pagar o RIBEIRO CANCELA, para vencer no campo do teatro, e se Deus quiser, há de vencer com letra masculina.

PASSARELADAS E BOATE E SALA DE CHOPP

De propriedade dos amigos Cleber Fassoli, Heron Reis, Rui Coelho e Durval Balen, foi inaugurada duas atrás o PASSARELADAS, inicialmente a boate, e depois na quarta-feira que passou a sala de Chopp. O local todos vocês leitores devem saber, é na rua Marques do Herval no 929. Aquela casa branca, e azul é exatamente a calçada da alegria e das boas horas de entretenimento. O ambiente está uma beleza. Sociedade prestigiosa do mesmo. Os proprietários estão de parabéns deste que a casa inaugurou e funciona diariamente a partir das 22,30 horas a boate E a SALA DE CHOPP, a partir das 18,00 horas. Nestes dias de calor, um choppinho gelado, sempre vai bem, e você cavalheiro, aproveite o fim de tarde com seus amigos, para o aperitivo, ou então para concluir um bom negócio. O PASSARELADAS, está ali mesmo, oferecendo seus bons préstimos. E como estamos em férias de verão, o local também deve ser frequentado nos dias de semana. Dance ao som de músicas modernas e aproveite o humor da iluminação que está bacana a beça. E depois nos conta se é ou não muito "in" dizer presente no PASSARELADAS.

NOIVADO NO ÚLTIMO DIA DO ANO

No último dia do ano de 1969, noivaram os namorados DR. JOÃO BOCHESSE ROSA com a jovem LUCI LUIZA CORSO, da sociedade local. Uma animada pedida marcou este noivado dos amigos João e Luci. Os noivos são filhos do casal Fernando e Hilda Bochesse Rosa e da Vya. Irma Ederle Corso.

Aos noivos os nossos parabéns.

SE A MODA PEGA VAI TER MUITA GAROTA POR AI USANDO UM BELO CARRO COMO ADEIRO

O carro original é de Hamburgo — através de impressões da Alemanha. No entanto, — as firmas que fabricam carros é que vão lutar com as garotas bonitas. — Vocês concordam?

NASCIMENTO DE MARIO ANDRÉ

Dia 5 do corrente disse bom dia ao mundo o garoto MARIO ANDRÉ, primogênito do casal Sady e Rita Prazo. O nascimento ocorreu no Hospital Nossa Senhora de Pompéia. Aos papais corajosos, os nossos parabéns.

OUTRO NASCIMENTO DE AMIGUINHO

Está em festas o lar do casal Jacir Angeli e da Eladir Angeli, porque dia 5 nasceu o MARCELO, também no Hospital Nossa Senhora de Pompéia. Um belo garoto é agora a alegria do lar dos Angeli. Parabéns.

A CEGONHA TROUXE A SIMONE

Um pacotinho, bem feito, a cegonha deixou no Hospital Nossa Senhora de Pompéia, na última segunda-feira, quando nasceu a SIMONE, filha do casal Rendi Dias de Oliveira, e da Cerenil de Oliveira. Aos papais o nosso abraço de felicidades e que a Simone, sempre lhes dê muitas alegrias.

RAINHA DAS PISCINAS VEM AI

Como anualmente acontece, em Piratanga, realiza-se a escolha da RAINHA DAS PISCINAS DO RIO GRANDE DO SUL, e suas princesas. Caxias do Sul estará presente, com algumas candidatas, e as filhas de nossa cidade, movimentam-se através de suas diretorias, para apontarem as suas candidatas. Não que sejam pessimistas, mas na edição 13, talvez, Caxias, tenha muita sorte, e tomara que traga o título para cá.

Apartamentos

Preço fixo ou Autofinanciáveis

EMGRAN

Construções Classe "A"

Logos RENNER

— sempre na vanguarda —

agora com cosmetologista permanente de

Helena Rubinstein

Fonte: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pesq=&pagfis=16779>

Em colunas sociais, de modo geral, o fator notoriedade manifesta-se na presença da colunista, que aparece destacada na parte superior da página e possui credenciais e conhecimentos para tratar dos fatos. No caso da coluna de janeiro de 1970, destaca-se que Margot Sauer, a colunista com carreira nos meios jornalísticos e, portanto, construção

consolidada da própria identidade profissional, é uma personalidade cuja posição e nome já chamam atenção para a notícia. Além disso, no decorrer do texto, são citados diversos outros nomes, como o das professoras que ensinavam na instituição Lar Pe. J. Schiavo, dos noivos, do vice-prefeito, dos pais pela lembrança do nascimento dos filhos, das próprias crianças que vieram ao mundo, da diretoria do grupo de teatro, do elenco e dos empresários pela inauguração de um novo negócio.

Citar o nome cumpre justamente uma função de notoriedade intrínseca às colunas sociais, que é dar visibilidade a certos personagens, tornando-os figuras sociais destacadas se forem comparados aos demais. Além do mais, nesse contexto, o papel que elas desempenham é um fator determinante para que estejam presentes na coluna: as professoras foram citadas porque ocupam uma posição profissional que, na narrativa, é argumento para distingui-las das demais, bem como ocorre com os empresários, com o grupo de teatro e com o vice-prefeito; já os noivos e os ‘novos’ pais, que tiveram seus papéis na dinâmica social alterados, têm a presença marcada por uma mudança de *status* que confere notoriedade. Nesse ponto, ocorre um deslocamento cultural, ou seja, as figuras foram colocadas em uma nova função social, o que demanda uma apresentação formal e, conseqüentemente, organização da estrutura social em torno dos papéis exercidos por essas pessoas. A coluna social estaria, assim, legitimando a mudança. Ademais, pelas noções básicas de construção da notícia, o fator ‘quem’ exerce ‘o que’ dentro do acontecimento é imprescindível para a compreensão. Portanto, a nomeação do sujeito torna-se central.

Quanto à proximidade, fica muito claro que a massiva maioria das notas diz respeito à cidade de Caxias do Sul, com exceção de duas breves citações: uma sobre um nascimento em Nova Prata e outra com uma informação de caráter cultural acerca de um anúncio em que a modelo é apresentada com uma espécie de ‘chapéu’ de carro (inspiração que surgiu em Hamburgo, na Alemanha). Em diversos momentos, para a colunista – e para o leitor –, é tão óbvio que os fatos se passam em Caxias do Sul e nos distritos que o nome da cidade nem é citado, partindo do pressuposto de que o público presuma implicitamente essa informação. A proximidade cultural e as formas de apresentação do cotidiano acompanham a ordem geográfica, tendo em vista que, desconsiderando o anúncio da modelo com o carro, todos os tópicos compõem o dia a dia da sociedade e são facilmente palpáveis para compreensão. O próprio conceito de compreensão e as estruturas que atribuem cargas informativas implícitas são, segundo a desconstrução, formas de formulação do sentido obtidas pelos rastros e pelas ausências (Derrida, 2004). Para o leitor, entender algo como trivial não é um fato aleatório. A rede de conhecimentos que elabora a realidade do consumidor advém de encadeamentos

anteriores que, por sua vez, remetem a marcas cuja ausência completa traduz uma presença passada.

Na prática, presume-se que o leitor considera compreensível e familiar a abordagem de temas como casamentos, nascimentos, entidades beneficentes e novos empreendimentos porque tais assuntos se repetem historicamente nesse tipo de publicação. A leitura desconstrutiva permite observar que esses temas não aparecem de forma isolada, mas se inserem em uma rede de significações construída ao longo do tempo, na qual cada nova ocorrência remete a inscrições anteriores e contribui para a continuidade e transformação dos sentidos associados à coluna social. A notícia de um nascimento carrega a marca de outros nascimentos que igualmente passaram por aquelas páginas, e assim sucessivamente. De igual forma, a autoridade da colunista para selecionar os personagens das histórias deriva de uma tradição em que o jornalista ocupa o centro do processo, manejando e legitimando deslocamentos culturais, marcas de presença e de ausência e padrões textuais. Nesse ponto, aborda-se, ainda, o critério de notabilidade. As colunas sociais possuem a característica de tratarem de acontecimentos, e não de problemas. Justamente por isso a notabilidade é tão evidente, pois a coluna social discorre acerca de aspectos facilmente acessados a partir da bagagem cultural do leitor. Esse item é muito diferente quando se trata de temas mais específicos, como política e economia, que agregam vocabulário técnico e podem criar um afastamento em relação ao público. Tornar o fato tangível é um dos principais objetivos do jornalista. Na edição analisada, observa-se essa tentativa da jornalista ao passo que ela utiliza uma linguagem simples e escolhe fatos passíveis de entendimento pelo contexto social do período.

Mencionar que a colunista utiliza uma linguagem ‘simples’ não significa dizer, porém, que ela não carrega particularidades. Ao apontar os leitores como ‘amigos’ e afirmar que ‘o coração do caxiense é generoso’, o veículo de comunicação leva o cidadão para perto e o coloca como parte da operação que sustenta o jornal Pioneiro e a coluna social. Em outro ponto, ao falar do lar criado para receber crianças, diz-se que, no local, ‘tudo funciona com classe’. Especula-se, portanto, os sentidos produzidos em diferentes décadas em torno da mesma palavra. Na atualidade, dizer que algo é feito com classe implica, geralmente, afirmar seu caráter sofisticado, exclusivo e diferenciado. Dado o contexto em que a frase foi aplicada em 1970, questiona-se se classe não estaria envolvida com os critérios de dignidade e ética, considerando que o lar é custeado com doações e oferece diversos serviços para o bem-estar das crianças. Chama-se atenção, também, para as aulas oferecidas no espaço. Tendo em vista que a década de 1970 foi um período, em comparação à atualidade, marcado pelo conservadorismo, cursos de corte e costura, arte culinária, bordados à mão e à máquina,

etiquetas sociais e práticas da enfermagem fornecem uma ideia sobre o modo como os jovens eram encaminhados para a vida adulta, bem como o que era valorizado. Em outro trecho, a colunista destaca um novo empreendimento, que a sociedade está ‘prestigiando mesmo’ (Pioneiro, 1970, p.8). No final, há um comentário destinado ao público masculino: ‘e você cavalheiro, póde aproveitar o finzinho da tarde com seus amigos, para o aperitivo, ou então para concluir um bom negócio’ (Pioneiro, 1970, p.8). Essa nota contrasta diretamente com a notícia sobre a escolha da ‘Rainha das Piscinas do Rio Grande do Sul’, em que há uma certa expectativa pelas candidatas de Caxias do Sul e pelo título estadual que elas podem obter. Novamente abordando as marcas de deslocamento cultural, é possível observar a diferença do lugar ocupado por homens e mulheres socialmente.

A leitura desconstrutiva permite evidenciar uma oposição presente no discurso da época: enquanto os homens aparecem associados ao universo dos negócios e da atividade econômica, as mulheres são vinculadas aos concursos de beleza e aos atributos estéticos. Essa distinção não deve ser compreendida como natural, mas como resultado de uma organização social historicamente construída e sustentada por determinados modos de significação. Segundo Derrida (1995), quando existe a distinção entre elementos e o adiamento para que o sentido não seja compreendido como fixo e imutável, e sim como resultado de marcas abertas a modificações (*différance*), entende-se que nada é original. Dessa forma, para a coluna social do período, fazia sentido indicar que o espaço de negócios era direcionado a homens e que um concurso de beleza se destinava a mulheres, pois o entorno atendia a uma certa estrutura social. Como o sentido está aberto a mudanças, hoje, tal colocação não seria recebida da mesma forma.

Na edição de 1970, a visualidade é um ponto ainda em desenvolvimento. Isso porque, dadas as possibilidades da época, o uso de imagens ou recursos ilustrativos das notas é bastante escasso. A edição analisada contém uma foto (de anúncio publicitário). O restante dos textos não conta com fotos ou cores, que ainda não tinham chegado aos veículos de comunicação no período. Já a relevância passa, primeiramente, pelo filtro subjetivo da jornalista que escreve a coluna social. No entanto, não dá para negar que a seleção feita pela colunista leva em consideração assuntos de baixa ou moderada complexidade, supondo a diversidade do público que consome um jornal diário. Ela não cita, por exemplo, os protocolos formais de um jantar promovido pela prefeitura da cidade, pois isso colocaria obstáculos na conexão com o consumidor por uma questão de incompatibilidade cultural. A jornalista prioriza informações que conversem com o dia a dia do leitor. Dessa forma, já que os fatos são rotineiros, fica mais fácil criar uma ‘ponte’ com o conteúdo, pois o leitor pode ter a sensação de que, em outro momento, ocupará as páginas da coluna social ou reconhecerá naquelas pessoas situações

próximas de sua realidade. A essa identificação e espelhamento, confere-se o nome de personificação. Por outro lado, o cotidiano é apresentado por meio das hierarquias. Na desconstrução, é viável dizer que figuras sociais são exaltadas, como o vice-prefeito, ou apagadas, como as outras dezenas de pessoas que fizeram aniversário naquela semana e não recorreram ao jornal para publicação. Nesse contexto, são gerados rastros e marcas – de ausências e de presenças – que influenciam no modo como as edições futuras são construídas. Não é possível afirmar, no entanto, as motivações exatas que fazem uma pessoa ser inserida (ou não) em uma coluna social. Pode-se, porém, especular que sua posição profissional e econômica atue sobre isso, relevando tensões implícitas ou explícitas acerca da pauta formulada e das pessoas retratadas (Derrida, 2001).

Analisa-se, assim, as figuras sociais destacadas ou apagadas. Se alguém é citado pela ocorrência de um feito social, essa distinção entre o enaltecimento e o esquecimento ocorre justamente na oposição, ou seja, na conclusão de que alguns ‘merecem’ posição especial porque outros não a têm. Há, em certo ponto, uma hierarquia formada por critérios de seleção que passam pela noticiabilidade, mas não ficam restritos a ela. Sempre que existe uma escolha editorial, determinados sujeitos e acontecimentos recebem maior visibilidade, enquanto outros permanecem à margem da narrativa construída pela coluna. A seleção não elimina esses elementos, mas evidencia uma hierarquia de relevâncias que participa da produção de sentido e da organização simbólica do espaço social representado. Tais pontos podem ser observados, por exemplo, por escolhas discursivas. Nas colunas sociais, o texto é um fator que caracteriza o estilo. Essa marca identitária é formada pelo encadeamento de rastros anteriores, de padrões lexicais que foram utilizados repetidamente a partir de referências deixadas pelos textos escritos em outros momentos.

Essa repetição de padrões não ocorre de forma idêntica. Cada nova inscrição retoma elementos anteriores, mas também introduz deslocamentos, reformulações e novos sentidos, permitindo observar simultaneamente permanências e transformações ao longo das décadas. Para iniciar a leitura da edição de junho de 1970, é importante pensar que, no que diz respeito às formas de apresentação do cotidiano, o estilo das colunas sociais gira em torno de ocasiões que são vistas como ‘auges’ da interação entre a comunidade. Dessa forma, o fato não adquire relevância exclusivamente por estar representado nas páginas do jornal. Sua presença na coluna resulta de processos sociais de reconhecimento já existentes, ao mesmo tempo em que a própria publicação contribui para reforçar, legitimar e ampliar essa visibilidade perante a comunidade. Socialmente, ele já era importante antes e, por isso, foi escolhido para ganhar destaque nos

textos. O jornal, por sua vez, além de fortalecer a relevância de certos momentos, carrega traços de linguagem que superam a representação gráfica da palavra.

Figura 2: Coluna social – junho de 1970

Página 20

CAXIAS DO SUL, 6 de junho de 1970

«PIONEIRO»

UM PASSEIO AO «FUNIL»



Dentre os lugares lindos que existem em Bom Jesus, um passeio se torna obrigatório, é ao FUNIL, uma queda de águas, cercada por um mato cerrado, com vegetação muito bonita. Pois é, exatamente neste local, que ao meio dia de hoje, todos os participantes do Festival de Teatro, convidados especiais, imprensa, e juízes irão confraternizar, como mais um belo passeio, neste simpático município. Publicamos a foto, que no futuro poderá servir como sugestão de um passeio, ou de fazer turismo no verão e nos dias de primavera. O encontro do meio dia de hoje será marcado com um gostoso churrasco ao ar livre.

—O—

2º FESTIVAL ESTADUAL EM BOM JESUS

No último fim de semana, estivemos ausentes de nossa cidade, pois nos deslocamos até a cidade de Bom Jesus, a convite da direção do 2º Festival Estadual do Teatro de Estudantes Secundários, a cuja testa está o dr. Milton Baggio para participarmos de todo o evento como convidada especial. O festival vai se encerrar amanhã, quando importantes solenidades vão acontecer ainda. Como convidado especial de todo o festival a exemplo do ano passado, está presente o Embaixador Pescoski Carlos Magno, o homem que um dia teve a ousadia de lançar em todo o Brasil, com o apoio do governo da nação, festivais dessa natureza, e cada participante sempre bem recebido e recompensado. Pescoski Carlos Magno, é uma criatura de fala mansa, inteligente, atilado, e um grande amigo da juventude. Tem um poder de síntese como poucas pessoas na vida o tem. No Ginasio Nossa Senhora das Graças, onde funciona também a escola normal, foi e está sendo o «QG» das apresentações lá no alto da «Montanha de Bom Jesus». Trabalhos enobrecimento com muita gente importante e um destaque todo especial ao Prefeito Sr. Dutra, juntamente com sua esposa inextinguíveis no transcorrer de todo o festival com gentilezas e atenções. O Rotary Clube a indústria e o comércio, os colégios, e comunidade, enfim todos condescendentes para a realização deste festival em edição número dois. No ano passado Bom Jesus venceu o espetáculo, vejamos este ano, onde este com grandes dozes artísticos, disse presente e deu de si os melhores dos esforços. Parabéns dr. Milton Baggio idealizador e coordenador e muita força para futura, para edição no 3, em 1971.

—O—

INARA CRISTINA, ANIVERSARIA AMANHÃ

Quem vai somar seu primeiro aniversário amanhã, será a menina INARA CRISTINA, filha do casal Irja e Iara Maria Carvilho. Por este motivo seus pais, juntamente com Irja oferecerão no dia de amanhã no clube Juvenil, às 15,00 horas, uma festinha a todos seus amiguinhos, que foram cumprimentar a aniversariante.

Prometo social envia a moça Inara seu afetuoso abraço.

—O—

CALABOUÇO «COM NOITE COMERCIAL»

Na semana que passou Ari Hecker, novo proprietário da Boite Calabouço, já cumpriu com sua primeira promessa a nós felizes. Isto é, de realizar edições semanais de a «NOITE COMERCIAL», na moderninha boite da casa. A edição no 1, contou com ótimas presenças, e muito aplaudidas as perucas Velasquez, destinadas por bonitas jovens de nossa melhor sociedade.

A noite, será sempre, quarta-feira. O horário, logo após as 23,00 horas. — A música sempre no melhor embalo.

Fica o convite para quarta-feira e, com novas atrações.

—O—

Lojas RINNER

— sempre na vanguarda —

agora com cosmetologista permanente de

Helena Rubinstein

— E —

Germaine Monteil

MARGOT apresenta:

SOCIEDADE

Hoje Nos Pavilhões da Festa da Uva a Escolha de «Miss Caxias do Sul 70»

Na noite de hoje, no andar superior do Pavilhão da Feira Industrial da Festa da Uva, se realizará o concurso para a escolha de «MISS CAXIAS DO SUL 1970». O concurso não mais se realizará na sede da Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB), conforme anteriormente se anunciava. Assim o local do concurso ficará mais central e também com mais condições de abrigar público maior. O concurso está um espetáculo, e as candidatas vindo com a organização do Departamento Municipal de Turismo, ao qual está afeto a organização. No transcorrer desta semana, as candidatas foram homenageadas com coquetéis e outras gratas surpresas. Tiveram inclusive aulas de ginástica, e de postura, também domínio da passarela com Mme. Marguerite Mollier, a qual associando-se a esta iniciativa muito deu de si, ensinando este punhado de garotas, alguns truques de bem se apresentar. Não divulgaremos neste espaço os jurados, os quais ficarão na órbita dos julgados até a hora do concurso. Lá nos pavilhões da Festa da Uva, como o concurso visa angariar fundos para Comissão Municipal de Amparo à Infância, serão vendidos ingressos, para adultos e meias entradas para estudantes, com preços bem populares. O Conjunto Itamone Show foi convidado para animar a noite com sua gostosa música, ainda agora mais que a aparelhagem foi enriquecida com diversos novos instrumentos e novo som. Portanto, não haverá baile logo mais, mas sim, um desfile de todas as candidatas para o público presente e para os jurados, e ao final de tudo isso, saberemos então, quem irá suceder a «ANA CRISTINA RODRIGUES», Miss Caxias do Sul 1969, Miss Rio Grande do Sul, depois, e ao final orgulhosamente «MISS BRASIL, n.º 3». Contamos com a presença de todos os caxienses e de amigos da região nordeste para que prestigiem esta festa de logo mais e ajudem as crianças pobres de nosso município, as quais tanto precisam de nosso apoio.

PRÊMIO PARA A MELHOR TORCIDA

Além de mais incentivar o concurso e as candidatas, a «MELHOR TORCIDA» será premiada, e esta expressão poderá ser feita, através de faixas, de aplausos, de gritos e outras atrações mais que despertem atenção. O motivo é muito bacana, e temos certeza, será aquela festa lá na Festa da Uva. Assim o «gigante», vai despertar, numa grande noite da social.

AS CANDIDATAS

As moças que vão em busca do título de «MISS CAXIAS», em número bastante elevado, são as mesmas cujos nomes publicamos na edição de sábado passado, já tiveram teste de cultura de fotogenia, de improviso, e de desenvoltura, pois a vencedora terá a grande responsabilidade de ser a anfitriã no «MISS RIO GRANDE DO SUL», e ainda o de representar nossa Caxias. — Desejamos à todas as candidatas indistintamente um concurso muito feliz.



WALDOMIRO DE ALMEIDA
NAYÁ COUTO DE ALMEIDA

MARIA PEROTTO GEMIN
DAVINO GEMIN

têm o prazer de participar o noivado de seus filhos

CLAUDIO UBIRAJARA e MARISA

Caxias do Sul, 30 de Maio de 1970.

FOTO STUDIO
EDSON e BEUX

TUDO EM FOTOGRAFIAS

Rua: Os 18 do Forte, 1562 (Esq. Borges) e Rua Marechal Floriano, 834, (10 passos da Av. Julio).

«2 FOTOS SERVINDO-O MELHOR»

Clube Juvenil

«Concurso Miss Caxias do Sul»

A Diretoria do Clube Juvenil, convida seus associados a comparecer ao recinto da Exposição (Festa da Uva), hoje a noite dia 6 de junho de 1970 a fim de assistir, incentivar e aplaudir a candidata do Juvenil no concurso do belíssimo «Miss Caxias do Sul».

Representará o tradicional Clube da praça Ruy Barbosa a Srta. Cynara de Oliveira Ramos, que desde já conta com a solidariedade e o apoio de todos os Juvenilistas.

A Diretoria

Título do Clube Juvenil

Vende-se um título de Sócio Proprietário do Clube Juvenil. — Bom Preço. — Com facilidade de pagamento. — Tratar a rua Simão, 910 — Apto. 1 — Caxias do Sul.

Fonte:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=885959&id=948609622113&pagfis=17224>

A escritura na perspectiva derridiana – e, então, pode-se pensar na escritura da coluna social – abarca um ‘tecido’ de signos e simbolismos não explícitos graficamente, mas passíveis de leitura por meio dos rastros, das oposições, das ausências e das diferenças (Derrida, 2004). Isso pode ser observado no aspecto notoriedade, por exemplo. Basicamente, toda a edição gira em torno de um fato: a escolha da miss Caxias do Sul. Nesse cenário, a então atual miss, Ana Cristina Rodrigues, é citada pela posição que ocupa e pelos títulos que ostenta. Do mesmo modo, as candidatas, por mais que não tenham o nome especificado, são identificadas pelo grupo do qual fazem parte. O grupo é a distinção de notoriedade. De modo geral, como ocorreu na edição anterior, noivos, aniversariantes, entidades e empreendimentos são apresentados somente quando há um fato de destaque que relacione o nome da pessoa (ou do local/evento) à pauta proposta pela coluna social ou a partir da escolha da colunista (os assuntos não precisam estar enquadrados em uma temática, mas devem ter certa abrangência social e cultural que interesse ao leitor). Observa-se, portanto, que a escritura não fica restrita à citação dos nomes e das posições (sociais) ocupadas no sentido gráfico e representativo. A escritura contempla uma rede de relações e significações complementares sempre abertas a modificações ou a novas interpretações.

Nos parâmetros de proximidade geográfica e cultural, observa-se a manutenção do foco regional. As únicas notícias que não tratam diretamente de Caxias do Sul referem-se ao Festival Estadual em Bom Jesus e ao passeio ao Funil. Considerando que a equipe do jornal Pioneiro foi convidada a participar das atividades como visitante especial, a presença desses acontecimentos na coluna evidencia não apenas os vínculos estabelecidos entre diferentes localidades da região, mas também o papel desempenhado pelo jornal na circulação e na divulgação dos eventos.

Ainda sobre proximidade, considera-se que os concursos de beleza sempre tiveram posição de destaque no Brasil, principalmente no interior. Ainda hoje, concursos movimentam um grande número de pessoas que torcem, comentam e prestigiam as ocasiões. Compreende-se, portanto, que, na década de 1970, dada a menor oferta de atividades, esses eventos eram ainda mais comentados, pois representavam certos ápices do cotidiano social. Dessa forma, entende-se o motivo pelo qual o assunto se destacou na primeira edição de junho. Paralelamente, é possível perceber tensões entre destaque e apagamento de figuras. A então rainha tem seu nome divulgado por carregar um título socialmente reconhecido e todo o simbolismo associado a essa posição. As candidatas, por sua vez, não recebem o mesmo destaque individualizado, permanecendo vinculadas a um grupo mais ‘genérico’. Observa-se,

assim, uma hierarquização discursiva que distribui diferentes graus de visibilidade às participantes do evento.

Do mesmo modo, os acontecimentos descritos passam pelo filtro da notabilidade, pois, mesmo que o leitor não participe diretamente da escolha da Miss Caxias do Sul ou do festival de Bom Jesus, os elementos mobilizados pela narrativa permitem tornar esses acontecimentos inteligíveis e socialmente reconhecíveis. Situação semelhante à da escolha da miss ocorre na divulgação da cidade de Bom Jesus. Para que a ideia seja efetiva, é necessário que haja uma tensão implícita entre todas aquelas que não foram citadas ou que não possuem atributos compatíveis ao que procura a colunista.

Nessa edição, a visualidade demonstra uma discreta evolução. Ao todo, estão presentes duas fotos, sendo que elas são autorais e representativas dos fatos – não genéricas ou derivadas de anúncios publicitários. Esses recursos auxiliam o leitor a acompanhar as histórias, integrando o referencial constitutivo das colunas sociais. No campo da relevância, a associação entre notícia e realidade é muito clara. Quem mora em Caxias do Sul absorve – pela mídia escrita, pela rádio, pelos comentários entre colegas e amigos, pelos anúncios e pelas interações sociais de modo geral – acontecimentos, como a escolha da miss que representa a cidade no concurso estadual; quem é da região, visualiza a cidade de Caxias como uma referência comercial e cultural. Por isso, as notícias destacadas na coluna podem interessar não somente aos caxienses, mas ao público da região que consome o jornal *Pioneiro*. Além disso, ao citar um acontecimento em Bom Jesus, o veículo expande seu campo de alcance e abrange interesses de uma população ainda maior. Mesmo que o foco continue sendo a cidade matriz – considerando que as entidades e os empreendimentos citados na coluna social de junho são parte dela – a relevância alcançada por Caxias do Sul faz com que episódios ‘internos’ sejam vinculados à realidade de populações vizinhas.

No que diz respeito à personificação, observa-se que os modelos de feminilidade socialmente valorizados na década de 1970 diferem significativamente daqueles encontrados na atualidade. Nesse contexto, concursos de beleza ocupavam posição de destaque na vida social e midiática, funcionando como espaços de reconhecimento e prestígio. A escolha de uma miss podia, portanto, favorecer processos de identificação entre leitoras e personagens retratadas, fortalecendo a relação entre a coluna e o seu público. O leitor passa a ‘se enxergar’ nos personagens retratados, o que fortalece o contrato de leitura e a relação de lealdade. Ademais, como citado anteriormente, existe a hipótese de que as pessoas costumam ler colunas sociais para imaginar que elas mesmas poderiam ser as personagens daquelas histórias, pois o texto possui similaridades com as suas vidas, ou para adentrar um campo totalmente novo e

utópico, em que o fator primordial é a projeção, já que os episódios descritos são muito distantes da sua realidade.

Em qualquer uma das alternativas, seja para dizer “eu também poderia ser a próxima miss Caxias do Sul”; “logo mais, será o meu anúncio de noivado publicado no jornal”; “meu sonho seria comprar esse título do clube juvenil” ou, ainda, “meu tio participa desse festival em Bom Jesus”, o fato é que a similaridade e o desejo criam as colunas sociais e são justamente marcas de deslocamento cultural, uma vez que os sujeitos retratados podem ocupar posições distintas ao longo do tempo. A circulação recorrente de determinadas representações sociais contribui para consolidar modelos de reconhecimento e pertencimento, ao mesmo tempo em que registra transformações nas formas de participação e visibilidade social. Nota-se, então, um deslocamento da posição social e o estabelecimento de uma via de mão dupla entre veículo e sociedade motivada pela influência, pelo desejo, pela participação, pela documentação e pelo registro.

Se a coluna social de 1970, assim como qualquer outra desse período, fosse lida atualmente sem a identificação de data, talvez não fosse possível precisar o ano em que foi escrita, mas, certamente, o leitor saberia dizer que a edição não se refere aos conteúdos do jornal *Pioneiro* dos últimos anos. Isso ocorre tanto pela grafia das palavras em si quanto pelo rebuscamento de certos termos e frases. Esses elementos não anulam, porém, a objetividade e a simplicidade no sentido da compreensão (como indicado anteriormente). A forma como a colunista escreve não é empecilho à efetividade da leitura cognitiva. No aspecto cultural, porém, entende-se que o texto (nas proposições gráfica e derridiana) diz respeito a atmosferas sociais muito específicas, cujas descrições atendem esse cenário. Pode-se indicar, por exemplo, as passagens (*Pioneiro*, 1970, p.20): “...aulas de ginástica, e de postura, também domínio da passaréla com Mme. Margueritte Mollier, a qual associando a esta iniciativa muito deu de si, ensinando êste punhado de garotas, alguns truques do bem se apresentar”; “Não divulgaremos neste espaço os jurados, os quais ficarão nas órbitas dos segredos”; “...numa grande noite social”; “...travamos conhecimento com muita gente importante”; “...onde gente de grandes dotes artísticos, disse presente e deu se sí os melhores dos esforços”; “...na moderninha boate da casa”; “...desfiladas por bonitas jovens de nossa melhor sociedade”; “A música sempre no melhor embalo”. À primeira vista, apenas há a possibilidade de considerar os textos como referentes ao passado porque, na atualidade, conta-se com rastros desse período que permitem a comparação.

Mais do que simples marcas vocabulares de época, essas expressões evidenciam formas específicas de classificação social. Termos como “gente importante”, “melhor sociedade” e

"grande noitada social" não só descrevem acontecimentos, mas participam da construção simbólica de distinções e pertencimentos. A leitura desconstrutiva permite observar como essas categorias se sustentam por relações diferenciais que produzem hierarquias implícitas e distribuem prestígio social de maneira desigual. Ademais, algumas distinções causam estranhamento por apresentarem explicitamente uma divisão social pela oposição e pela hierarquização: certas pessoas têm a oportunidade de contar com aulas e preparações ou são vistas como a “melhor sociedade” e como “gente importante”. A massiva maioria não é citada por não possuir tais credenciais.

Partindo para a coluna social de dezembro de 1970, entende-se que, das edições analisadas até então, é a que mais concentra pontos de notoriedade. Os textos fornecem uma sensação de foco em grupos específicos, deixando para os demais leitores fragmentos de criação que formam o imaginário sobre aquele contexto. Esses rastros compõem o repertório do leitor sobre as notícias e auxiliam na compreensão. Especula-se que, no momento tratado (1970), para aparecer na coluna, seria primordial cumprir certos requisitos sociais de notoriedade (nome e posição). Dessa forma, o texto inicia com a principal notícia, um baile para as pessoas casadas do clube Guarany. Desde já, nota-se a distinção, pois a entrada é permitida apenas aos sócios e, portanto, a um grupo determinado de pessoas. Além disso, as referências ao presidente do clube, ao traje que deve ser utilizado e às debutantes da instituição são lembretes sobre a exclusividade associada a nomes específicos, afinal, nem todos os leitores são, necessariamente, conhecedores dos personagens citados. O restante da coluna segue o mesmo compasso. A nota mais democrática pode ser considerada aquela que cita a boate “Calabouço”, pois, em teoria, seria acessível aos interessados que quisessem comparecer. Na prática, sabe-se que outras questões culturais e econômicas estão envolvidas no processo de aquisição de produtos e serviços. Seguindo, o teor de exclusividade do baile dos casados é reiterado no baile dos solteiros, do clube Guarany. Aqui, chama-se atenção para o destaque dado ao nome da rainha da instituição, Célia Regina de Oliveira, e a dois jovens que integram a organização do evento, Juarez Camargo e Adair Silvestre. Em colunas sociais, os nomes geralmente são citados quando ocupam papel primordial na compreensão da notícia ou quando agregam camadas de sentido pela posição que a pessoa exaltada ocupa.

Figura 3: Coluna social – dezembro de 1970

«PIONEIRO» CAXIAS DO SUL, 5 de dezembro de 1970 Página 13

MARGOT apresenta:

SOCIEDADE

“Jantando na Contra-Mão Vem aí Dia 12 no Guarany para os Sérios”

Não só os solteiros aproveitam uma pedida bem bolada. Os casados também apreciam “bolões às pampas”, compreendendo isso, a atual diretoria do Recreio Guarany, tão bem presidida pelo Dr. Pedro Schwantes e sua equipe de diretoria, bolarão a noite do sábado que vem, como “JANTANDO NA CONTRA - MÃO”. Será a vez - primeira, que os casados do clube estarão reunidos com uma pedida desta natureza, e a exemplo dos solteiros, (local de tantos e tantos sucessos) agora será a vez dos trials “sérios” de confraternizarem, NA BOATE DA TABA INDIA, com uma pedida mil, por cento.

Nós de crônica vamos recomendando o traje para as senhoras deverá ser o longuinho, e para os cavalheiros o esporte; assim fica tudo bem na moda e bem moderninho, por consequente.

O “menu” vai ser bacana à beça. Música parte de um ótimo conjunto melódico de nossa cidade. Esta festa de casados terá de tudo para ser sucesso, já que as festas de casados do Guarany, são sempre promovidas com grande sucesso.

No transcorrer deste jantar dançante, será sorteado um televisor portátil o qual poderá ser muito útil para o veraneio que se aproxima. Tudo isso sábado que vem no Recreio Guarany, a partir das 20,30 horas. Lembramos aos associados do Guarany, de que ainda restam alguns ingressos para serem adquiridos na secretaria do clube, no horário de expediente.

CALABOUÇO COM FESTIVAL DE «CHOPP»

A noite mais gostosa da noite carioca que é Calabouço, nos dias 7 e 8 do corrente, estarão promovendo o 1.º FESTIVAL DO CHOPP, se iniciará por volta das 21,00 horas, para que a turma aproveite bastante a segunda-feira, véspera de feriado, e tempo que será feriado religioso mesmo.

Para animar as danças de Calabouço, em seu restaurante, e boate, estarão presentes os integrantes do Conjunto “Os Filhos do Sol”, o Conjunto BC 4, e a Banda Os Favoritos.

O chopp a ser servido aos presentes será GRATUITO, um brinde tão especial para os amigos frequentadores de Calabouço.

Em ambas as noites, se iniciará por volta das 21,00 horas, para que a turma aproveite bastante a segunda-feira, véspera de feriado, e tempo que será feriado religioso mesmo.

LOGO MAIS ACONTECERÁ «TARUMA»

Entrada com muito carinho, “COMO UMA NOITE EM TARUMA”, e aproveitando a onda do automobilismo, os solteiros do Recreio Guarany, estarão reunidos logo mais com outro jantar dançante. Quem promove conforme já divulgamos amplamente são as debutantes da “Taba India”, de 1968, 1969, e agora de 1970, juntamente com a experiência da rainha Célia Regina de Oliveira, e dos jovens Juarez Camargo e Adair Silvestre.

As festas dos solteiros do Guarany, são sempre as mais animadas, pois a boate do clube se torna pequena para acolher tanta jovem guarda associada.

E por isso que o jantar de logo mais, vai começar cedo, por volta das 20,30 horas, e ao som do Conjunto “Os Pedreiros”. O traje para as garotas será o longuinho e para os rapazes o esporte.

UM CASAMENTO «TOP» AS 19,00 HORAS

Em edições passadas comentamos a originalidade do convite de casamento dos noivos ADELAR LAHM FERREIRA e da IARA LUCIA EBERLE, cuja união acontecerá na data de hoje.

Por isso a pedido de muitos de nossos leitores nós só de Caxias do Sul, mas da região nordeste, publicamos na íntegra o texto deste convite, por sinal um dos mais bem feitos que até hoje tivemos a oportunidade de receber como convidada, no transcorrer de nossas atividades como cronista social. Diz o convite: “DE COMO ADELAR NÃO RESISTIU AO CANTO DA IARA (ou uma estória de amor que é história).

“Iara de cabelos castanhos, da pele morena. De o mundo de alegria. Iara do sorriso brejeiro. Que irrompe de repente, mostrando a brancura de sua alma boa. Iara que brinca. Que corre. Iara que quebra vidrucas —Iara que sorria muito. Que chorou um pouco. Iara que depois voltou à escola. Para estudar. Crianças como ela, Iara que cresce. E levou seu canto suave até o cavaleiro amante. E a canto da Iara atingiu bem fundo o coração do galante Adelar. Mas Iara, com seu encanto, não levou Adelar para o fundo das águas frias. Levou-o para o mundo encantado do amor. Deixou amor morno, e duradouro. E, como em toda a estória feliz, eles se casam dia 5 de dezembro às 19,00 horas, na igreja de São Pedro.

Lojas RENVER
— sempre na vanguarda —
agora com cosmetologista permanente de
Helena Rubinstein
— E —
Germaine Monteil

MAIS UM ENLACE E NOTICIA

Na data de 19 do corrente, subirá ao altar da Igreja Imaculada Conceição dos Pss. Capuchinhos os noivos: ENESTOR JOSE DALLEGRAVE e a GELI MARIA BORDI, filhos do Vvo. Arnaldo Dallegrave e de Sr. e Sra. Claudine Ribaldi. O casamento religioso se realizará às 18,00 horas.

Depois os noivos seguirão em viagem de lua de mel. Para os mesmos somos muito grates pela lembrança do convite para esta festa de casamento, e desde já desejamos-nos felicidades.

NASCIMENTO NA GUANABARA

Temos em nosso poder uma participação de nascimento muito carinhosa dos amiguinhos Ancy e Jacque Castilhos Rivore, nos pedindo que divulgassemos nas colunas de “Pioneiro”, o nascimento de seu irmãozinho DIEGO, o qual disse: “Bom Dia ao Mundo”, dia 20 de novembro.

MAIS UM NASCIMENTO

Na noite passada colou grua na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o jovem MARCO ANTONIO GOLDANI, filho de tradicional família caxiense os amigos: Osvaldo Goldani e Sra. Guilhermina Dias Goldani.

O jovem médico, nos atos de sua formatura teve a felicidade de receber muitos abraços e apertos de mãos de seus amigos e familiares. É mais um filho de Caxias do Sul que completa seu curso superior com raro brilhantismo. “Pioneiro Social”, deseja muita sorte nesta carreira difícil que é a medicina.

MAIS UM NASCIMENTO

O Sub-Tenente IVO JOSE CARILHO, enviou atencioso convite à todos nós de “Pioneiro”, para a sua colação de grau, como edmatizado, do presente ano, da Faculdade de Odontologia de Porto Alegre. Faltando o fim do convite na cta. marcos, com letras douradas e confeccionado em camurça e papel lino acedado a grife lila, sabendo que na data de 13 do corrente às 9,00 horas será reada missa em ação de graças na Capela da PUC, na cidade Universitária, e que às 20,30 horas, se realizará os atos de colação de grau no salão de atos da PUC (Pontifícia Universidade Católica), igualmente cidade Universitária.

A homenagem especial é dedicada aos pais, mestres e futuros pacientes.

Será parafinó desta turma o Professor Dr. RAFAEL ORNINO CARLOS LORO.

MAIS SOCIAIS à página 18

HOJE E AMANHÃ «BOATE AQUARIUS»

Neste fim de semana, mais uma vez estarão abertas as portas de penumbra da BOATE AQUARIUS, da Sociedade Recreativa Nadroura, a exemplo de que irá acontecer em todos os fins de semana, neste clube social.

Na noite de hoje à partir das 23,00 horas, estará presente o Conjunto “Os Gentaís”, e na noite de amanhã o Conjunto “The Kings”, como ficou previsto para as 23,30 horas.

E a boate “p.s.frentes”, promovendo com força total!

E A DILMA VAI COLAR GRAU

Recebemos atencioso convite de parte da amiga DILMA MARIA TONOLLI TESSARI, e dos demais doutorandos deste ano, da Faculdade Crítica de Medicina de Porto Alegre para assistirmos na data de amanhã às solenidades de suas formaturas.

O PROGRAMA

Dia o convite que a programação será a seguinte: às 9,00 horas - Culto Eucarístico em ação de graças na Capela da Faculdade Católica de Medicina; às 20,30 horas - Colação de grau, nos salões de atos da Reitoria da UPMGS.

Será parafinó desta turma de formandos o Professor Nelson Faria Ferreira.

Para a querida formanda DILMA, desejamos toda a sorte de felicidades, na difícil carreira que escolheu, pois Medicina é sinônimo de sacrifício, de dedicação, mas ela, temos certeza sair-se-á muito bem, pois suas qualidades pessoais, assim a identificamos, capacidade, amor à profissão, e muito amor pela humanidade.

TEMPORADA DE PISCINAS

No sábado que passou, tanto o Recreio Guarany, como o Clube da Juventude deram início às atividades deste fim de ano, e de 1971, em suas sedes campestres. Ambos apresentaram muitos melhoramentos, pois as direções, no transcorrer do ano presente, não se olvidaram de que deveriam realizar. O Recreio Guarany, realizou a imprensa para visitar as dependências e in loco, e após oferecer um churrasco, aos responsáveis por colações em imprensa, aos presidentes dos clubes sociais da cidade, e a pressões ligadas diretamente a atual direção do clube, bem com a beladade da “Taba India”, a área da piscina. O tempo estava bastante frio, mesmo assim alguns corajosos mergulharam, a exemplo disso e presidente, dr. Pedro Schwantes.

Em edições futuras, realizaremos ampla cobertura destas sedes campestres, afim de que nossos leitores, apreciam os melhores momentos em ambas as sedes campestres.

MAIS UM NASCIMENTO

Dias passados nasceu o JOSE CLAUDIO, na cidade de Santiago, primogênito do casal José e Nair Cardoso. O nascimento veio trazer muitas alegrias ao casal Cardoso, e desde a chegada do José Claudio, os mesmos têm recebido muitas congratulações de parte do seu círculo de amizades. Aos mesmos felicitamos-nos desejando-lhes nesta edição de Pioneiro.

IVO JOSE VAI COLAR GRAU DIA 13

O Sub-Tenente IVO JOSE CARILHO, enviou atencioso convite à todos nós de “Pioneiro”, para a sua colação de grau, como edmatizado, do presente ano, da Faculdade de Odontologia de Porto Alegre. Faltando o fim do convite na cta. marcos, com letras douradas e confeccionado em camurça e papel lino acedado a grife lila, sabendo que na data de 13 do corrente às 9,00 horas será reada missa em ação de graças na Capela da PUC, na cidade Universitária, e que às 20,30 horas, se realizará os atos de colação de grau no salão de atos da PUC (Pontifícia Universidade Católica), igualmente cidade Universitária.

A homenagem especial é dedicada aos pais, mestres e futuros pacientes.

Será parafinó desta turma o Professor Dr. RAFAEL ORNINO CARLOS LORO.

MAIS SOCIAIS à página 18

Fonte: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=885959&pesq=&pagfis=17851>

A festa “Procurando Tu”, do Recreio da Juventude, mobiliza a nomeação de participantes e convidados especiais como forma de ampliar a visibilidade e o prestígio social do evento. Observa-se o trecho:

Como convidadas especiais estarão presentes as seguintes beldades de Porto Alegre: Manoelita Russowsky, ‘Garôta da cidade’, e a Iara Maria Guichard, ‘Rainha das

Piscinas do Estado', acompanhadas do jornalista amigo de Folha da Tarde: Luiz Carlos de Mello (Pioneiro, 1970, p. 13).

Indicar pessoas e titulações externas – da capital – igualmente é um recurso que busca atribuir relevância à ocasião. Ademais, o título 'rainha das piscinas do estado', abordado em uma edição anterior aqui analisada, volta a aparecer, fornecendo uma impressão de continuidade e aplicação prática da informação.

Na edição de dezembro, o que parece mais convencional em relação às demais notícias são os nascimentos. Citam-se os nomes dos pais e da criança para cumprir o objetivo informativo da nota e registrar uma alteração reconhecida socialmente na trajetória desses sujeitos, agora identificados também pelas posições de pai, mãe ou filho no interior das relações familiares. Especificamente sobre os casamentos e as formaturas, chama-se atenção para a abordagem textual, quase literária, utilizada. Na primeira nota de casamento, a colunista social já indica que, a pedido de muitos leitores, de Caxias do Sul e da região Nordeste, ela irá publicar, na íntegra, o texto de um convite de casamento que, na sua opinião, é um dos mais bem feitos dos últimos tempos. Nesse ponto, destacam-se duas questões primordiais: a primeira, diz respeito à demonstração do contrato de leitura estabelecido entre coluna e leitor. Isso porque a referência ao casamento havia sido feita em edições anteriores. Por comentários que despertaram curiosidade, os próprios leitores – assíduos – solicitaram a publicação do texto em uma coluna social futura. Ou seja, há a ideia de continuidade, de relacionamento entre público e veículo de comunicação.

A segunda refere-se à repercussão que certas pessoas – e seus devidos contextos sociais – causam no leitor, promovendo uma situação baseada na notoriedade. Nesses casos, figuras socialmente destacadas tornam-se referências de comportamento e prestígio para os demais leitores, reforçando processos de distinção social presentes na própria coluna. É na diferença entre a presença e a ausência (consciente, porém, de que, em algum contexto, esse ente ausente é presente) que se torna perceptível a hierarquização pelas condições econômicas e sociais. Tendo em vista que esses contextos não são fixos, pois são sempre atravessados por signos anteriores, a interpretação da notícia ao longo das décadas e por parte das pessoas que a leem passa por alterações de sentido, por exemplo: subentender que, para arcar com festas de casamento dignas de destaque, ter acesso a clubes exclusivos e ser 'merecedor' de ter seu nome citado nas notas (seja por bom relacionamento com o veículo de comunicação ou por posição privilegiada), fazem-se necessárias certas credenciais por parte dos personagens. Tal percepção é formada por meio dos rastros que permaneceram. Esses rastros podem ser encontrados nas escrituras, em sua interpretação ampla (derridiana), e pela carga semântica da linguagem em

associação a fenômenos culturais que potencializam ou, com o tempo, invalidam certos posicionamentos (Derrida, 2004).

Através dos padrões lexicais conferidos às notas, é possível evidenciar com mais clareza a perspectiva acima indicada. Citações como “filho de tradicional família caxiense, amigos [...]” (Pioneiro, 1970, p. 13) demonstram a proximidade do veículo de comunicação e da colunista em relação à sociedade, bem como a forma como a posição de uma família exerce influência sobre a maneira pela qual ela é referenciada. Em outra nota de formatura, vinculam-se os dizeres: “Folheando o fino convite na côr marrom, com letras douradas e confeccionado em camurça e papel linho acetinado, a gente fica sabendo [...]” (Pioneiro, 1970, p. 13). A descrição detalhada dos materiais, das cores e do acabamento do convite não possui apenas função informativa. Ela participa da construção simbólica do acontecimento, associando-o a valores de distinção, refinamento e reconhecimento social frequentemente mobilizados pelas colunas sociais. Por fim, quanto às formaturas e casamentos, ocorre a expressão “recebemos o convite” (Pioneiro, 1970, p.13), um indicativo de que a coluna social era frequentemente procurada como forma de comunicação entre indivíduo e sociedade, além de, claro, indicar o vínculo entre personagens retratados, jornal e colunista.

Especialmente na coluna social de dezembro de 1970, encontra-se um vasto campo de palavras que indicam não somente as formas de apresentação do cotidiano, mas uma padronização comportamental durante o ano. As expressões recorrentes observadas ao longo das três edições de 1970 sugerem a existência de certa regularidade discursiva na forma de apresentar o cotidiano social. Ao mesmo tempo, permitem identificar pequenas variações, deslocamentos e transformações graduais nas formas de sociabilidade, nos valores e nas práticas culturais representadas. Observam-se as passagens (Pioneiro, 1970, p. 13): “Não só os solteiros aproveitam uma pedida bem bolada. Os casais também apreciam ‘bolações às pampas’”; “[...] assim fica tudo bem na moda e bem moderninho, por conseguinte”; “As festas dos solteiros do Guarany, são sempre badaladíssimas, pois a boate do clube se torna pequena para acolher tanta jovem guarda associada”; “É mais um filho de Caxias do Sul que completa seu curso superior com raro brilhantismo. ‘Pioneiro Social’ deseja-lhe muita sorte [...]”; “O Diego será levado a pia batismal pelo [...]”; “[...] os nossos mais sinceros parabéns de parte de seus amigos de nossa distinta Caxias do Sul”; “É a boate prá-frentex, promovendo com força total!”. Além das escritas caracterizarem um período específico (não se poderia dizer que tais frases foram redigidas em 2020, por exemplo), elas, em interação com as colunas sociais de janeiro e de junho, corroboram o argumento de uma estrutura que traduziu poucas mudanças culturais dentro do período.

Isso não significa, porém, que, para fins de comparações futuras na presente pesquisa, não seja necessário levantar alguns tópicos cujos rastros, ausências e diferenças configurarão processos de deslocamento cultural. Primeiramente, observa-se uma distinção discursiva entre solteiros e casados que parece atribuir diferentes formas de reconhecimento social a esses grupos. A oposição não é apresentada de modo explícito, mas pode ser percebida na maneira como determinados eventos e comportamentos são descritos e valorizados. Ademais, em diferentes momentos, quando a colunista cita as festas dos clubes, são sugeridos trajes para ‘senhoras’ ou ‘garotas’ e para ‘cavalheiros’. Essas indicações são divididas entre ‘longuinho’ e ‘esporte’. Aqui, é possível observar duas diferentes linhas de pensamento. A noção de exclusividade e de pertencimento do mesmo modo é construída a partir de instruções que mantêm as pessoas em certo espaço de homogeneidade social. A roupa é uma dessas distinções. Ademais, é justo refletir como os leitores (ou parte deles) reconhecem o que significa ‘longuinho’ e ‘esporte’.

Tais convenções não surgem de forma isolada ou espontânea, mas resultam de processos históricos de sedimentação cultural que passam a orientar expectativas coletivas acerca do comportamento considerado adequado em determinados contextos sociais. A oposição – entre o adequado e o inadequado – e a temporalização, ou seja, adiamento do sentido – que nunca é definitivo ou originário, mas está sempre ‘contaminado’ por um rastro anterior – evidenciam as marcas de estruturas anteriores, tornando possível que novos vestígios sejam criados. Esses indícios formados pelos signos na linguagem, e utilizados na presente pesquisa para formar uma noção sobre a década de 1970, são, na visão de Derrida (1995), rastros. Por fim, mais uma vez, é preciso direcionar o foco para a relação de troca entre veículo de comunicação e sociedade. Na notícia sobre a abertura das piscinas, a colunista cita que o clube Recreio Guarany convidou a imprensa para uma visita seguida de confraternização. Novamente, o veículo de comunicação demonstra seu papel de influência na comprovação de padrões sociais e culturais ao mesmo tempo que assume a sua dependência em relação ao público leitor.

Na página 16, encontram-se outras três notas sociais – um tanto deslocadas na diagramação – sobre um nascimento e dois aniversários. Acerca delas, destaca-se a frase: “O Nereu, que é muito conhecido e tem um vasto circuito de amizade, por certo será muito cumprimentado naquela data” (Pioneiro, 1970, p.16). Embora a frase pareça simples à primeira vista, ela movimenta critérios implícitos de reconhecimento social. A associação entre popularidade, prestígio e ampla rede de relações contribui para construir uma imagem positiva do personagem, reforçando mecanismos de valorização recorrentes nas colunas sociais.

Dando seguimento, no critério proximidade, observa-se tanto a questão geográfica quanto cultural. Todas as notas se relacionam com Caxias do Sul de alguma forma: ou são sobre moradores ou sobre pessoas que, em certo momento, residiram em Caxias e, hoje, estão em outro lugar. Há, ainda, os casos em que os personagens advêm de outras cidades, mas possuem vínculos com caxienses. Ademais, pela citação sobre o interesse dos leitores da região nordeste nas publicações, especula-se que o fato de as notícias tratarem quase exclusivamente da cidade de Caxias do Sul não é empecilho cultural para outras localidades.

Figura 4: Coluna social – dezembro de 1970 parte 2

Página 16 CAXIAS DO SUL, 5 de dezembro de 1970 «PIONEIRO»

A Afirmação de Uma Juventude Capaz: Feira de Ciências

Uma juventude capaz de criar novas concepções dentro de uma estrutura social aplicada, foi o que se notou em uma feira que contou com a presença de alunos da Escola de Ciências, levada a efeito no último dia-convênio em Caxias do Sul, no Pavilhão de Exposições da Feira da Uva.

Organizada pela direção do Ginásio Estadual Imbuena, a Feira de Ciências contou com representantes de Porto Alegre, Passo Fundo, Estância Velha, Pelotas, Cruz Alta, Viamão da Cunha e outras mais.

Mas vamos partir do começo. Desde há, a feira de ciências organizada pelos alunos da Escola de Ciências, tem sido um dos pontos de encontro da comunidade de Caxias do Sul. No local da feira há uma ampla diversidade de stands, onde os alunos expõem o que aprenderam durante o ano letivo. Na feira de ciências, os alunos expõem o que aprenderam durante o ano letivo. Na feira de ciências, os alunos expõem o que aprenderam durante o ano letivo.

Os trabalhos foram avaliados por uma comissão julgadora, formada por professores e alunos. Os trabalhos foram avaliados por uma comissão julgadora, formada por professores e alunos. Os trabalhos foram avaliados por uma comissão julgadora, formada por professores e alunos.

Classificados da 2ª Feira de Ciências:

1º lugar - Laboratório de Física - Escola de Ciências, Caxias do Sul.

2º lugar - A Hibernação - Escola de Ciências, Caxias do Sul.

3º lugar - A Hibernação - Escola de Ciências, Caxias do Sul.

4º lugar - A Hibernação - Escola de Ciências, Caxias do Sul.

5º lugar - A Hibernação - Escola de Ciências, Caxias do Sul.

6º lugar - A Hibernação - Escola de Ciências, Caxias do Sul.

7º lugar - A Hibernação - Escola de Ciências, Caxias do Sul.

8º lugar - A Hibernação - Escola de Ciências, Caxias do Sul.

9º lugar - A Hibernação - Escola de Ciências, Caxias do Sul.

10º lugar - A Hibernação - Escola de Ciências, Caxias do Sul.

Opinião e Negócio

Salve, Caxias!

Amor de mãe não tem preço, mas o amor de pai não tem preço. Amor de mãe não tem preço, mas o amor de pai não tem preço. Amor de mãe não tem preço, mas o amor de pai não tem preço.

Opinião e Negócio

Amor de mãe não tem preço, mas o amor de pai não tem preço. Amor de mãe não tem preço, mas o amor de pai não tem preço. Amor de mãe não tem preço, mas o amor de pai não tem preço.

Opinião e Negócio

Amor de mãe não tem preço, mas o amor de pai não tem preço. Amor de mãe não tem preço, mas o amor de pai não tem preço. Amor de mãe não tem preço, mas o amor de pai não tem preço.

Edital de Leilão

O Sr. J. B. de Oliveira, da Rua da Várzea, de Caxias do Sul, RJ, S.

FAZ SABER aos que o presente edital vierem ao conhecimento (verem que, no dia 22 de dezembro, às 14h, haverá leilão no edifício da Prefeitura Municipal de Caxias do Sul, RJ, S., para a venda de um terreno situado no bairro de São João, com área de 1.000 m², mais ou menos, conforme o plano de loteamento anexo, e de um terreno situado no bairro de São João, com área de 1.000 m², mais ou menos, conforme o plano de loteamento anexo.

O EVANDRO PAULO NASCEU

Na data de 28 de novembro nasceu o primogênito do casal Paulo e da Paula (da família de São João), o Sr. Evandro Paulo. O pai é um homem de bem, trabalhador, e a mãe é uma mulher de bem, trabalhadora. O filho nasceu saudável e feliz.

TATIANA ANIVERSÁRIO

No dia 28 de novembro, aniversário de Tatiana Xavier, da família de São João. Tatiana é uma menina muito inteligente e alegre. Ela nasceu no dia 28 de novembro de 1968.

ANIVERSÁRIO DE NEREU LUIS

No dia 28 de novembro, aniversário de Nereu Luis, da família de São João. Nereu é um homem muito trabalhador e dedicado. Ele nasceu no dia 28 de novembro de 1965.

No que tange à notabilidade, à relevância e à personificação, entende-se que o material pode ser compreendido a partir da perspectiva do leitor generalista. Isso não significa, porém, que todos se identifiquem diretamente com os grupos retratados. Nessa edição, observam-se elementos que favorecem a identificação daqueles que já compartilham os círculos sociais mencionados, enquanto que a construção discursiva dos acontecimentos atribui prestígio e visibilidade a esses espaços, tornando-os atrativos inclusive para os demais leitores. Quanto à visualidade, os recursos imagéticos permanecem limitados, restringindo-se às fotografias dos formandos. Nesse contexto, a riqueza das descrições textuais assume papel central na construção das cenas e dos personagens apresentados pela coluna.

4.2 AS MARCAS E ASSINATURAS DE 1990

Neste subcapítulo, serão analisadas conjuntamente as edições de 1990 entre os meses de janeiro, junho e dezembro. Entende-se que, desse modo, a compreensão e a associação entre conceitos tornam-se mais claras. Começa-se abordando a edição de janeiro de 1990, na qual a notoriedade está intimamente associada ao nome. Tratando-se da primeira coluna do ano, a parte textual foi quase inteiramente dedicada a registrar agradecimentos e retribuir votos de boas festas e de um “venturoso 1990” (Pioneiro, 1990, p. 3) a pessoas, famílias e empresas que mantiveram vínculos com o jornal e com o colunista Paulo Gargioni. O restante das notas caracteriza, em sua maioria, pessoas que ocupam papéis reconhecidos socialmente, como um casal de empresários, a rainha da festa da uva e uma vestibulanda. No aspecto notoriedade, o ponto que deve chamar a atenção é a sólida relação entre a sociedade e a figura do colunista (e os conteúdos produzidos por ele).

A troca pública de cumprimentos evidencia a proximidade entre a coluna social e parte de seus leitores, reforçando vínculos de reconhecimento mútuo construídos ao longo do tempo. Embora as saudações possam ser compreendidas como manifestações institucionais do próprio jornal, sua publicação na coluna social sinaliza a centralidade desse espaço na mediação das relações entre o veículo de comunicação e a comunidade. Ademais, como é habitual em colunas sociais, o nome do colunista é a própria credencial para que o leitor tire suas primeiras conclusões sobre o material – tendo em vista a trajetória de quem escreve – saiba a quem reportar algum dado, se necessário, e crie uma convivência mais pessoal com um indivíduo específico.

Nas três edições – janeiro, junho e dezembro – pode-se associar a atuação do colunista à noção derridiana de assinatura (Derrida, 1991, 2007). Não se trata apenas da aparição do nome

de Paulo Gargioni, por exemplo, na coluna, mas da recorrência de determinadas formas de apresentação, escolhas discursivas, temas privilegiados e modos de interlocução com o leitor que tornam a coluna reconhecível ao longo do tempo. A assinatura, nesse sentido, opera como uma marca reiterável que permanece identificável mesmo para além da presença imediata de seu autor.

Figura 5: Coluna social – janeiro de 1990

3 Sete Dias 02/01/90

As Mais Belas Avós

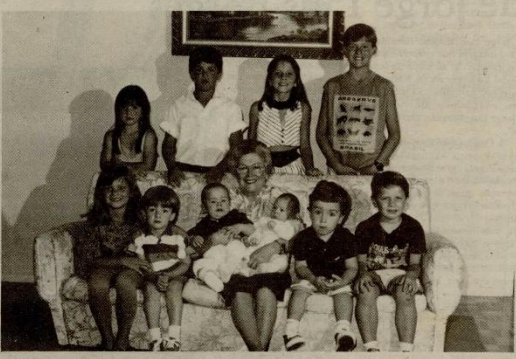
Gargioni

TONDO Iluminação CLAREANDO ESPAÇOS

Feliz Ano Novo

Recebemos, agradecemos e retribuimos votos de Feliz Natal e Venturoso 1990 de: deputado Valmir Susin, Ferroul, Publicidade Mambrini Ltda. vereadora Geni Peteffi, Basilio Scalco e família, Claudete e Decca SP, Iara Sartori, Maria Luiza Belgioza, Eberle SA, Lloyd Bank, Silvana Gomes, Laura Gressler e família, deputado José Ivo Sartori, Hylce Morey, Virvi e Phelomena Ramos, OP Art, Kur Hotel, Neusa M. Silveira, Student Travel Bureau, Anna, José e Jacyr Mattana, Roberto e Tatiana Rossi, Grupo Banco de Boston, vereador Firmino Canêiro, Paulo Nei Stefoni, Grupo Teatral Oficina Um, H. Stern Joalheiros, Gulser, Inocência Pedro Filho SP, Lucirene Malhas, Rádio São Francisco, fot. Lisete Guerra, Washington, Joelcy e Sayuri Umezu, cabeleireiro Luiz, Esporte Clube Juventude, Studio Uno, Real Color, fotógrafa Silvana Moreira, Supermercados Calcegnotto, Claudio Frigeri e família, Celso e Ceres Empinotti, Audiovisão Publicidade e Promoções Ltda., Sociedade Pró-Danças Raízes de Caxias do Sul, vereador Luis Carlos Pestugatto, Estação Rodoviária Caxias do Sul, Elisabeth Frantz, Casa da Amizade, Vitor e Mariol Dal Pó, Vera, José, Flávia, Fernanda e Paula Bisol, Ivone Knob, Tóia e Alfredo Sebbe, Domcq, Discomania, Aliança Francesa de Caxias do Sul, prefeito Vandenir Mioti e Ambrósio Chesi, Penachamp, de Garibaldi; Liga Feminina de Combate ao Câncer, Patrícia, Rose e Jobo Afonso Carraro, de Curitiba; Rede Alfred de Hotéis, Milton Comassetto e família, Iolanda G. Mazzotti, Galeto Mamma Mia, de Gramado, Maria Avani Frasson, Nilda Tubino, de São Gabriel; José Carlos Bertotto e família, Nêdo Argenta e família, Cesar e Maria Teresa Verdi, Tadeu Drago e família, Darius, Evanilda, Douglas e Robson Telles, vice prefeito Mário Vanin e família, Empresa Jornalística Pioneiro SA, Ilha Porchat Clube, Lúcia R. Kuiz Poá; Vianei Delazari, Sheraton Rio Hotel, Rádio São Francisco, Ademar R. Sebben, Mário G. Sebben - RJ - Lions São Pelegrino, João Alberto e Marizabel Vieira, Neiva Schneider, Lajeado, Caesar Park Hotel SP - Dorvelino Gallina e família, Associação Clubes de Mado de Caxias do Sul, NAVI, Romeu e Irma Rossi, Alberto Zanandrea e família, Maximiliano Wisintainer e família, Sérgio Bruno Cesa e família, Antonio C. Sebbe e família, Norberto V. Giongo, Adélia Chiarello, Recreio Cruzeiro, Francisco Schulte e família, Associação Médica de Caxias do Sul, Paulo, Jaqueline e Vanessa Sebben, Clube Juvenil, Oscar, Neiva, Luciano e Márcio Sartori, Claudia, Roberta, Rafael e Germano Rigotto, Teo, Julieta, Ivana, Leandro e Angela Eberle, Reno Piscina Clube, Julieta, Vargas Rigotto, Triches SA, Carlos Roberto Azevedo SL - Neusa Nunes, Poá; Vera Martini e Julio Cesar Pierangeli, Ana Letícia e André Rizzon, Rachid Miguel - RJ - Vinhos Finos Juan Carrau, Regina Murmunra, Gramado; Ruben e Suzana Campagnolo, Departamento Jovem Clube Juvenil, Odono Martin Gobato e família, Recreio Guarany, Ivan e Lilliana F. Carraro, Sandra Dutch, Lajeado; João Antonio Rodrigues e família, Carmen Ruschel e Mara Penz, Poá; Gilberto, Suzete, Cassiano, Caroline e Camila De Zorzi, Raul e Jucilda Fedrizzi, Bruno e Patry Carraro, Curitiba; Nelson A. de Goody, Osasco; Justino e Lia Bulla, Jotamape, GO; Francisco Imperatore Fernandes; Soni Heideche, Sapiranga; colunista Marinho, de dom Pedrito, José Paludo e família, Ary Bueno de Almeida e família, Antonio, Antonio Candido, Maria Luiza e Andrew Calcegnotto.

A sorridente socó Nilsa Schumacher e seus dez lindos netos em foto de Lino Poleso



Simone Menegotto Vanin preparando-se para o vestibular 90 da Universidade de Caxias do Sul



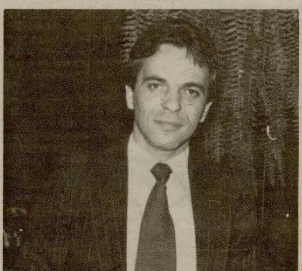
Prefeito Manoel de Castro Serafini Filho é o aniversariante de domingo



Noitearam no final do Ano os namorados Delice De Zorzi, atual rainha da Festa da Uva e André Benazzi



Presidente Jacino Nolasco de Souza programou a data de 17 de fevereiro para a escolha da "Imperatriz da Sétima Fenavinho" de Bento Gonçalves



Empresário Dalvino e d. Theresa Tondo esperaram a chegada de 1990 na chácara em Pinto Bandeira



TECIDOS PARA DECORAÇÃO



Rua Luiz Michelon, 1810 - Fone (054)222-7277 Caxias do Sul-RS

CURSO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL MODELO & MANEQUIM Verão 90



Reg. no Secrao e Feplan (oficializados)

MAL. FLORIANO, 989 CENTRO - FONE 221.3365

INÍCIO: 02/JANEIRO

"PROJETANDO NOVOS TALENTOS"

Na perspectiva derridiana, a assinatura não é reduzida à identificação nominal do autor, mas se refere à possibilidade de uma marca ser repetida e reconhecida em diferentes contextos. Sua força reside justamente na iterabilidade: para funcionar como assinatura, ela deve poder ser reiterada mesmo na ausência do signatário. Nas colunas sociais, elementos como a organização visual da página, a seleção dos acontecimentos, a forma de tratamento dos personagens e determinados padrões lexicais podem ser compreendidos como componentes dessa assinatura. Concomitantemente, a coluna permanece dependente do acontecimento, isto é, da emergência contínua de novos fatos e personagens que impedem a repetição absoluta e introduzem deslocamentos na própria marca autoral.

Já o acontecimento pode ser compreendido, em Derrida, como aquilo que irrompe sem poder ser plenamente antecipado pelos esquemas prévios de interpretação. A decisão, por sua vez, está associada à experiência da indecidibilidade, momento em que a aplicação automática de regras não é suficiente e uma escolha precisa ser realizada. Embora distintos, acontecimento e decisão compartilham a característica de exceder qualquer programação absoluta. Dessa forma, a consolidação de uma assinatura exige repetição, mas essa repetição nunca ocorre de forma idêntica, pois permanece aberta a deslocamentos de sentido, novas interpretações e reconfigurações contextuais (Derrida, 1991, 2007).

A transição entre as colunas de Margot Sauer, 1970, e as colunas produzidas por Paulo Gargioni e Werony dos Santos Sartori, 1990, permite exemplificar com maior clareza como a execução de uma assinatura ocorre na prática. A comparação entre os textos elaborados em dois diferentes períodos enaltece características que tornam a coluna reconhecível mesmo depois de duas décadas. Suas características estruturais permanecem como marcas da linguagem, e esse fator independe do autor propriamente dito, pois diz respeito a uma produção de sentidos já consolidada socialmente e culturalmente. Sendo assim, elas são perpetuadas ao longo do tempo e fazem com que a forma da coluna social seja identificada pelo leitor independentemente da autoria. Ao mesmo tempo, a ideia de assinatura toma seu lugar quando as diferenças (oposições) derivadas das escolhas da pessoa que escreve são visualizadas. Entre 1970 e 1990, rastros estruturais estão visivelmente presentes, mas é inegável que, quando a assinatura muda, elementos do estilo também são transformados (Derrida, 1991, 2007).

Figura 6: Coluna social – junho de 1990

1/6/90
Sete Dias
3

PASSARELA

Werony dos Santos Sartori

Va Bene
A-L-T-A - C-O-S-T-U-R-A
Rua Angelina Bolzani, 137 - 222.202 - Lourdes



Marta e Norberto

“ Por gostar de ti, te aceito como tu és. Mas, por gostar de ti, farei tudo para seres aquilo que tens condições de ser ”.

Recentemente aconteceu em recepção no clube Juvenil, o casamento de Norberto Grazziotin Nora com Marta Guindo de Campos Velho. A cerimônia civil foi testemunhada por João Raimundo e Jocetele Fachin Vieira, Jean Louis e Sissi Diva Laner Maillard, Luis Paulo e Izabel Eilert Nora, Armando José Galeão dos Santos e Paulo Scalabrin, por parte do noivo.

Claudio Guindo e Marta Ungaretti G. de Campos Velho, Klaus Böhne e Claudia Gabellini, Ana Lucia de A. Gomes e Gisela Silva por parte da noiva.

A recepção foi de grande requinte, quando após cumprimentarem os noivos; seus pais ofereciam um jantar impecável da sozinha e economato de Eliseu marin: Paulo Luiz Nora e Gilda Grazziotin Nora, os pais de Norberto - e, Torquato Raupp de Campos Velho e Jussara B. Guindo; pais da noiva foram dos mais gentis anfitriões.

Entre as presenças, os avós do noivo, Guilherme e Ignês Marcon Grazziotin, e Adelar e Lair Raabe Nora. Da noiva a avó paterna sra. Cécilia Raupp de Campos. Velho.

Evento

A Prefeitura, através da primeira dama, sra. Suzel Serafini, Associação de Clubes de Mães e Serviço Social da Indústria, estão convidando para o 2º Seminário de Atualização em Clube de Mães e Comunidade.

O evento se realiza de quatro à seis de junho na Casa da Cultura - das 13:30 às 17 horas. No programa após abertura solene - os temas serão: Aspectos de Integração dos Clubes de mães na comunidade - por Suzel Serafini. Direitos conquistados pela Mulher na nova Constituição - por Ari Bueno de Almeida. História de Caxias do Sul - prof. Mário Gardelin. Aspectos Biopsicossociais da Terceira Idade - por Dolores Berti. Tóxico e Alcoolismo - sr. Milton Comassetto. Aspectos Sociais dentro do contexto social - Remi Castione (da Dieese).

O convite vem assinado por Suzel Serafini e Marlene Tronco.



O jovem casal: ele médico - Norberto Nora e ela advogada, Marta Guindo de Campos Velhos. Fotos Laboratório Scalco de Osório

Curiosidades

Montevideo, a capital de Uruguai, está sendo o objetivo de viagem dos gaúchos. O motivo é conhecer, visitar e comprar. Sim, porque um cruzeiro é trocado por 12 à 13 pesos novos. Montevideo, grande importadora, tem em seu comércio, excelentes e versáteis produtos, de decoração, vestuário além de utilidades; seus cores e lãs e alguma pele, mais as lãs, as brumas. Sua principal avenida é a 18 de Julho, e, local de orientação para as ruas que atravessam com inúmeras galerias.

Hoteis bons, sendo que mesmo os de três estrelas oferecem boa qualidade para se passar alguns dias, e custam na base de 30 dólares dia.

Cidade bastante plana, venta muito no inverno, agora outono, iniciam os ventos e as ruas ficam atapeadas de folhas do plátano, que perfilam nas avenidas e ruas de toda a Montevideo.

Na capital do Uruguai está uma notável universidade, e o conto e a poesia em sua cultura; de um povo politizado, educado e habilidoso no trato. Sua vida social vai do cassino em Carrasco, seu teatro, restaurantes de cozinha internacional e ambientes sofisticados às casas de espetáculos. Sua praia de beleza rara é internacionalmente conhecida: Punta del Este.

Mercado das "pugas" é uma das grandes atrações turísticas nos domingos, onde se encontram peças notáveis de antiguidades e de valores proibitivos no comércio normal e lá acessíveis.

O Jantar Só Para Mulheres - que, acontecerá dia oito de junho já se reveste de sucesso pela grande procura dos convites com as patronesses: Jacyr Carlin, Jandira Minghelli, Odinha Peregrina, Renée D'Arrigo, Claire Mezzalana, Dory Wisintainer, Marilen Dams, Arlete Guerra, Yolanda Mazzotti entre outros nomes. Alguns convites, limitados, se encontram na secretaria do Juvenil.

Mérica Promoções e Eventos realiza, agora dia, 5 de junho o Concurso de Fotografias, na motivação das



Paulo e Gilda Nora os vaidosos pais do noivo, e com eles o irmão e cunhada; médico Luis Paulo Nora e Izabel Eilert Nora, ela psicóloga



Com os pais da Noiva; Torquato Raupp Campos Velho e Jussara Bittencourt Guindo

VERDE NEON - boate do R. da Juventude teve mais um sucesso de festa jovem. Foi sorteadas uma passagem a Montevideo da Saltur Turismo e Carla Pezzi foi a contemplada.



Rubens França de Oliveira, Rosane B. Branchi, Cassandra Lorencetti e Evandro Tomasi, grupo animado na boate do Neon do Juventude entre 300 presenças, Giancarlo

Marcos Fadanelli, Cintia Moura, Luciana Corsetti e Leandro Barros, foram presenças alinhadas no Verde Neon do Recreio da Juventude no último dia 26/março

paisagens de Caxias e serra gaúcha - Caxias nos seus 100 anos de emancipação.

A partir do dia 4 de junho o curso sobre turismo, quando se pensa em recuperar o do Sul.

O curso é dedicado a Guias de Turismo e levará algum tempo, iniciando na CIC e, continuando, após três dias, no Colégio São José.

Local de inscrição - Mérica Promoções e Eventos próximo ao Roda Pizza, seguindo a Rua Matteo Gianella.

Alceni Guerra, Ministro da Saúde, tem visita marcada para vir a Caxias. Será para um grupo fechado, num encontro entre a "família" dos Freis Capuchinhos.

Aguardem Troféu Caxias 114 em 27 de junho

MODA GESTANTE

PROMOÇÃO

JARDINEIRA DE VELUDO

40% desc. à vista

1 + 2 s/ acréscimo

Rua 20 de Setembro, 2558

Fone: 223.48.01

Fonte:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=885959&id=2354306014826&pagfis=136512>

Figura 7: Coluna social – dezembro de 1990

2/12/90 **Sete Dias** 11

Gargioni

TONDO Iluminação

Comendador, debutantes e Lions

* O Supremo Grão Mestre Internacional da Real e Soberana Ordem do Mérito Jurídico e Social do Brasil, juntamente com a Câmara Brasileira de Difusão das Ciências Internacionais convidam para a solenidade cívica de outorga do Troféu Gente Humana Internacional, ao caxiense comendador Miguel Jordão Milani, hoje, 1º, às 21 horas no grau empresário comercial. A solenidade acontece no restaurante Terrace, de São Paulo.

* A referida honraria está ligada a Ordem de Santo Amaro, do Príncipe Dom Luiz de Orleans e Bragança, chefe da Casa Imperial do Brasil, que prestigia a solenidade.

* O renomado artista plástico João Vasques, professor de História cedido para o Museu da Baronesa, em Pelotas, expõe a partir de segunda à sexta-feira, no Clube Juvenil, onde também fará retratos a crayon, ao vivo, para as pessoas interessadas. Ele retratou Regina Duarte para a novela Rainha da Suca.

* Nos salões de festas do Le Club de Porto Alegre, hoje as caxienses Flávia Aguzzoli, Luciana de Almeida, Alessandra Martta, Barbara Lenzi, Fabiana Campagnolo, Paula Ramos, Mirangela Rossi, Carla Zanchettin, Giovana Gubert, Cassandra Raimann, Lisiane Neri Pereira e Patricia Lerner Basso, recebem o troféu destaque da revista Imagem News.

* A alta sociedade caxiense marcou presença ontem à noite, no jantar dos executivos - Gravatas de Ouro/90 - em festa beneficente no Samuara Alfred Hotel promoção do jornal Pioneiro.

Como convidados especiais o jornalista Décio Azevedo e esposa Patricia de PoA; o colunista Solen Filho, de Joinville e Josiane Viscardi e noivo

* Médico Virvi Ramos e senhoras Odeth Baptista da Luz Speguem e Susana Gomes Hessel, receberam troféus de participação comunitária ontem, pela Associação de Clubes de Mães de Caxias do Sul sob a presidência de Marlene Tronco.

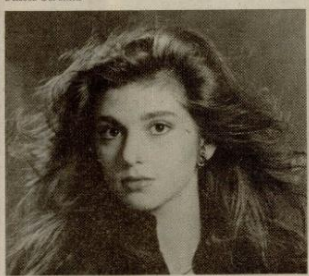
* Lions Clube Caxias do Sul 1875 convida para o jantar dançante festivo alusivo ao 30º aniversário de fundação, dia 6, às 20h30 nos salões do Clube Juvenil, antecedido de missa em Ação de Graças, na Catedral Diocesana e visita ao Cemitério Público, para homenagear os CCCL já falecidos.



Comendador caxiense Miguel Jordão Milani, em foto de Ulisses Geremia



Dona Julieta Vargas Rigoito regressou de férias pela Espanha, ontem. Foto Silvana Moreira



Teresa Cristina Dalla Costa será homenageada como ex-rainha do Recreio da Juventude, segunda, no jantar dos 78 anos



Tibarcio e Maria Aparecida Oltramari levam seu abraço ao casal Paschero, pelas Bodas de Ouro



Barbara Lenzi, debutante destaque da revista Imagem News

TECIDOS PARA CORTINAS E DECORAÇÕES

Lisot & Lutz

TECIDOS ROBERTO SCARPA

BERALDIN TEODOS

Rua Luiz Michelon, 1810 - Fone (054) 222-7277

Moda praia adulto e infantil

Linha aeróbica adulto

Fábrica e pronta entrega

VILGUS

INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE CONFEÇÕES LTDA

Rua Sinimbu - 96 - Caxias do Sul - RS

Fone: (054) 222 7800

REABILITAÇÃO DINÂMICA FUNCIONAL DOS MAXILARES

G.E.M.

DRA. ARLENE PIRES

CRO 5893

Aparelhos ortodônticos removíveis

Consultório: R. Bento Gonçalves, 2169 s. 22 Fone: 223.4371

BEETHOVEN ENCHE OS TUBOS

O endereço do Show Room Belize, (Rua Beethoven, 428), enche ainda mais de charme os móveis tubulares e camas de latão que são o maior sucesso deste país.

Móveis e objetos decorativos afinados com estilo e bom gosto. Um verdadeiro concerto de beleza.

VISITE O SHOW ROOM BELIZE TAMBÉM AOS SÁBADOS E DOMINGOS.

beelize

Móveis Decorativos

Rua Beethoven, 428 - Bairro São José

Fone: (054) 224.1155 - Caxias do Sul - RS

Fonte:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=885959&id=2354306014826&pagfis=143761>

Comparando as três edições com as analisadas no subcapítulo anterior, observa-se a manutenção de algumas marcas, como a diagramação da página, a divisão das informações em notas ou pequenas notícias, o estilo do texto – repleto de adjetivos, pessoalidade e construções mais literárias, menos objetivas e com figuras de linguagem –, o teor das pautas e o destaque

para o nome do colunista. Nota-se que as estruturas formadoras da ideia de ser ‘bem-sucedido’ também são repetidas e notadas através dos rastros inerentes à linguagem. Casar, ter filhos, concluir a faculdade, frequentar festas e clubes da cidade, estar bem relacionado, possuir amigos influentes, ter uma vida movimentada e ser notado pelos colunistas continuaram sendo termômetros sociais. Outros pontos, porém, mudaram, refletindo a realidade de um mundo em transformação. A coluna social, nesse lugar, fica suscetível a um contexto mutável.

Essas transformações podem ser observadas ao comparar as duas décadas. Em 1990, a quantidade de imagens aumenta significativamente em relação aos anos de 1970, sugerindo avanços tecnológicos e ampliação dos recursos gráficos disponíveis aos jornais. O próprio enquadramento das fotografias e a disposição dos personagens indicam formas distintas de representação social. Da mesma maneira, os textos tendem a se tornar mais concisos e diretos, acompanhando mudanças editoriais e linguísticas observadas no período.

Ainda na mesma década, constata-se indicativos semelhantes sobre as colunas sociais de junho e de dezembro. A de junho é uma edição com elementos considerados ‘clássicos’ do estilo enquanto concentra, em comparação com as demais, maior quantidade de assuntos voltados à cultura, sem perder, entretanto, o caráter social. Inicia-se pela extensa citação de nomes vinculados às suas atribuições sociais. Na respectiva edição, são mencionados eventos abertos, exclusivos, um casamento e dicas de viagem. A maioria das notas se apresenta acompanhada de fotos. O casamento, em especial, possui uma cobertura fotográfica maior. Pressupõe-se que seja porque um evento desse porte conta com fotógrafo especializado e, por isso, o material ofertado para a colunista é maior.

Em muitas ocasiões, a presença na coluna social parece estar associada à participação em eventos reconhecidos socialmente, ao pertencimento a determinados círculos de sociabilidade e à ocupação de posições consideradas relevantes dentro da comunidade. A recorrência de determinadas figuras sugere a existência de redes de sociabilidade que aproximam personagens, colunistas, fotógrafos e instituições. Embora não seja possível determinar com precisão os mecanismos envolvidos na seleção de cada conteúdo, observa-se que certos grupos e indivíduos aparecem com maior frequência, evidenciando processos de visibilidade social característicos das colunas do período: o recebimento de materiais através do fotógrafo que contata a redação, um vínculo de amizade com o colunista ou com o veículo de comunicação e, por fim, amigos e contatos em comum que fazem com que a foto chegue ao destino desejado, como parece ser o caso em: “Tibúrcio e Maria Aparecida Oltramari levam seu abraço ao casal Paschero, pelas Bodas de Ouro” (Pioneiro, 1990, p.11) ou, em outro momento, “Dona Julieta Vargas Rigotto regressou de férias pela Espanha, ontem” (Pioneiro, 1990, p. 11).

Não se pode ignorar, contudo, algum posicionamento previamente concedido que escapa à primeira vista. Mais uma vez, são as hierarquias implícitas trabalhando por meio dos rastros. Nas escrituras da coluna social, ser mãe, marido ou filho de alguma figura de destaque conta como pré-requisito para se tornar personagem dos conteúdos.

Pensando em contexto (Derrida, 1991), é importante lembrar que o ‘lugar certo’ na década de 1990 pode não ser o mesmo de 1970, nem de 2020. Marcas permanecem como parte das estruturas, porém, são frequentemente alteradas, e a população, juntamente com os meios de comunicação, tenta acompanhar esse movimento. Em outras diversas ocasiões, o que uma pessoa faz e representa socialmente são fatores de inserção para o colunista social. Não apenas porque pessoas ativas acabam tendo uma vida mais ‘interessante’ (lê-se interessante na perspectiva da coluna social, sem atribuir juízo de valor e desconsiderando questões econômicas), mas porque protagonizam (ou propõem) eventos, obras e ações filantrópicas com frequência. Ademais, geralmente são cidadãos que possuem uma certa intimidade com a câmera e com a mídia, sendo que conceder entrevistas ou ter a foto divulgada pode proporcionar satisfação pessoal, mas, dificilmente, constrangimento (pelo menos no caso no veículo de comunicação retratado na presente pesquisa). Portanto, observa-se o enaltecimento de nomes como a então primeira-dama de Caxias do Sul, as patronesses do jantar para mulheres, os noivos e seus respectivos pais, padrinhos e avós, os jovens que então frequentavam as festas do círculo caxiense, o comendador pelo recebimento do troféu “Gente Humana Internacional”, a ex-rainha do Recreio da Juventude e a debutante destacada na revista Imagem News.

Em todas as edições, no que diz respeito à proximidade, ela ocorre em ambos os aspectos (geográfico e cultural). Primeiro, porque cita pessoas, empresas e entidades de Caxias do Sul e região, áreas de abrangência do jornal Pioneiro. Em segundo lugar, porque preserva assuntos corriqueiros, nada tão nichado que fuja à compreensão do leitor. Os critérios notabilidade, relevância e personificação, porém, abrem margem para algumas reflexões. Os tópicos apresentados podem ser compreendidos e vinculados à realidade do leitor, afinal, as pessoas fazem aniversário, são netos(as) ou tornam-se avós, são ou conhecem algum empresário, prestam vestibular ou estão familiarizadas com o que isso significa e já ouviram falar da Festa da Uva ou da Fenavinho. A pergunta, porém, não questiona a relevância dos temas para o leitor ou a identificação que surge entre público e conteúdo (até porque uma coluna social precisa contar com materiais de movimentações advindas de uma sociedade que casa, empreende, tem filhos, organiza festas de aniversário, participa de concursos, comenta os eventos alheios etc.). A questão é como ocorre a escolha de quem é citado em uma coluna social, pois, dentre uma cidade com milhares de habitantes em que centenas ficam noivos ou iniciam a faculdade, o que

torna alguns mais elegíveis a marcarem presença nas colunas? Pode-se considerar o fato de que os próprios colunistas eram pessoas bastante ativas, inclusive convidados para eventos e ocasiões que concentravam um grande número de pessoas, ou seja, conheciam muita gente. Além disso, pondera-se que esses momentos, inegavelmente, são, com muito mais frequência, protagonizados por pessoas com recursos econômicos e culturais superiores.

Mesmo que os critérios de noticiabilidade sejam respeitados, compreensão não significa inserção. Na notícia sobre o “2º Seminário de Atualizações em Clube de Mães e Comunidade”, não fica claro se o evento é exclusivo para as diretorias dos clubes, se é aberto a todas as mães ou se é destinado a mulheres de modo geral. A participação – ou não – fica a cargo do entendimento e do senso de integração que o leitor faz de si mesmo, percebendo se pode e deve (ou não) participar. De qualquer forma, o tom da nota fornece a sensação de que o encontro foi pensado para mulheres que exercem funções de liderança nos clubes, ou seja, que possuem poder de influência. Já um indício de deslocamento cultural percebido é que uma das palestras propostas aborda os direitos conquistados pelas mulheres na nova Constituição (lembrando que a Constituição Cidadã foi promulgada em 1988, após o fim da Ditadura Militar), exemplificando, implicitamente, uma mudança social de grande significado. Em outro momento, o jantar só para mulheres é apresentado como acessível a toda a comunidade, mas possui elementos de separação. Primeiramente, não é possível distinguir com exatidão se o momento contempla a população caxiense ou apenas as sócias do Juvenil. A frase, porém, afirmando que a maioria do montante de ingressos foi comprada diretamente com as patronesses do evento dá a ideia de que, em certo ponto, o ideal é possuir algum tipo de vínculo com essas pessoas para participar do jantar. Resumidamente, o texto cumpre critérios de proximidade e notabilidade, mas abre espaço para a suposição de sentidos secundários vinculados à linguagem. Os rastros esclarecem, implicitamente, que para comparecer, o ideal é estar relacionado a esse meio.

Encontram-se mais questionamentos no que tange à relevância e à personificação. É sempre válido lembrar que o foco da coluna social é entreter a partir de acontecimentos, de fato, sociais. Nesse meio tempo, ela acaba informando e se enquadrando em diversos critérios de noticiabilidade, pois é escrita (geralmente) por um jornalista, divulgada em um veículo de comunicação, baseada em princípios básicos de formulação da notícia (lide) e interventora social, registrando mudanças e criando novas formas de falar sobre essas transformações. Isso não anula o fato de que ela, muitas vezes, se desprende de críticas para cumprir o propósito de falar da sociedade para a sociedade no seu aspecto mais adequado esteticamente. No entanto, tendo em vista o caráter da pesquisa, as indagações continuam sendo importantes para a

compreensão da atuação das colunas sociais. Assim, se analisada a notícia sobre o crescimento das viagens ao Uruguai, em junho, pode-se perguntar: ela é relevante e cria conexão com qual parcela dos leitores? A camada que tem a possibilidade de fazer a viagem? Ou, talvez, a parcela que sonha com um passeio desse gênero também seja alcançada pelos vieses do imaginário?

A notícia discorre sobre valores, serviços, produtos a serem adquiridos, classificação da hospedagem pelo número de estrelas e características da população. Esses fatos podem ser facilmente absorvidos por um certo público e causar estranheza a outro. É um risco que a coluna social assume quando fala de assuntos ‘gerais’ para um público ‘geral’ de maneira que, em muitas ocasiões, assume uma atmosfera específica. O mesmo ocorre com a festa “Verde Neon”, que não é acessada por todos, mas fornece um bom termômetro social sobre o que as instituições promovem e como a população responde a isso.

Encerrando com a edição de dezembro, as notícias referem-se a pessoas ou a entidades caxienses que, a julgar pelo tom pouco explicativo do texto, são bastante conhecidas. A notabilidade, a relevância e a personificação podem ser observadas ao passo que as informações, em sua maioria, são passíveis de compreensão. Algumas questões, porém, ficam menos palpáveis para certas pessoas: interpretar o que significa um comendador receber um título de tamanha proporção pode ser um obstáculo e gerar ruído no entendimento. Pelo contexto que a escrita cria, é possível, ainda assim, ter uma ideia da importância da ocasião. O mesmo ocorre com o artista plástico e a exposição das obras em Pelotas e no clube Juvenil. A pessoa pode não estar familiarizada com o nome e o trabalho do autor, mas as próprias palavras geram esse senso de relevância. Outro ponto que chama atenção é a clareza ao indicar que as caxienses destacadas pela revista Imagem News marcarão presença em Porto Alegre. Há uma ideia de patamar superior, quase como se elas elevassem a cidade ao próximo nível. Esse dado é de fácil processamento. A identificação, porém, pode cair, de novo, no campo da projeção, pois nem todas as leitoras têm possibilidades para se enxergar nessas figuras privilegiadas.

A expressão “alta sociedade caxiense marcou presença” (Pioneiro, 1990, p.11) torna explícito um mecanismo de distinção que, em outras ocasiões, aparece apenas de forma implícita. A própria formulação delimita um grupo social reconhecido, estabelecendo uma fronteira simbólica entre aqueles que pertencem a esse círculo e aqueles que permanecem fora dele. A relevância da notícia passa a ser construída não apenas pelo acontecimento em si, mas juntamente pela posição social dos participantes. Deve-se destacar que esse era um evento promovido pelo próprio Pioneiro – com a presença de jornalistas de Porto Alegre – o que fortalece o pensamento como habitual para o veículo na época. O mesmo pode ocorrer com o evento comemorativo do Lions clube, por exemplo, mas, quando tal fato não é colocado

claramente, ainda sobra uma brecha para o leitor se sentir, de certo modo, inserido. Esse é o caso dos eventos para entrega de troféus, reconhecimentos e premiações. Por mais que haja uma convenção social sobre critérios a serem cumpridos para adentrar certos círculos, o ‘mistério’ da coluna social se baseia no espaço para deixar a ‘pessoa comum’ sonhar. É um jogo de proximidade e afastamento entre o explícito e o implícito: nem tão próximo que se torne banal e nem tão distante que cause desilusão. O jogo só é possível pelos rastros, ausências e presenças.

No que tange à visualidade, observa-se uma grande mudança entre as décadas de 1970 e de 1990. As edições de 1990 apresentam uma quantidade muito superior de fotos, ainda que em preto e branco. Elas ajudam a ilustrar as histórias e são usadas para chamar a atenção do leitor, que, em teoria, busca reconhecer a pessoa retratada e, por isso, recorre à ferramenta visual. A quantidade de fotos não ilustra a totalidade das notícias, mas fornece uma ideia acerca dos personagens. Esse é um ponto importante em qualquer história. O leitor precisa sentir que conhece – ou tem uma ideia – sobre quem se fala, a fim de que isso o ajude a construir sua interpretação do conteúdo.

Por fim, acerca dos padrões lexicais, exemplificam-se mais alguns trechos extraídos da edição de junho: “Noivaram no final do ano os namorados [...], atual rainha da festa da uva, e [...]” (Pioneiro, 1990, p. 3); “Empresário [...] e d. [...] esperam a chegada de 1990 na chácara em Pinto Bandeira” (Pioneiro, 1990, p.3); “[...] de um povo politizado, educado e habilidoso no trato” (Pioneiro, 1990, p.3); “A recepção foi de grande requinte” (Pioneiro, 1990, p.3). Para finalizar este subcapítulo de análise, atrai-se o foco para a associação do nome ao papel social desempenhado (rainha / empresário), a fim de despertar o interesse do público e justificar a presença desses personagens na coluna. Além disso, as duas últimas citações contêm formas de escrita bastante características do estilo analisado, salientando permanências discursivas observáveis ao longo das décadas. Expressões associadas ao prestígio social, ao refinamento e ao reconhecimento público reaparecem em diferentes momentos, ainda que sob configurações distintas. Tal recorrência permite identificar continuidades estilísticas e culturais que participam da constituição da identidade da coluna social.

Portanto, a análise das três colunas sociais de 1990 permite observar elementos relacionados à assinatura, ao contexto, à decisão editorial e ao acontecimento. Em comparação com as edições de 1970, identificam-se, simultaneamente, permanências e transformações, apontando que os sentidos produzidos permanecem abertos a reinterpretações históricas. A leitura desconstrutiva torna possível perceber essas tensões entre repetição e diferença, estabilidade e deslocamento, continuidade e transformação presentes na constituição do discurso social.

4.3 AS TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS DA COLUNA SOCIAL EM 2020

Nas colunas sociais de 2020, adentramos uma nova abordagem, mais contemporânea e conectada com recursos tecnológicos. Seguindo o formato da análise anterior, as três edições também serão expostas conjuntamente. Pode-se iniciar pelo ponto que mais chama atenção. A visualidade ganha destaque com fotos coloridas, posadas, em alta resolução, cujos personagens estão sempre maquiados e/ou vestidos de forma intencional. Nesse momento, em que o apelo visual é o principal recurso para atrair os olhares do público, ser/estar bonito(a) (dentro dos padrões) torna-se aspecto fundamental. Observa-se, ainda, uma parceria firmada entre fotógrafos, instituições e colunista social em associação ao veículo de comunicação. Em todas as imagens, há créditos atribuídos aos profissionais que registram os eventos e, assim, nesse circuito, os conteúdos acabam chegando com mais rapidez e qualidade à redação. Percebe-se uma evidência de modificação nos elementos da estrutura a partir do contexto. Em 1970 e em 1990, os recursos fotográficos eram limitados e, portanto, a informação escrita ocupava papel central. Já em 2020, com a consolidação da cultura digital e dos aparatos tecnológicos de produção e circulação de conteúdo, a imagem, como parte do texto das colunas sociais, assume papel central e permanece aberta à interpretação do leitor.

Mesmo com o aumento de imagens e relativa diminuição de escrita (gráfica), observa-se a manutenção de outros elementos da estrutura que identificam o conteúdo (assinatura). É o caso da diagramação das páginas. Por mais que haja expressivas diferenças entre as décadas de 1970 e de 1990 se comparadas a de 2020, existem rastros permeados ao longo do tempo que permanecem auxiliando leitor, em meio a diversas editorias, a encontrar a coluna social com precisão. É necessário pensar, que, ao longo das décadas, a redemocratização, os avanços tecnológicos e, portanto, a troca massiva de informações fizeram com que o modo de enxergar posições sociais também mudasse. Por mais que as distinções ainda existam e se apresentem pela linguagem, elas não são colocadas de modo claro e objetivo, e sim por meio das estruturas enraizadas, permeadas pelo intermédio dos rastros que são parte da linguagem. O fato é que essa ideia de mobilidade social fez com que a coluna se adaptasse e fornecesse a impressão de ser mais acessível. Assim, o nome e a posição da pessoa como fator de noticiabilidade (notoriedade) continuam sendo levados em conta, mas essa ideia não é mais escancarada através dos textos e fotos. Para comprovar, basta comparar a quantidade de cargos (títulos, reconhecimentos) citados nas análises anteriores e nas de 2020. Antes, ser ‘empresário’, ‘médico’, ‘advogada’, ‘filho de [...]’, ‘presidente de [...]’ ocupava muito mais espaço nas escrituras do que ocupa na atualidade. Isso não significa que essas denominações tenham

perdido a sua importância, mas, sim, que a maneira de expressar posicionamento se tornou ainda mais implícita.

Figura 8: Coluna social – janeiro de 2020

Sociedade  **JOÃO PULITA**
joao.pulita@pioneiro.com (54) 99973-5907

JONAS ADRIANO, DIVULGAÇÃO



Julia Johannpeter Smith e Martina Ritter promovem um banho de criatividade em cores e formas para causar ainda mais em 2020

QUITANDA

Martina Ritter e Júlia Johannpeter Smith lançaram em dezembro o projeto FRUTA, idealizado ainda em setembro, depois de uma viagem que elas protagonizaram pelos cenários de Lima, no Peru.

A digital influencer Martina e a ex-executiva Júlia juntaram sua paixão por design, moda e lifestyle de forma descomplicada, leve e divertida às experiências trazidas na bagagem e criaram acessórios como cordões de óculos, pulseiras, colares, chokers e brincos multi-coloridos repletos de personalidade e alegria ao estilo "Outfit of the day", em bom português: a roupa do dia.

JULIANO VICENZI, DIVULGAÇÃO



O arquiteto Cesar Sehbe Golin com sua amada, Carla Bortolin Fonseca, na festividade que evidenciou os feitos da Associação Sala de Arquitetos, em 2019

SABRINA SCHUSTER, DIVULGAÇÃO



Marina de Castilhos e Antônio Cléo da Rolt encerraram o ano com promessa de vida a dois

EMERSON PEREIRA, DIVULGAÇÃO



Barbara Cocco e Aline Bertti em uma das festas de fim de ano que sacudiu o Super Club

VINÍCIUS ARKHEIN, DIVULGAÇÃO



Morgana Lima e Ricardo Bertotti habitus do Bulls Brasil aumentaram em charme a festa "Splash", a última balada do ano naquela cena

Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/colunistas/ultimas-noticias/>

Figura 9: Coluna social – janeiro de 2020 parte 2

Pioneiro 21
QUINTA-FEIRA, 2 DE JANEIRO DE 2020

Ceia

Do tipo *low profile*, o escritor e filósofo Gilmar Marçilio também foi anfitrião na virada do Ano-Novo. Ao lado da mana,

Termômetro

O festejado comandante da Academia Base 1, Paulinho Bof, engatou, terça-feira, um tour rumo à Europa na companhia da mulher, Virginia Pinto, e da filha deles, a linda, Giovana. O trio, que fez escala na França no Réveillon, ainda irá

Saete, recepcionou amigas como Rachel De Martini e Marilan Alberti com gastronomia da chef Inês Vizioli.

à Suíça e deve encerrar o tour em Dubai, no fim do mês, para escapulir do inverno do Velho Mundo e curtir a temporada nos Emirados Árabes, onde a família visitará, Amanda, filha de Paulinho, há muito radicada por lá.

Energia

Jair André Basotti e Karen Letti resolveram trocar as tradicionais viagens de fim de ano e celebraram a chegada de 2020 no elegante endereço em Farroupilha.

A reunião e o espocar dos champanhes foram motivos de alegrias extras na companhia dos amigos, entre eles, Karen Panizzon, Sergio Lopes e Filipe Maciel.

CRISTIANO DE OLIVEIRA, DIVULGAÇÃO



Jean De Souza em reunião dançante que Leo Zanotto pilotou para encerrar com alto astral o ano que passou

RENAN VIEIRA, DIVULGAÇÃO



Camila Corá quando celebrava sua graduação em Medicina

CARLOS AUGUSTO ROSA DAMASCENO, DIVULGAÇÃO



A nutricionista Ingrid Pissai e o administrador Lucas Scopel fecharam o ano realizados com a inauguração do Wonder Healthy

CRISTIANO DE OLIVEIRA, DIVULGAÇÃO



Leo Storch também vestiu branco em festa para receber 2020 de braços abertos

FERNANDO DAI PRÁ, DIVULGAÇÃO



Nicole Rosa e Walter Bertoldo Neto celebraram o amor em festa no início do mês de dezembro

Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/colunistas/ultimas-noticias/>

A própria representação estética da coluna social pode ser compreendida como um dos mecanismos pelos quais distinções sociais continuam operando. A seleção de imagens, personagens, ambientes e acontecimentos evidencia critérios implícitos de valorização que privilegiam determinados modos de vida, formas de apresentação e espaços de circulação

social. A proximidade também parece um pouco relativizada. Por mais que as notas discorram sobre caxienses ou pessoas da região, o fato de o ser humano conseguir interagir com diferentes pessoas através de uma tela faz com que a noção de distância cultural e geográfica fique menos nítida. O indivíduo pode não pertencer àquele espaço, mas a atitude de pesquisar e saber tudo a respeito de determinado evento cria a impressão de inserção no cenário. Além disso, a localização geográfica das pessoas perde parte da importância. Nas edições anteriores, se presumia que o leitor soubesse sobre quem o texto falava e entendesse que eram pessoas de Caxias do Sul ou de regiões muito próximas. Agora, essa informação é secundária e aparece ocasionalmente ao longo do texto. Com o acesso facilitado a longas distâncias, basta saber que o veículo de comunicação é caxiense e que, assim, as notícias giram em torno do seu campo de abrangência. A noção de grupo não fica restrita a apenas um município.

Paralelamente, os acontecimentos retratados parecem ser facilmente acessados pelo jornalista mediante aos seus contatos e ao próprio relacionamento que a sociedade possui com ele. Assim, o critério notabilidade surge pela viabilidade de cobrir ocorrências tratando as informações de maneira adequada, como parece ser o caso do veículo de comunicação e do profissional em questão. Nessa perspectiva, a notabilidade se torna um critério mais tangível pelas possibilidades de acesso e de repertório disponíveis para compreender a notícia. Já os critérios relevância e personificação seguem, mais uma vez, a lógica da identificação por parte do leitor. Nesses termos, a conexão ocorre quando o consumidor compreende que, em algum momento, ele pode ser a pessoa retratada porque possui semelhanças socioculturais com os personagens. O mesmo ocorre inversamente. A distância entre o conteúdo e a realidade do leitor cria uma barreira ou fomenta nele o desejo de ser parte daquele universo. Na edição de junho, na nota sobre o projeto social, o colunista explica que três empresários vêm divulgando um desafio que propõe arrecadar suprimentos para os necessitados, tendo em vista a pandemia de Covid-19. Esse é um exemplo de como um acontecimento vinculado à realidade do leitor pode atrair sua atenção pela identificação, tendo em vista que a pandemia foi um assunto de conhecimento geral.

Ainda assim, ficam questões a serem sanadas. O quão relevante é cada nota social para o leitor parece uma determinação bastante subjetiva se for considerada a pluralidade cultural e social do público. No critério personificação, porém, observa-se essa tensão implícita entre fazer o leitor se sentir parte do contexto sem perder a ideia de exclusividade que criou a atmosfera das colunas sociais ao longo das décadas. No caso da edição de janeiro e abordando novamente o preceito de notoriedade, sabe-se, pela carreira construída por João Pulita ao longo

dos seus mais de 37 anos no Pioneiro, que a figura do colunista social exerce papel fundamental na formulação do desejo por parte do consumidor.

Figura 10: Coluna social – junho de 2020

Sociedade



JOÃO PULITA

joao.pulita@pioneiro.com (54) 99973-5907

Raio-X

A leveza de espírito e a paixão pelas formas

A filha caçula de João Carlos e Ermelinda Fontana, Paula Fontana, 33 anos, arquiteta expoente da nova geração dos profissionais do setor, fala sobre tendências contemporâneas, ícones de outras épocas e suas obras. Nascida sob a égide de Escorpião, atualmente a profissional comanda o PB Estúdio de Arquitetura, ao lado da amiga e colega de métier, Bárbara Tonella. Conheça mais do conteúdo e da alma de nossa entrevistada que acredita na empatia e na resiliência como propósitos de um futuro melhor!

Qual sua lembrança mais remota da infância e a que te remete essa época? As brincadeiras no pátio da casa onde morávamos, em dias de sol, e o gosto adocicado do butiá, fruto cultivado no jardim e disputado pela vizinhança.

Qual a passagem mais importante da tua biografia e que título teria se fosse uma obra? Acredito que a formatura foi um divisor de águas em minha vida. Poderia intitular como: *Olá, Vida Adulta!*

Se pudesse voltar à vida na pele de outra pessoa, quem seria? Me aventuraria na pele de Zaha Hadid (1950-2016), uma grande mulher, que enfrentou os mais diversos preconceitos pelo seu gênero, pela sua etnia – árabe – e, acima de tudo, por ser autora de uma arquitetura de excelência e extremamente complexa.

Onde busca equilíbrio e harmonia, seja no ambiente profissional ou pessoal? O yoga passou a fazer parte de minha vida no fim do ano passado e cumpre um papel fundamental de equilíbrio entre a mente e o corpo. Algumas técnicas de respiração que pude aprender são muito eficazes e fáceis de se aplicar em qualquer ambiente.

Quais foram seus primeiros trabalhos que lhe garantiram projeção e visibilidade? Logo que me formei atuei na organização da Mostra Casa&Cia. Ali acredito que tive os primeiros contatos, conhecendo e convivendo com outros colegas de profissão, prestadores de serviços e profissionais da área.

Qual sua primeira produção como arquiteta profissional? Uma charmosa cafeteria, no município de Flores da Cunha, realizada a convite de um ex-colega do Ensino Fundamental.

Como a arquitetura e a arte impactam a vida das pessoas? A arquitetura e a arte estão em todo lugar! Ambas influenciam o cotidiano. Quando observada em grande escala, em uma cidade com sistema viário caótico, que demanda



FABIO GRISON, DIVULGAÇÃO

horas no congestionamento, a arquitetura será influência negativa na qualidade de vida. O contato com qualquer manifestação artística amplia nossos horizontes, percepções e emoções.

Qual obra de arte gostaria de ganhar ou comprar? Sou muito fã das obras da artista plástica Jane De Bhoni, a vivacidade, o colorido do estampado e a atualidade dela me cativam.

Qual seu maior orgulho profissional? Meu primeiro trabalho publicado no Anuário da Serra Gaúcha, em 2018, um apartamento para um jovem e querido casal. Grandes parcerias com fornecedores e prestadores de serviços se firmaram e este trabalho rendeu outros.

Qual foi o projeto de maior desafio? Empreender. Nesta realidade que vivemos hoje, tem sido meu projeto de desafios diários. Mas um marco arquitetônico foi a reforma civil e o projeto de interiores de uma

casa em Nova Hartz, realizada no meu primeiro ano trabalhando à frente do PB Estúdio. A experiência, o resultado e a satisfação dos clientes foram muito gratificantes.

Qual o maior arquiteto do mundo e sua grande obra? Sou muito fã do legado de Oscar Niemeyer (1907-2012), que lindamente produzia arquitetura de forma poética, rica em curvas e elementos contrastantes, como vidro e concreto. A Casa das Canoas, em São Conrado, Rio de Janeiro, projetada em 1951 e construída em 1953, é uma das obras mais lindas dele e que representa muito bem nossa arquitetura moderna.

Quais conselhos daria para quem deseja ingressar nessa profissão? Eu vivo buscando conselhos. Mas compartilho alguns aprendizados já acumulados: busque sempre referências, aprofunde-se muito e, principalmente, não se deixe abalar pelas noites mal – ou até

não – dormidas durante o período acadêmico. A persistência e o amor pela arte da arquitetura são primordiais.

Como vislumbra a cena de arquitetura contemporânea no Brasil? Dotada de todo o seu pluralismo, a arquitetura contemporânea brasileira tende a garantir às novas gerações mais e mais avanços tecnológicos, evidenciando os ligados à economia verde. Vamos aproveitar melhor recursos e materiais que a natureza nos oferece.

Acredita em casa ideal? É a que proporciona conforto, e ao mesmo tempo, reflete a personalidade de quem a habita. Não acredito em padrões engessados. Em uma casa ideal, para onde se olhe, tem de haver identificação e familiaridade com o habitante. Minha casa conta muitas histórias, o que exatamente transforma ela em um lar.

Um ícone da arquitetura e um do design... da arquitetura, a Villa Savoye, Poissy, França, projeto de Le Corbusier em parceria com Pierre Jeanneret, de 1928 a 1931. Do design, a poltrona Charles Eames, criada pelo casal Charles e Ray Eames, de 1956.

Uma peça de design atemporal: A mesa Saarinen, criada pelo arquiteto finlandês Eero Saarinen, em 1956.

Quais são os maiores e melhores designers do mundo? Philippe Starck e Christian Louboutin.

Um ambiente equilibrado é aquele... que possui funcionalidade, por meio de uma boa distribuição de mobiliário, seguindo normas básicas de conforto.

O que não pode faltar em uma casa e em um escritório? Tapetes são peças fundamentais em ambos os locais. Eles são versáteis, ajudam a “vestir” o ambiente, auxiliam no isolamento térmico e acústico e agregam muito conforto.

Um projeto dos sonhos? Criar uma casa totalmente sustentável, com o objetivo de

promover uma relação mais saudável com o meio ambiente e garantir o bem-estar dos moradores.

Qual a importância do design como fator de identidade de um povo, de uma cidade? A cultura de um lugar é composta por símbolos e elementos, os chamados signos culturais. São as produções dos designers que compõem a identidade do local.

Como se caracteriza o design que desenvolve? Existem elementos que definem a tua assinatura? Pureza e limpeza das formas, linhas contínuas, amadurecido para trazer aconchego e conforto. Para quebrar a monotonia, um toque de assimetria de vez em quando.

Fontes de inspiração? Meus pais são, sem dúvidas, minha principal fonte de inspiração pelo exemplo de seres humanos que são e os valores que sempre fizeram questão de transmitir para mim e minhas irmãs, Daniela e Andreia.

Quais músicas não saem da sua playlist? *Dizeres*, de Lorena e Sant; *Jungle*, de Tash Sultana; *Sambinha Bom*, de Malu Magalhães; e *Tevo (tu)*, de Tiago Iorc e Anavitória.

Qual a palavra mais bonita da língua portuguesa? Empatia, se houvesse em abundância o mundo seria muito melhor.

Livro de cabeceira: *Presenças da Vida*, de Emily Giffin.

Um objeto de desejo: Cadeira Barcelona, de autoria do incrível Mies van der Rohe.

Lugar preferido em casa? Meu quarto, sem dúvida é meu refúgio principal dentro de casa.

Filme para assistir inúmeras vezes: *Comer, rezar e amar*, escrito por Elizabeth Gilbert e dirigido por Ryan Murphy.

Casa boa precisa ter... conforto e identidade.

Não vivo sem: meu celular.

Uma palavra chave: resiliência.

Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/colunistas/ultimas-noticias/>

O relacionamento preservado com fotógrafos, promotores de eventos, marcas e sociedade de modo geral fornece não só material, mas também possibilidades para que ele faça suas escolhas editoriais. Hoje, o colunista João Pulita é a própria assinatura da coluna social do Pioneiro. Mesmo que, em dado momento, seu nome seja retirado das páginas, os rastros

(escolha de pauta, disposição das palavras, tipo de imagem) vinculariam esse período da coluna social do Pioneiro a um estilo (assinatura) específico. É preciso deixar claro que esta não é uma tentativa de vincular o conceito de assinatura à figura do autor, mas de exemplificar como determinadas marcas estruturantes permanecem, são reconhecidas e reaparecem em novas configurações discursivas ao longo do tempo (Derrida, 1991, 2007).

Figura 11: Coluna social – junho de 2020 parte 2

Pioneiro 13
SEGUNDA-FEIRA, 1º DE JUNHO DE 2020



ANA SALVI, DIVULGAÇÃO

Susi Quevedo, Eduardo Onzi Susin e Brenda Quevedo lideram um projeto filantrópico desafiador e contabilizam expressivo resultado



ALEX ALMEIDA, DIVULGAÇÃO

A secretária executiva e relações públicas Vânia Tonietto Brugali vive dias também dedicadas, com brilhantismo, à pesquisa, criação e edição de textos históricos e literários



JULIANO VICENZI, DIVULGAÇÃO

A fisioterapeuta Viviane Zorzi Vasata conta com o apoio do marido, André Vasata, enquanto ela coloca no papel o projeto de ampliação de sua clínica

Volume

Os linhas de frente da Lehitáge, Eduardo Onzi Susin, Brenda e Susi Quevedo, criaram um desafio para o espírito solidário dos empreendedores caxienses que atuam no W Tower, devido a pandemia causada pela covid-19.

Para atender a muitas famílias em vulnerabilidade social, eles encontraram uma forma curiosa e agregadora que motivou empresários de outros lugares para colaborar com o projeto. A loja já arrecadou duas toneladas de alimentos não perecíveis destinados para a Pastoral do Pão de Ana Rech e o Projeto Mão Amiga.

O trio está desafiando mais empresas a promoverem o mesmo gesto. "Vamos mostrar que além do espírito empreendedor, nossa cidade sabe também ser solidária", conta Brenda. Interessados em participar da campanha devem contatar pelo número (54) 99660-0470.

Juninos

O mês inicia com festa, já que aniversariam, nesta segunda-feira, os conhecidos Matheus Bombana, Flavia Gazola, Paula Triches, Mayara Reis de Oliveira e Lourdinha Grison. Amanhã, as deferências serão ao redor de Zila Turra Pieruccini, soberana da Festuva de 1958.



VICTÓRIA RUZZARIN, DIVULGAÇÃO

Carlos Eduardo Torelly Comandulli e Rosa Araújo Comandulli, celebraram os seis anos de Jayme Araújo Comandulli, com festa temática inspirada em Peter Pan

Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/colunistas/ultimas-noticias/>

A exemplo disso, na coluna de junho, a notoriedade fica, novamente, em partes, a cargo do próprio colunista. A primeira página é inteiramente dedicada a uma entrevista em formato

de pergunta e resposta feita com uma arquiteta. De antemão, não há explicação do porquê o colunista escolheria essa profissional dentre as demais. Inauguração de um novo espaço? Indicação de um contato da área? Relação com algum curador de arte que admira o trabalho da entrevistada? Todas as opções podem ser válidas. O mesmo ocorre na página seguinte, em que as notas consistem em um aniversário, uma ação social, a ampliação de uma clínica de fisioterapia, menções a um projeto social e ao trabalho de uma pesquisadora e uma relação dos aniversariantes de junho. As escolhas editoriais nem sempre explicitam os critérios que orientam a seleção das pautas, o que evidencia a presença de processos de mediação e julgamento próprios da dinâmica. Com isso, vale destacar que, apesar da falsa ideia de que o jornalista é um ser imparcial, o profissional, assim como qualquer outro, é passível de escolhas arbitrárias advindas da bagagem cultural que o constitui (mas não somente dela). Questiona-se, nessa perspectiva, a lista dos aniversariantes de junho. Esses nomes parecem compor algum tipo de arquivo do colunista e do veículo, rostos já conhecidos da coluna social, tendo em vista o número restrito de pessoas citadas. Em “O mês inicia com festa, já que aniversariam, nesta segunda-feira, os conhecidos [...]. Amanhã, as deferências serão ao redor de Zila Turra Pieruccini, soberana da Festiva de 1958” (Pioneiro, 1990, p. 13), notam-se duas ideias centrais.

Primeiro, o ideal de ‘ser conhecido’ está relacionado aos processos de reconhecimento social que atravessam a seleção e a circulação dos acontecimentos na coluna. Quando o colunista se depara com as diferenças entre o que é tido como feio e bonito, interessante e banal, desejado e rotineiro, ele entra no momento da decisão, em que, por um instante, todo o seu repertório escapa e uma escolha é feita para além do controle ou da previsibilidade. Esse caminho, porém, conforme citado anteriormente, concentra elementos de criações anteriores (rastros), sejam elas do próprio escritor, de outras pessoas ou do contexto. Por isso, seria presunçoso, no aspecto notoriedade, afirmar que o colunista seleciona as pautas de forma unicamente arbitrária. As pessoas e os acontecimentos enaltecidos nas páginas das colunas sociais apresentam cadeias complexas de signos que estão sempre ligados a outros (Derrida, 1991, 2004 e 2007). A posição de destaque que uma pessoa ocupou socialmente, como a de rainha da festa da uva em 1958, tem impacto sobre o modo como ela é referenciada mesmo décadas depois. Esse acontecimento pode ser interpretado menos como um indicativo de deslocamento social e mais como um exemplo de permanência de determinadas formas de reconhecimento e prestígio que atravessam diferentes períodos históricos. Não se pode dizer que o concurso, hoje, é o mesmo, que possui processos semelhantes ou que mantém valores tal e qual eram estabelecidos em 1958. O que é possível afirmar, entretanto, é a projeção dos rastros a longo prazo, que ainda conferem posicionamento privilegiado a certas pessoas.

Figura 12: Coluna social – dezembro de 2020

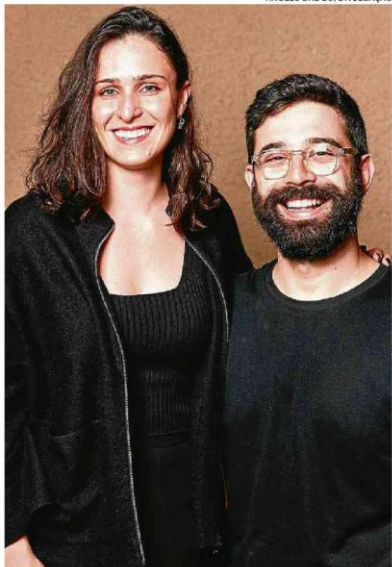
Sociedade



JOÃO PULITA

joao.pulita@pioneiro.com (54) 99973-5907

ANGELO DAL BÓ, DIVULGAÇÃO



Patricia Anselmi e Fabio Paesi, parceria na vida pessoal e profissional, conjugam talentos na apresentação da Gesto Pizza

Italianíssima

Fabio Paesi Araújo, o comandante da Gesto Pizza, que inaugurou com sucesso no último sábado, dia 28, em uma casa da década de 1940, nos domínios da Rua Alfredo Chaves, apresenta a autêntica pizza napolitana.

Tida como patrimônio cultural da humanidade pela Unesco, o prato típico é reconhecido por um certificado conferido a quem respeita os métodos de produção e escolha dos ingredientes, com o título de "Verace Pizza Napoletana", que ele está empenhado em buscar para 2021.

A estrutura do local foi restaurada pela arquiteta Jessica De Carli e possui um jardim vertical, pátio interno e referências paisagísticas inspiradas na obra de Burle Marx. Tudo idealizado por Paesi e sua namorada, a bela Patricia Anselmi.

Direito

Andreia Varaschin Webber, presidente da Comissão da Mulher Advogada – OAB Subseção Caxias do Sul, mantém um diálogo acolhedor com vítimas de violência doméstica, promovendo ações em prol da dignidade feminina.

Até o dia 10 de dezembro, o atuante grupo promove 16 dias de ativismo pelo fim da violência contra a mulher, com uma programação que pode ser conferida pelo perfil oficial no Instagram @comissaoadamulheradvogadabras.

Hoje, pelo YouTube da OAB-RS, ocorrerá uma live, às 19h, em prol da conscientização da importante causa.

Oráculo

A palestra online que a mentora do Centro Holístico Semeando Luz, Thanya Lima, realizará dia 6 de dezembro, às 18h, é uma oportunidade para quem deseja orientações a respeito das energias nos próximos meses.

Intitulada "Preparando-se para 2021", a live é baseada na vibração numerológica, principal ferramenta de estudo de Thanya.

Paralela

A escritora caxiense Emely Polli acaba de lançar sua mais recente obra intitulada *A Fábri-ca*, pela editora Virtua.

O livro conta a história de uma hipotética fábrica de artistas e questiona se a arte tem o poder de mudar o mundo.

Interessados podem adquirir a publicação, que conta com ilustrações de Matheus Bresolin, pelo perfil no Instagram @emelypolli.

JEFFERSON DEBONI, DIVULGAÇÃO



Tatielle Modelski, Camila Fruet e Camila Vieira enfeitaram ainda mais a estreia da DeCacau Store

PORTHUS JÚNIOR



Anfitrião na Casa Di Paolo Lourdes, Marcio Luiz Macagnan recepcionou o restaurateur Euclides Sirena, durante o jantar Noite Feliz, em sistema drive-thru, na última semana

PORTHUS JÚNIOR



As voluntárias da PATNA, Lais Zandomeneghi, Loris Magalhães, Maria de Lourdes Grison e Estanislawa Guerra, trabalharam pelo sucesso do jantar Noite Feliz, no Di Paolo Lourdes

Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/colunistas/ultimas-noticias/>

Figura 13: Coluna social – dezembro de 2020 parte 2



Marli Trentin e Maria Amélia Duarte Flores colaboraram em atenções ao redor de Maria Reis, que lançou espumante homônimo, sexta-feira, na Casa do Comendador



A presidente e a vice da Confraria do Champagne da Serra Gaúcha, Neiva Nora e Tatiana Biffi, presenças no jantar de apresentação do espumante Maria Reis

Borbulhante

A empresária, confeiteira do espumante da Serra gaúcha e agora também sommelière Maria Reis apresentou, sexta-feira, na Casa do Comendador, sua estreia no métier com o Espumante Maria Reis Champenoise Brut Nature 1ª Edição.

Depois de três anos debruçada no projeto e assessorada pelo enólogo Arlindo Menoncin, Maria lançou um lote de 800 garrafas. A proposta ganhou evidência durante jantar harmonizado pela chef de cozinha Inês Vizioli com dicas da enolo-

ga Maria Amélia Duarte Flores em encontro que contou com a presença dos filhos e da nora da anfitriã, Raquel e Rafael Reis e Luciane Rossi, da presidente e da vice da Confraria do Champagne da Serra Gaúcha, Neiva Nora e Tatiana Biffi, e do renomado empresário do setor hoteleiro e incentivador da cultura na região, Tarcísio Michelin. As confeiteiras, Roselene Ferreira, Marli Trentin, Karen Panizzon e Maria Ivanice Tonolli, brindaram o elogiado feito de Maria.

FOTOS DANIEL HERRERA. DIVULGAÇÃO



Maria Reis foi a aplaudida anfitriã, sexta-feira, na Casa do Comendador, o Espumante Maria Reis Champenoise Brut Nature 1ª Edição

Ciranda

Depois de viverem o clima aventureiro em percorrer uma trilha no interior, no último dia 7 de novembro, agora, as 16 debutantes do Recreio da Juventude evidenciarão o gosto pelo handmade. Na tarde desta quinta-feira (3), as meninas se reunirão no Loft da Sede Social da agremiação para participar da atividade *Artesanato: Fazendo Arte*. Na ocasião, confec-

cionarão uma luminária, com materiais alternativos e muita criatividade.

A atual rainha da agremiação, Ana Júlia Sachet Britz, acompanhará de perto os trabalhos. O grupo oficial que brilhará no Baile de Gala do Recreio da Juventude, previsto para o dia 27 de março, nos salões do clube, é elencado por: Bárbara Zucco, Bianca Andre-

azza Fiorentini, Bruna Botega, Eduarda de Oliveira Dotto, Eduarda Pires Tajés, Helena Almeida Basso, Juliana Betoni Uliana, Laura Bossle Stecanela, Livia Rodrigues Moschen, Louise Buffon, Maria Eduarda Rodrigues, Marina Gomes Schossler, Nathalie Buffon, Rafaela Bortolotto Zolet, Rafaela Fontana Barea e Veridiana Ceola Hügen.



A nora e os filhos de Maria Reis, Luciane Rossi, Rafael e Raquel Reis, aplaudiram o feito

Acadêmico

Uma das maiores redes de ensino setorizado do país, o Instituto Odontológico das Américas agora também está instaurado no Olavo Bilac Corporate, nos domínios do bairro Rio Branco.

A escola já conta com quatro especializações – Harmonização Orofacial, Ortodontia,

Periodontia e Implantodontia e Prótese e Dentística – que terão início das aulas em fevereiro de 2021, sendo duas delas com dupla certificação, que reduz o tempo de formação do profissional. O projeto desembarca por estas plagas sob a chancela do cirurgião-dentista, Fabrício Ruzzarin.

Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/colunistas/ultimas-noticias/>

Já em dezembro de 2020, a notoriedade aparece vinculada a pessoas que protagonizaram ações, eventos e lançamentos. Mesmo que as escolhas não sejam totalmente puras ou privadas de intenção – pois isso, como já comentado, é uma utopia –, fica claro o motivo pelo qual cada um é citado, pois as marcas do estilo da coluna já estão tão internalizadas que essa compreensão é previsível. A exemplo disso, pode-se citar a inauguração da pizzeria, a palestra holística, o

lançamento de um livro, o trabalho de uma advogada em prol das mulheres, a ação de Natal, a apresentação de um novo espumante, o cronograma de atividades das debutantes do Recreio da Juventude e a inauguração de um novo espaço para cursos vinculados ao ramo da odontologia. Todas essas citações – incluindo o nome das pessoas associadas a elas – ocorrem a partir do movimento, ou seja, o personagem exerce algum tipo de influência e, assim, tem seu espaço na coluna social.

A ideia de ampliação do acesso à visibilidade social proporcionada pelos meios digitais é atravessada pelo fato de que continuam existindo critérios de seleção, reconhecimento e legitimidade para que determinados sujeitos ocupem seu espaço nas páginas do jornal. Na edição de janeiro, é possível observar distinções criadas por recursos textuais que retomam estilos usados nas edições de outras décadas, como se o texto ‘falasse’ que as características essenciais das colunas sociais ainda existem. Isso ocorre quando o jornalista se refere a dois convidados dizendo que eles são “habitués” de determinada festa (Pioneiro, 2020, p. 20) ou quando afirma que certas pessoas “celebraram a chegada de 2020 em um elegante endereço em Farroupilha” (Pioneiro, 2020, p.21). O texto mistura elementos clássicos e contemporâneos em uma adequação à nova realidade. Indicar quem são esses personagens, com quem eles se relacionam, para onde viajam, quais são os amigos que participam de suas comemorações, que lugares frequentam e que empreendimento inauguram exemplifica que alguns espaços até podem ser ocupados por um número maior de pessoas, mas nem sempre serão.

Em dezembro, a relevância é demonstrada na escolha das pautas, que estão vinculadas ao dia a dia da população caxiense, mais especificamente à inauguração de novos espaços e à ação em defesa das mulheres, notícia que pode estar conectada, inclusive, à necessidade de certas leitoras. O restante ganha sua importância ao tratar de questões que fazem parte da dinâmica social de Caxias do Sul. Mesmo que o leitor não participe diretamente dos eventos mencionados, a pertinência é construída pela função de registrar e divulgar acontecimentos considerados representativos da vida social da cidade e da região. Entretanto, a personificação não é um fator tão óbvio. Nesse caso, a identificação vem a ocorrer com o público feminino de modo geral e, mais especificamente, com mulheres que estejam passando por algum tipo de violência. O mesmo pode-se dizer de leitores que estão buscando inspiração para empreender e a encontram nas pessoas que promovem seus negócios mesmo em um ano de pandemia. Na coluna social, a personificação nunca é tão evidente, pois está conectada a fatores específicos, como classe social, gênero, profissão, idade, valores, dentre tantos outros pontos.

A fim de perceber permanências e transformações nas colunas sociais de 2020, ratificam-se alguns trechos: “o arquiteto [...] com sua amada [...] na festividade que evidenciou

os feitos [...]” (Pioneiro, 2020, p. 20); “[...] promovem um banho de criatividade em cores e formas para causar ainda mais em 2020” (Pioneiro, 2020, p.20); “[...] lançaram em dezembro o projeto FRUTA, idealizado ainda em setembro, depois de uma viagem que elas protagonizaram pelos cenários de Lima, no Peru” (Pioneiro, 2020, p.20); “[...] encerraram o ano com promessa de vida a dois” (Pioneiro, 2020, p 20); “[...] engatou, terça-feira, um tour rumo à Europa [...]. O trio [...] deve encerrar o tour em Dubai, no fim do mês, para escapular do inverno do Velho Mundo e curtir a temporada nos Emirados Árabes [...]” (Pioneiro, 2020, p.21); “Nascida sob a égide de Escorpião” (Pioneiro, 2020, p.12); “Tudo idealizado por Paesi e sua namorada, a bela [...]” (Pioneiro, 2020, p.20); “O grupo oficial que brilhará no Baile de Gala do Recreio da Juventude” (Pioneiro, 2020, p.21). Se os textos das colunas de 2020 forem analisados como um todo, percebe-se uma redução na quantidade de metáforas, adjetivos e figuras de linguagem em relação às décadas de 1970 e de 1990. Ainda assim, como marcas estruturais do estilo, passagens que fogem ao modelo pragmático do jornalismo convencional podem ser encontradas. Nas frases/palavras exemplificadas acima, é possível indicar um exagero (no sentido numérico, em oposição ao restante do veículo) de recursos linguísticos usados para elogiar e enaltecer figuras, destacar privilégios e deslocamentos sociais, bem como conceder um tom mais poético – até literário – ao conteúdo.

A partir das análises realizadas neste capítulo, observa-se uma articulação entre as escrituras das colunas sociais, as formas de apresentação do cotidiano, os padrões lexicais, o destaque ou apagamento de figuras, as relações entre presença, ausência e rastro e as marcas de deslocamento cultural. A leitura orientada pela desconstrução derridiana permite compreender como as colunas sociais, ao longo das décadas, preservam determinadas regularidades discursivas e, simultaneamente, produzem deslocamentos na forma de representar sujeitos, acontecimentos, valores e modos de pertencimento. Desse modo, a pesquisa evidencia que os sentidos produzidos pelas colunas não são fixos nem plenamente determinados pelo contexto imediato, mas resultam de relações diferenciais, permanências, ausências e reinscrições que atravessam a linguagem jornalística.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos conteúdos trabalhados no desenvolvimento dos capítulos, procurou-se alcançar os objetivos – geral e específicos – delineados, bem como responder ao problema de pesquisa. Com o presente estudo, formula-se uma abordagem pouco explorada quanto às interpretações da linguagem. Isso porque, nas buscas previamente realizadas, não foram identificados estudos com características semelhantes cujo objeto fosse uma coluna social da Serra Gaúcha, tampouco do jornal *Pioneiro*, de Caxias do Sul. Ademais, abordando aspectos da linguagem em uma perspectiva não comum aos textos jornalísticos, integrou-se o material advindo da coluna social do *Pioneiro* à noção desconstrutiva proposta pelo filósofo francês Jacques Derrida. Por meio das escrituras, dos rastros, das diferenças, dos acontecimentos, das assinaturas e das estruturas, apresentaram-se considerações para suprir o propósito central da pesquisa.

Os objetivos propostos foram alcançados ao longo do desenvolvimento da dissertação. A fundamentação teórica permitiu compreender os conceitos de escritura e de rastro no contexto da desconstrução derridiana, bem como discutir questões históricas e conceituais do jornalismo e da coluna social. Com base nesse referencial, as análises interpretativas e comparativas do *corpus* possibilitaram identificar permanências, deslocamentos e transformações culturais presentes nas colunas sociais do jornal *Pioneiro* nas décadas de 1970, 1990 e 2020.

Portanto, a fim de responder à questão “De que maneira os conceitos de escritura e de rastro, a partir de Derrida, contribuem para evidenciar as mudanças culturais presentes na coluna social do jornal *Pioneiro* nos anos de 1970, 1990 e 2020 que justifiquem a mútua influência entre veículo de comunicação e sociedade?”, cujo enunciado também compõe o objetivo geral, destacam-se os seguintes pontos: a escritura, como discutido anteriormente, está fundamentada em uma concepção muito mais ampla da linguagem do que a escrita gráfica como representação da fala. Nas obras de Derrida, ele direciona suas reflexões para os atravessamentos de sentido em torno do termo escritura, demonstrando, dessa forma, que nenhum signo possui significação fixa, e sim formulações baseadas em rastros anteriores, naquilo que fica e ‘contamina’ ou influencia o presente. Assim, a escritura, bem como o rastro, não diz respeito a um período específico no tempo e no espaço, mas a construções de sentido contínuas, interligadas, distorcidas ou corroboradas pela ação do tempo. Nas colunas sociais, aplicam-se tais conceitos ao entender que uma edição de jornal simplesmente não ‘nasce’. Ela faz parte de uma estrutura complexa de encadeamentos complementares e influenciados pelos rastros significantes. Todo esse mecanismo, em um paradoxo, é, ao mesmo tempo, mutável e

formador de uma base sólida, em que comportamentos e padrões são reproduzidos e adaptados a diferentes cenários. Trocam-se características inerentes às assinaturas e permanecem rastros, tensões, hierarquias e efeitos do discurso que fazem parte desse processo e tornam a coluna social reconhecível tanto em 1970 quanto em 2020.

Toda essa visão desconstrutiva a respeito das colunas sociais – mais especificamente sobre as edições que compõem o *corpus* – torna factível identificar transformações culturais ocorridas no decorrer das décadas. Historicamente, as colunas sociais são espaços para registro dos hábitos humanos, especialmente no que tange às classes mais abastadas. Ao tratar do teor comportamental, configuram-se padrões que podem ser lidos como manifestações da cultura. A exemplo disso, nesta pesquisa, foi possível verificar como, entre 1970, 1990 e 2020, houve uma gradativa mudança em relação a representação do papel das mulheres na sociedade. Paralelamente, a empolgação explícita voltada às elites se tornou mais discreta e restrita às entrelinhas, ajustando-se a um contexto democratizado pelo acesso à informação (dadas as devidas proporções). Pode-se citar, conjuntamente, as diferenças visuais apresentadas nas colunas sociais com o crescimento dos recursos imagéticos, o que demonstra a evolução de uma comunidade documentada nas páginas do jornal, finalidade primordial do jornalismo, que encontra no público a inspiração e o destino para o seu trabalho. As fotos deixaram de ocupar posição secundária para assumir um lugar de protagonismo. Em contraponto, observou-se a manutenção de estruturas estéticas e editoriais que traduzem um grupo também apegado às suas crenças anteriores e impactado pelos rastros.

Os pontos citados acima são apenas alguns dos inúmeros fragmentos documentados no capítulo quatro que permitem observar o lugar da coluna social como recurso de legitimação e registro das mudanças culturais derivadas de movimentações vivenciadas em sociedade. Com isso, a identificação de todos esses artefatos nos textos das colunas sociais, bem como a manutenção da sua existência no decorrer das décadas, constitui um indicativo relevante da mútua influência entre veículo de comunicação e sociedade. Além disso, no decorrer dos estudos, foi possível observar a expressiva interação entre jornal e, principalmente, colunista social e seu público. Convites enviados à redação do Pioneiro, discursos direcionados especificamente ao leitor, referências a episódios anteriores – formando uma linha de acontecimentos na mente do consumidor fiel –, requerida presença dos colunistas em eventos de grande prestígio e utilização de linguagem próxima em relação ao público (inclusive com laços pessoais de amizade) são alguns exemplos de como ocorre esse vínculo recíproco baseado em evidências culturais e constatado pelas escrituras e pelos rastros. Compreende-se que a

coluna social depende da população para existir simultaneamente a grupos específicos que se alimentam do veículo de comunicação para manter lugares de privilégio ou de destaque.

Pode-se afirmar, assim, que o presente estudo cumpriu seus objetivos, do mesmo modo que permitiu responder ao problema de pesquisa. Para ocasiões futuras, especula-se a ampliação para pesquisas semelhantes, que vinculem os textos das colunas sociais – do Pioneiro e de outros veículos de comunicação – à leitura da desconstrução, enfoque esse que se mostrou eficiente na consecução da proposta firmada. Ao aproximar a desconstrução derridiana do estudo das colunas sociais, evidenciou-se que os textos jornalísticos podem ser compreendidos como espaços de inscrição de rastros culturais, nos quais permanências e transformações se articulam continuamente. Nessa perspectiva, a coluna social revela-se não só como um meio de registro de acontecimentos, mas também como um lugar privilegiado para a observação de uma comunidade que produz, preserva, reconfigura sentidos e os atribui a si mesma ao longo do tempo. A vinculação da escritura, do rastro, da *différance*, do acontecimento e da assinatura aos formatos jornalísticos permite uma visualização ampla e complexa da linguagem, abordando aspectos técnicos comumente tratados pelos estudiosos da profissão, mas primordialmente mecanismos que explicam a cocriação entre veículo de comunicação e sociedade.

Do ponto de vista teórico, a pesquisa demonstrou a fecundidade dos conceitos derridianos de escritura e de rastro para a análise de textos jornalísticos. Embora amplamente mobilizados em estudos filosóficos, literários e linguísticos, tais conceitos mostraram-se igualmente produtivos para a compreensão da coluna social enquanto espaço de produção, circulação e transformação de sentidos culturais. Nesse contexto, a desconstrução não foi utilizada como referencial interpretativo isoladamente, mas como perspectiva capaz de evidenciar os processos pelos quais determinados valores, hierarquias e formas de sociabilidade são inscritos, reiterados e transformados ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Cláudio. **A Regra do Jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A Construção da Notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BAHIA, JUAREZ. **Jornalismo, Informação, Comunicação**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1971.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica: as técnicas do jornalismo**. São Paulo: Ática, 1990.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Interpretativo: Filosofia e Técnica**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à Filosofia do Jornalismo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

BENETTI, Marcia. **Revista e jornalismo: conceitos e particularidades**. In: TAVARES, Frederico de Mello Brandão; SCHWAAB, Reges (org.). *A revista e seu jornalismo*. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 44-57.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL BRASIL. **Hemeroteca Digital Brasileira**. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em 10 jul. 2025.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 3. ed., 1. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CÂMARA MUNICIPAL DE CAXIAS DO SUL. **Legislativo caxiense homenageia os 50 anos de colonismo social de Paulo Gargioni**. Disponível em: <https://www.camaracaxias.rs.gov.br/noticias/index/11814>. Acesso em: 28 out. 2025.

CAMPBELL, Colin. **Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno**. In: BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin (org.). *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

DERRIDA, Jacques. **Margens da filosofia**. Tradução de Joaquim Torres Costa e Antônio M. Magalhães. Revisão técnica de Constança M. Cesar. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

DERRIDA, Jacques. **Escritura e a Diferença**. 2. Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.

DERRIDA, Jacques. **Posições**. [s.e]. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2001.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

DERRIDA, Jacques. **Papel-Máquina**. Tradução de Evandro Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

DERRIDA, Jacques. **Carta a um amigo japonês**. In: OTTONI, Paulo (org.). Tradução: a prática da diferença. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, 2005. p. 21-27.

DERRIDA, Jacques. **Força de lei: o fundamento místico da autoridade**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. Disponível em: <https://www.dicio.com.br>. Acesso em: 14 nov. 2025.

GONÇALVES, J. H. R. **Escavando o chão da futilidade: colunas sociais, fontes para o estudo de elites locais**. Revista de História Regional, [S. l.], v. 4, n. 2, 2007. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2082>. Acesso em: 8 out. 2025.

GZH. **Pioneiro Digital**. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/ultimas-noticias/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

LAGE, Nilson. **Linguagem Jornalística**. São Paulo: Editora ática, 1985.

LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. São Paulo: Editora ática, 1993.

LIONS INTERNACIONAL. **Quem somos**. Disponível em: <https://www.lionsclubs.org/pt/discover-our-clubs/interactive-timeline>. Acesso em: 14 nov. 2025.

LOVISON, Caroline Foss. **Requinte, autoridade e sofisticação: a revista Casa Vogue como produtora de conteúdo do jornalismo especializado**. Repositório Institucional UCS, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/11338/11030>. Acesso em: 10 jul. 2025.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1998.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker, 2001.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Ser jornalista: o desafio das tecnologias e o fim das ilusões**. São Paulo: Paulus, 2009.

PIONEIRO. Caxias do Sul, ano XXII, n. 32, 6 jun. 1970.

PIONEIRO. Caxias do Sul, ano XXIII, n. 11, 10 jan. 1970.

PIONEIRO. Caxias do Sul, ano XXIII, n. 5, 5 dez. 1970.

PIONEIRO. Caxias do Sul, ano 42, n. 4.412, 2 jan. 1990.

PIONEIRO. Caxias do Sul, ano 42, n. 4.539, 1 jun. 1990.

PIONEIRO. Caxias do Sul, ano 43, n. 4.692, 1-2 dez. 1990.

PIONEIRO. Caxias do Sul, ano 72, n. 13.686, 2 jan. 2020.

PIONEIRO. Caxias do Sul, ano 72, n. 13.815, 1 jun. 2020.

PIONEIRO. Caxias do Sul, ano 73, n. 13.572, 1 dez. 2020.

PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL. **Mais 20 personalidades ligadas aos 132 anos de Caxias do Sul terão árvores plantadas em seus nomes neste sábado.** Disponível em: <https://caxias.rs.gov.br/noticias/2022/08/mais-20-personalidades-ligadas-aos-132-anos-de-caxias-do-sul-terao-arvores-plantadas-em-seus-nomes-neste-sabado-13>. Acesso em: 28 out. 2025.

REFKALEFSKY, Eduardo. **Para Além do Lide: O jornalismo interpretativo brasileiro**, 1997. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/17617680000be8aa4f85b9fa8853a290.pdf>. Acesso em: 24 out. 2021.

SILVA, Paula Francinetti da. **A coluna social como gênero de fofoca**. 2010. 166 f., il. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/9168>. Acesso em: 08 out. 2025.

SOUZA, Rogério Martins de. **O cavalheiro e o canalha: Maneco Müller, Walter Winchell e o apogeu dos colunistas sociais após a Segunda Guerra Mundial**. In: Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos. 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r1268-1.pdf>. Acesso em: 08 out. 2025.

SOUZA, Rogério Martins de. **Dos canapés à política: a reinvenção permanente do colunismo como gênero jornalístico**. 2009. Tese (Doutorado em Comunicação). Escola de Comunicação, UFRJ, 2009. Disponível em: https://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?tease=8. Acesso em: 30 abr. 2025.

TAVARES, Frederico de Mello B; SCHWAAB, Reges. **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: AMGH, 2001. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788565848398/pageid/104>. Acesso em: 29 mar. 2022.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **O jornalismo especializado e a especialização periodística**. Estudos em Comunicação, n. 5, p. 115-130, maio 2009. Disponível em: <https://ec.ubi.pt/ec/05/pdf/06-tavares-acontecimento.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2022.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teorias e histórias**. Lisboa: Vega, 1999.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. 3. ed. rev. Florianópolis: Insular, 2013. v. 2. 208 p. ISBN 978-85-7474-660-9.

TRAVANCAS, Isabel. **A coluna de Ibrahim Sued: um gênero jornalístico**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo: XXIV, n. 1, p. 109-122, 2001. Disponível em:

<https://www.recensio.ubi.pt/modelos/documentos/documento69e8.html?coddoc=960>. Acesso em: 08 out. 2025.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. Tradução de Vanise Dresch. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004. 286 p. ISBN 85-7431-234-7. Disponível em: catálogo da Biblioteca do Instituto Federal de Brasília. Acesso em: 08 out. 2025.

WOLF, Mauro; DE FIGUEIREDO, Maria Jorge Vilar. **Teorias da comunicação**. Presença, 1987.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 2001.

ZEEVALLOS, Verónica Pilar Gomezjurado. **Ética do impossível**: um estudo da justiça a partir de Derrida e Levinas. 2014. 144 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade do Vale dos Sinos, 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3640>. Acesso: 13 set. de 2024.